

1 PEDRO

ÍNDICE

1 PETER

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The First Letter of Peter

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução a Primeira Pedro****Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5****PREFÁCIO A TIAGO, 1 E 2 PEDRO**

A Epístola de *Tiago* sofreu longamente por causa das severas críticas de que foi objeto por parte de Martinho Lutero. Não é possível esquecer facilmente que Lutero a chamou "uma simples epístola de palha", afirmando, além disso, que não pôde encontrar nela a Cristo (Os Prefácios Bíblicos de Lutero, inclusive o Prefácio a *Tiago*, podem ser encontrados em *Reformation Writings of Martin Luther*, vol. II, traduzidos por Bertram Lee Woolf). Inevitavelmente a pessoa se aproxima de *Tiago* sentindo que se trata de um dos livros menos importantes do Novo Testamento. Entretanto, em meu caso particular, quanto mais me aproximei da Epístola de *Tiago* tanto mais significativa resultou para mim esta breve carta. E. U. Blackman cita este veredicto de Marty a respeito de *Tiago*: "A Epístola é uma obra mestra de vigorosa e reverente simplicidade". Pode ocorrer que algum leitor comece o estudo de *Tiago* como um dever mas que — assim como eu — o termine como um deleite.

A Epístola de *Tiago* foi afortunada quanto a comentaristas. Em primeiro lugar estão os comentários do texto grego. O de J. B. Mayor, nos Comentários Macmillan, é uma das maiores obras deste gênero na língua inglesa. O de J. H. Ropes no *International Critical Commentary* é um modelo de equilibrada e metódica erudição. O de W. O. E. Oesterley no *Expositor's Greek Testament* é muito útil e, tal como se pode esperar de seu erudito autor, é especialmente esclarecedor com respeito ao pensamento e às crenças judias que formam o pano de fundo da Carta. O

de A. Carr en el *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* é de menores proporções mas, mesmo assim, muito proveitoso.

Em segundo lugar temos os comentários ao texto inglês. No *Moffatt Commentary* James Moffatt preparou o volume correspondente às Epístolas Gerais, das que *Tiago* forma parte. Trata-se de um trabalho muito útil, ainda que algo superficial. Dentre os comentários de bem recente publicação o de R. V. G. Tasker nos *Tyndale Commentaries* representa uma erudição conservadora em sua melhor expressão e é de grande utilidade. O volume correspondente nos *Torch Commentaries*, por E. C. Blackman, é um dos mais destacados dessa série. O comentário por B. S. Easton em *The Interpreter's Bible* é estimulante e inspirador.

Para mim mesmo *Tiago* foi um redescobrimento. Tenho a esperança de que o presente Comentário possa também ajudar a outros a descobrir esta Epístola.

Primeira e *Segunda Pedro* são Cartas muito distintas. Por sua calidez e simplicidade. *Primeira Pedro* é uma das mais apreciadas Epístolas do Novo Testamento. Pelo contrário, *Segunda Pedro* (assim como *Judas*, com a qual está estreitamente relacionada) é um Livro principalmente esquecido. *Segunda Pedro* e *Judas* se movem num mundo em grande medida desconhecido para nós, mundo este estranho até mesmo para o estudioso da Bíblia. Grande parte das figuras e alegorias, assim como a do pensamento e ilustrações destas Epístolas, não são tiradas do Antigo Testamento mas sim da literatura escrita no período intermediário entre os dois Testamentos. Esta literatura é quase desconhecida para nós, mas naquele então era imensamente popular. Por tal razão nossas explicações a respeito do texto de *Segunda Pedro* tiveram que ser um tanto extensas. Sei que requererá certo esforço mover-se através de *Segunda Pedro*, mas também sei que tal esforço será, em definitiva, amplamente justificado.

As duas Epístolas de Pedro e a de Judas são com freqüência encaradas junto nos Comentários. As três Epístolas são tratadas num só volume no *International Critical Commentary* por C. Bigg, volume este

que é produto de erudição sadia ainda que conservadora. Deste modo aparecem num mesmo volume, por E. H. Plumptre na *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, obra que hoje é antiga, mas ainda está cheia de esclarecedora sabedoria. Também são encaradas junto por James Moffatt no volume sobre *The General Epistles* del *Moffatt Commentary*.

Sobre *Primeira Pedro* há dois notáveis comentários modernos. O denso trabalho de E. G. Selwyn nos *Macmillan Commentaries* já ocupou seu lugar entre os grandes comentários em língua inglesa. O comentário de F. W. Beare é muito mais radical em suas conclusões, mas reveste singular importância. Pessoalmente tenho uma especial dívida de gratidão com a breve exposição de C. E. B. Cranfield, obra mestra de sucinta mas lúcida e iluminadora exposição. Minha dívida para com tal obra faz-se evidente em cada página de meu próprio livro. Em *The Interpreter's Bible* a exposição a cargo de A. M. Hunter é definidamente proveitosa. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um avultado e útil volume sobre *Primeira Pedro* escrito por G. W. Blenkin.

A bibliografia sobre *Segunda Pedro* é muito menos abundante. Os Comentários Macmillan incluem um extenso volume sobre *Segunda Pedro*, junto com *Judas*, escrito por J. B. Mayor. Trata-se de um monumento de erudição neotestamentária e clássica comparável com o volume que o mesmo autor dedicou a *Tiago*. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um excelente ainda que breve volume escrito por M. R. James.

Nada jamais diminuirá o atrativo de *Primeira Pedro*. Por sua parte, pode ser que *Segunda Pedro* não tenha a mesma fascinação, mas poucos livros há no Novo Testamento que melhor nos capacitem para perceber os insidiosos ataques que foram feitos contra a doutrina e contra a ética cristãs em dias da Igreja primitiva. Contra tais ataques os escritores do Novo Testamento tiveram que erigir suas defesas, razão pela qual este documento bíblico resulta de suma importância.

É minha esperança e meu rogo a Deus que esta exposição capacite aos quais a leiam para valorizar e apreciar mais as epístolas aqui comentadas.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos

para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO A PRIMEIRA PEDRO

As Epístolas Gerais ou Universais

Primeira Pedro pertence ao grupo de Cartas do Novo Testamento conhecidas com o nome de *Epístolas gerais ou universais (católicas)*. Duas explicações podem dar-se a respeito destes títulos.

(1) Sugeriu-se que estas Epístolas foram chamadas universais (católicas) ou gerais porque iam dirigidas à Igreja em geral, diferente das Cartas de Paulo que foram enviadas a congregações individuais, particulares. Mas não é assim. Por exemplo: Tiago está destinada a uma comunidade muito específica, embora amplamente espalhada: as doze tribos que estão dispersas (Tiago 1:1). Não é necessária uma observação detida para advertir que a Segunda e a Terceira Epístolas de João estavam destinadas a comunidades muito definidas; e ainda que 1 João não tem destinatário determinado, é evidente que foi escrita tendo em mente as necessidades de uma comunidade específica e os perigos a que esta se acha submetida. A própria 1 Pedro foi escrita para os estrangeiros dispersos através do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1 Pedro 1:1). É verdade que estas Epístolas gerais têm um alcance mais amplo que as Cartas de Paulo, mas nem por isso pode-se dizer que foram dirigidas à Igreja em geral dado que, como se vê, todas elas têm em mente uma comunidade definida.

(2) Vejamos agora a segunda explicação com relação ao nome dado a estes escritos. Sugeriu-se que estas Cartas foram chamadas *universais* ou *gerais* devido ao fato de que foram aceitas como Escritura por toda a Igreja, diferente de um grande número de epístolas que somente desfrutaram de uma autoridade local e temporária mas que nunca figuraram na categoria de Escritura. Na época em que estas epístolas foram redigidas se registrava na Igreja uma grande atividade quanto à publicação de cartas. Ainda hoje possuímos muitas das epístolas que datam daquela época. Por exemplo, a Carta de Clemente de Roma a Corinto; a Carta de Barnabé, as Cartas de Inácio e as Cartas do Policarpo. Todas elas eram muito apreciadas para as igrejas às quais iam dirigidas, mas nunca se considerou que sua autoridade se estendesse à Igreja em geral; pelo contrário, estas Cartas *gerais* ou *universais* foram obtendo gradualmente um lugar na Escritura e chegaram a ser aceitas por toda a Igreja. Esta é, pois, a verdadeira explicação do nome que lhes foi dado.

A Carta afetuosa

De todas estas Epístolas gerais talvez pudesse dizer-se que 1 Pedro é a melhor conhecida e a mais apreciada e lida. Ninguém jamais duvidou quanto a seu atrativo e encanto. Moffat escreve a respeito disto: "O belo espírito da pastoral resplandece através de qualquer tradução do texto grego. Afetuosa, amante, modesta e humilde são os quatro adjetivos que Isaak Walton emprega para referir-se às epístolas de Tiago, de João e de Pedro, mas é 1 Pedro a que os merece especialmente".

Está escrita como fruto do amor do pastor que deseja ajudar a seu povo que atravessa por tempos difíceis e ao qual esperam coisas ainda piores. "A nota dominante — diz Moffat — é o permanente alento que dá a seus leitores para que se mantenham firmes em sua conduta, sua inocência e seu caráter." Tem-se dito que a característica distintiva de 1 Pedro é seu *calidez*. E. J. Goodspeed escreveu: "Primeira Pedro é uma das mais

comovedoras peças da literatura do período da perseguição". Até o dia de hoje esta Carta é uma das mais fáceis de ler de todo o Novo Testamento, porque nunca perdeu sua atração para com os sentimentos humanos.

A dúvida moderna

Até tempos relativamente recentes poucos teriam abrigado dúvida a respeito da autenticidade de 1 Pedro. Renan — que de modo nenhum era um crítico conservador — escreveu: "A Primeira Epístola [de Pedro] é um dos escritos do Novo Testamento que desde tempos mais remotos e em forma mais unânime foram citados como genuínos". Não obstante, em época mais próxima a paternidade literária de Pedro com relação a esta Epístola foi repetidamente posta em tela de juízo.

O mais recente comentário em inglês, o de F. W. Beare, publicado em 1947, chega ao extremo de afirmar: "Não pode haver dúvida quanto a que 'Pedro' é um pseudônimo". Quer dizer, Beare não duvida de que outra pessoa escreveu esta Carta sob o nome do apóstolo. Com toda honestidade prosseguiremos considerando este ponto de vista, embora de nossa parte não o compartilhamos de modo nenhum. Primeiro, exporemos o ponto de vista tradicional e que nós aceitamos sem vacilações de nenhuma espécie. Quer dizer: que 1 Pedro foi escrita de Roma, pelo próprio Pedro, em torno do ano 67 de nossa era, imediatamente depois da perseguição dos cristãos ordenada por Nero, aos seguidores de Cristo residentes naquelas partes da Ásia Menor que se mencionam no começo da mesma.

Qual é, pois, a evidência em favor de uma data tão anterior e, portanto, em favor também da tese de que Pedro é o autor da mesma?

A Segunda Vinda

Quando vamos à Epístola em si encontramos que ela se acha intensa e profundamente interessada na Segunda Vinda. A espera da

Segunda Vinda de Cristo ocupa o primeiro plano de seu pensamento. Os cristãos estão sendo guardados para a salvação que será revelada no último tempo (1:5); aqueles que guardem a fé serão salvos do juízo vindouro (1:7). Têm que esperar a graça que virá com a revelação de Jesus Cristo (1:13). Aguarda-se o dia da visitação (2:12); o fim de todas as coisas está próximo (4:17). Aqueles que sofrem com Cristo também se alegrarão com Ele quando sua glória for revelada (4:13); o juízo tem que começar pela casa de Deus (4:17); o próprio autor está seguro de participar ele mesmo da glória vindoura (5:1). Quando aparecer o Príncipe dos Pastores os cristãos fiéis receberão uma coroa de glória (5:4). Desde o começo até o fim da Carta a Segunda Vinda se apodera do primeiro plano na mente do autor. Este é o motivo para perseverar na fé, para viver lealmente uma vida cristã e para suportar corajosamente os sofrimentos que já estão padecendo e os outros que ainda virão.

Agora, não seria justo dizer que a Segunda Vinda alguma vez desapareceu das crenças cristãs. O que na verdade pode-se dizer é que foi deixando de ocupar um primeiro plano à medida que passava o tempo e o retorno não se produzia. É significativo, por exemplo, que em Efésios — que é uma das últimas Epístolas de Paulo — não se menciona a Segunda Vinda. Nesta base, portanto, é razoável supor que 1 Pedro é um escrito que nos chega dos dias em que os cristãos viviam excitados esperando a Volta do Senhor em qualquer momento.

Simplicidade de organização

É evidente, além disso, que 1 Pedro nos vem de uma época quando a organização da Igreja era muito simples. Não há menção de diáconos. Menos ainda se menciona *episkopos*, o bispo, que começa a surgir nas epístolas pastorais e chega a ser proeminente nas cartas de Inácio durante a primeira metade do século II. Os únicos dirigentes mencionados são os anciãos: "... os anciãos que estão entre vós, eu ancião também com eles"

(5:1, Reina Valera Revisada 1995). Também nesta base é razoável supor que 1 Pedro nos chega de uma época anterior.

A teologia da Igreja primitiva

O mais significativo de tudo é que a teologia desta epístola é a mesma teologia da Igreja mais primitiva. E. G. Selwyn fez um detalhado estudo deste aspecto, demonstrando além de toda dúvida que as idéias teológicas de 1 Pedro são, precisamente, as mesmas que encontramos registradas nos sermões de Pedro nos primeiros capítulos de Atos.

A pregação da Igreja primitiva estava baseada em cinco idéias principais. Uma das maiores contribuições de C. H. Dodd ao estudo científico do Novo Testamento foi sua formulação destes cinco princípios. São idéias que formam o esquema de todos os sermões da igreja primitiva tal como os temos em Atos. E estas idéias são fundamento e base do pensar de todos os escritores neotestamentários. Para resumir estas idéias básicas se utilizou o nome *kerygma*, que significa o anúncio ou a proclamação que faz um arauto.

Estas são as idéias fundamentais que a Igreja proclamou em seus primeiros dias. Tomaremos essas idéias uma após outra e, depois de cada uma delas estabeleceremos, primeiro, as referências às mesmas nos primeiros capítulos de Atos e, depois, as referências em 1 Pedro. Então faremos o sugestivo descobrimento de que as idéias fundamentais dos sermões da Igreja primitiva — muitos dos quais foram pregados por Pedro — e a teologia de 1 Pedro são precisamente as mesmas. Não é demais esclarecer que não pretendemos que as mensagens de Atos sejam, palavra por palavra, uma espécie de versão taquigráfica dos sermões tal como foram pregados. Mas o que sim cremos é que estes sermões de Atos apresentam adequadamente a *substância* da mensagem dos primeiros pregadores.

(1) O tempo do cumprimento chegou; a idade messiânica começou. Esta é a última palavra de Deus. Inaugurou-se uma nova ordem e os

escolhidos são convocados a unir-se à nova comunidade. Atos 2:14-16; 3:12-26; 4:8-12; 10:34-43; 1 Pedro 1:3, 10-12; 4:7.

(2) Esta nova era chegou através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o que é o cumprimento concreto das profecias do Antigo Testamento e é, portanto, o resultado do definido conselho e presciência de Deus. Atos 2:20-31; 3:13-14; 10:43; 1 Pedro 1:20-21.

(3) Em virtude da ressurreição, Jesus foi exaltado à mão direita de Deus e é o chefe messiânico do novo Israel. Atos 2:22-26; 3:13; 4:11; 5:30-31; 10:39-42; 1 Pedro 1:21; 2:7; 2:24; 3:22.

(4) Estes eventos messiânicos alcançarão logo sua culminação com a volta de Cristo em glória, e com o juízo dos vivos e os mortos. Atos 3:19-23; 10:42; 1 Pedro 1:5, 7, 13; 4:5, 13, 10-18; 5:1, 4.

(5) Estes atos são a base de uma apelação a! arrependimento e do oferecimento do perdão, o Espírito Santo e a promessa da vida eterna. Atos 2:38-39; 3:19; 5:31; 10:43; 1 Pedro 1:13-25; 2:1-3; 4:1-5.

Estas cinco declarações são os cinco princípios fundamentais da pregação da Igreja primitiva. E assim ficaram registrados nos sermões de Pedro segundo os capítulos iniciais de Atos. E estas são também as idéias predominantes em 1 Pedro. A concordância é tão aproximada e tão coerente que com toda probabilidade podemos ver a mesma mão e a mesma mentalidade em ambos os casos.

As citações dos pais

Até podemos adicionar outro ponto que reforça a evidência em favor de uma data muito anterior para 1 Pedro. Desde tempos muito remotos os pais e mestres da Igreja começaram a citar esta Epístola. A primeira pessoa que a mencionou por nome foi Irineu, quem viveu desde o ano 130 d.C. até bem avançado no século seguinte. Duas vezes cita ele 1 Pedro 1:8: “a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória”. E em outra ocasião cita 2:16 com seu mandamento de não usar a liberdade

como cobertura de malícia. Mas já antes disto os pais da Igreja citavam a Pedro sem mencioná-lo por nome. Clemente de Roma, escrevendo ao redor do ano 95 d.C, fala de "o precioso sangue de Cristo" (1:19). Policarpo, que foi martirizado em 155 D.C., cita repetidamente a Pedro, ainda que não o menciona por nome. Podemos selecionar três passagens que mostram quão claramente Policarpo utiliza as palavras de Pedro.

Portanto, cinjam vossos lombos, sirvam a Deus em temor... creiam naquele que levantou o Senhor Jesus Cristo dentre os mortos, e lhe deu glória (Policarpo; *Aos Filipenses* 2:1).

Por isso, cingindo o vosso entendimento... que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória (1 Pedro 1:13, 21).

Cristo Jesus que levou os nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro, que não pecou nem se achou engano em sua boca (Policarpo 8:1).

O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca... carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados (1 Pedro 2:22, 24).

Tendo sua conversação sem mancha entre os gentios (Policarpo 10:2).

Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios (1 Pedro 2:12).

Não pode haver dúvida de que Policarpo está citando a Pedro, embora não o nomeie. Agora, é preciso que transcorra certo tempo para que um livro adquira tal autoridade e familiaridade que possa ser chamado quase inconscientemente e para que seu vocabulário fique entretido com a linguagem da Igreja. Por conseguinte, também por este detalhe podemos considerar 1 Pedro como um escrito pertencente à época mais anterior da Igreja.

Ocupamo-nos que este assunto com certa amplitude e em detalhe devido ao fato de que cremos que é importante enfrentar os argumentos

daqueles que afirmam que Pedro nada tem que ver com a Carta que leva seu nome.

A excelência do grego

Entretanto, ao defender a paternidade literária de Pedro com relação a esta Carta há uma questão que devemos encarar: trata-se da excelência do grego em que foi escrita a mesma. O grego aqui empregado é de tão distinguida qualidade que parece impossível que possa ter sido obra de um pescador galileu. Os eruditos em Novo Testamento estão unânimes em elogiar o grego desta epístola.

F. W. Beare expressa: "A Carta é obviamente obra de um homem de letras, adestrado na arte da retórica e capaz de utilizar um vocabulário variado e erudito. Trata-se de um estilista de extraordinária capacidade que escreveu algumas das passagens de mais delicioso grego de todo o Novo Testamento, muito mais fluido e literário que o do bem preparado Paulo". Moffatt refere-se à "linguagem plástica e ao gosto pela metáfora" que revela esta Epístola. Mayor opina que 1 Pedro não tem igual em todo o Novo Testamento pela "sustentada sublimidade de seu ritmo". Bigg comparou certas frases de 1 Pedro com o estilo do Tucídides. Selwyn se referiu a "a ternura à maneira de Eurípides" que pode achar-se em 1 Pedro e a habilidade para cunhar e utilizar palavras compostas tal como o teria feito Tosquio. O grego desta Carta não desmerece quando cotejado com o dos melhores estilistas dessa língua. Enfrentamos, pois, aqui, uma verdadeira dificuldade. É difícil, por não dizer impossível, imaginar a Pedro escrevendo assim em grego.

Mas a própria Carta dá sua própria solução a este problema. Na breve passagem de conclusão o próprio Pedro diz: "Por meio de Silvano ... vos escrevo resumidamente" (1 Pedro 5:12). "Por conduto do Silvano" — em grego *dia Silouanou* — é uma frase pouco freqüente. Significa que Silvano foi o agente ou instrumento de Pedro para escrever esta Carta. Em realidade implica que Silvano foi muito mais que o simples

secretário, taquígrafo ou amanuense de Pedro; antes, sugere que aquele teve muito que ver com a redação da própria mesma.

Enfoquemos isto sob dois ângulos. Primeiro, investiguemos o que se sabe a respeito de Silvano. (A evidência está mais plenamente desenvolvida na seção onde estudamos 1 Pedro 5:12). O Silvano de 1 Pedro é muito provavelmente a mesma pessoa que leva esse nome nas Epístolas de Paulo, e também a que aparece com o nome do Silas no relato de Atos, dado que Silas é a forma abreviada e mais familiar de Silvano. Examinemos então estas passagens. Ao fazê-lo encontramos com que Silas — ou Silvano — não era uma pessoa vulgar, mas sim uma figura diretriz na vida e nas decisões da Igreja primitiva.

Silvano era profeta (Atos 15:32); foi um dos "varões principais entre os irmãos" no concílio de Jerusalém e um dos escolhidos para apresentar as decisões desse concílio à igreja de Antioquia (Atos 15:22, 27). Foi escolhido por Paulo para que o acompanhasse em sua segunda viagem e esteve com ele tanto em Filipos como em Corinto (Atos 15:37-40; 16:19, 25, 29; 18:5; 2 Coríntios 1:19). Aparece associado com Paulo nas saudações iniciais nas Cartas aos tessalonicenses (1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1). E finalmente nos encontramos com o fato de que era possuidor da cidadania romana (Atos 16:37). Silvano, pois, era um personagem destacado na Igreja primitiva e não o ajudante, mas antes, um colega de Paulo. Por outro lado, dada sua condição de cidadão romano há pelo menos a possibilidade de que fosse um homem com uma preparação e uma cultura de um nível que Pedro jamais teria podido alcançar.

Adicionemos agora uma segunda linha de pensamento. Numa situação missionária, quando um missionário pode falar de modo aceitável o idioma do país mas não é capaz de escrevê-lo bem, é comum que faça uma destas duas coisas se deseja enviar uma mensagem: a) Escreve-o no melhor estilo que pode e pede logo a uma pessoa nativa com pleno domínio desse idioma que corrija os enganos e depure o estilo ou, b) se o missionário tiver algum colega ou conselheiro em quem pode

confiar plenamente, manifesta-lhe o que deseja dizer e deixa que ele o expresse em forma escrita, depois o revisa e, finalmente, aprova o resultado.

Bem podemos imaginar que este foi o papel de Silvano com relação a 1 Pedro. Ou ele corrigiu e poliu o grego necessariamente imperfeito de Pedro; ou, dado que Silvano era um homem tão eminente, pode ter ocorrido que o apóstolo lhe tenha expresso o que desejava dizer e lhe tenha permitido redigi-lo para ele, aprovando posteriormente o resultado e adicionando um parágrafo pessoal para concluir.

Quando Pedro diz que Silvano foi seu instrumento ou agente para escrever esta Carta está dando solução ao problema que apresenta a excelência do grego com que a mesma está redigida. Em outras palavras: o pensamento pertence ao apóstolo, mas o estilo é o de Silvano. E assim, face à excelente qualidade do grego, não é necessário negar que a Epístola seja obra do próprio Pedro.

Os destinatários da Epístola

Os destinatários da Carta são os expatriados ("os que vivem como estrangeiros" [B.J] e terá que lembrar que o cristão é sempre estrangeiro e arrivista na Terra) espalhados por todo o Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia.

É certo que quase todas estas palavras tinham uma dupla significação. Por um lado, referiam-se a antigos reinos. Por outro lado, tinham que ver com províncias romanas às quais deu esses mesmos nomes antigos, ainda que nem sempre os antigos reinos e as novas províncias cobriam idêntico território. O Ponto nunca foi uma província. Originalmente tinha sido o reino de Mitrídates, parte de cujo território foi incorporado à Bitínia e parte à Galácia. Galácia originalmente tinha sido o reino dos galos na área de três cidades: Ancira, Pessinus e Tavium, mas os romanos a tinham expandido convindo-a numa unidade administrativa muito mais extensa, incluindo setores da Frígia, Pisídia,

Licaônia e Isauria. O reino da Capadócia se converteu em província romana no ano 17 d.C, voltando virtualmente para sua forma original. O termo "a Ásia" não se refere ao continente desse nome tal como hoje o entendemos. Tinha sido um reino independente cujo último monarca, Átalo III, legou-o como obséquo a Roma no ano 133 a.C. Abrangia o centro da Ásia Menor e estava circundado ao Norte por Bitínia, ao sul pela Lícia e ao Este pela Frígia e pela Galácia. Na linguagem popular "a Ásia" significava aquela parte da Ásia Menor que se estende ao longo das costas do Mar Egeu.

Não sabemos por que se mencionam aqui particularmente estes distritos. Mas uma coisa é evidente: abrangiam uma extensa área com uma população muito numerosa, e o fato de que tenham sido selecionados é uma das melhores provas da enorme atividade missionária da Igreja primitiva, totalmente além dos trabalhos missionários de Paulo.

Todos estes distritos se acham no ângulo Nordeste da Ásia Menor. Por que são mencionados junto e nessa ordem, é algo que não sabemos. Entretanto, um olhar ao mapa nos mostrará que se o portador desta Epístola — que provavelmente tenha sido o próprio Silvano — navegou da Itália desembarcando em Sinope, no nordeste da Ásia Menor, uma excursão por estas províncias seria um percurso circular que o levaria de volta ao ponto de partida a Sinope. Desde Sinope, em Bitínia, iria rumo ao Sul, à Galácia, e ainda mais ao sul, à Capadócia; então giraria a oeste para a Ásia, e novamente ao norte, à Bitínia; depois tomaria rumo ao Este chegando assim de volta a Sinope.

É evidente pela própria Epístola que os destinatários da mesma eram principalmente gentios. Não há menção alguma das questões da Lei, assunto este que surgia sempre que havia um pano de fundo judeu. A condição anterior dos destinatários tinha sido a de pecadores carnis e luxuriosos (1:14; 4:3-4), o que se ajusta muito melhor ao caráter dos gentios que ao dos judeus. Previamente eles não tinham sido povo — os

gentios estavam excluídos da aliança — mas agora são povo de Deus (2:9-10).

A forma de seu próprio nome usada aqui por Pedro mostra também que esta Carta era dirigida aos gentios. *Pedro* é um nome grego. Quando Paulo refere-se a Pedro o chama *Cefas* (1 Coríntios 1:12; 3:22; 9:5; 15:5; Gálatas 1:18; 2:9, 11, 14). Entre seus compatriotas judeus, Pedro era conhecido como Simão (Atos 15:14) que é o nome pelo qual 2 Pedro 1:1 o menciona. Dado que ele usa a forma grega de seu próprio nome, é provável que esteja dirigindo-se a pessoas de fala grega.

As circunstâncias no pano de fundo da Carta

É totalmente evidente que esta Carta foi escrita num momento em que a perseguição ameaçava e quando os cristãos se achavam em verdadeiro perigo. Encontram-se em meio de múltiplas prova (1:6). É fácil acusá-los falsamente como malfeitores (3:16). Estão suportando uma prova de fogo (4:12). Quando sofrem têm que encomendar-se a Deus (4:19). É possível que tenham que sofrer por causa da justiça (3:14). Estão participando das aflições que a irmandade cristã é chamada a padecer em todo mundo (5:9). Como pano de fundo desta Carta há uma dura perseguição, uma campanha de escândalo e difamação, e um sofrimento pela causa de Cristo. Podemos identificar esta situação?

Num tempo os cristãos tinham pouco que temer do governo de Roma. Conforme podemos ver em Atos, são os magistrados e os soldados e os funcionários romanos os que salvam várias vezes a Paulo da fúria tanto dos judeus como dos pagãos. Como afirma Gibbon, o tribunal do magistrado pagão demonstrou ser o melhor refúgio contra a fúria da sinagoga. A explicação deste fato é que ao princípio o governo de Roma não sabia distinguir entre judeus e cristãos. E dentro do Império o judaísmo era o que se chamava uma *religio licita*, uma religião permitida, e os judeus desfrutavam de plena liberdade para adorar em sua própria maneira. E não era que os judeus não tivessem tentado

esclarecer a verdadeira situação perante os romanos; fizeram-no, por exemplo, em Corinto (Atos 17:5-9). Entretanto, durante mais algum tempo os romanos seguiram considerando os seguidores de Cristo como se fossem uma seita judia e, portanto, não os incomodavam.

Mas a mudança chegou nos dias de Nero, e podemos rastrear quase cada detalhe da história. Em 19 de julho do ano 64 d.C. estalou o grande incêndio de Roma. Era esta uma cidade de ruas estreitas e com altos edifícios de madeira e existia um verdadeiro perigo que fosse arrasada. O fogo ardeu durante três dias e três noites; depois foi dominado e, novamente, estalou com extraordinária violência. O povo romano não tinha dúvida quanto a quem era o responsável pela catástrofe. Clara e rotundamente culpavam a Nero, o imperador. Nero tinha a obsessão de edificar, e criam que ele deliberadamente tinha tomado medidas necessárias para destruir a cidade e poder assim reedificá-la. A culpabilidade de Nero ficará sempre em dúvida, mas o certo é que ele observou aquele inferno da torre de Mecenas e se manifestou encantado com o esplendor e o colorido das chamas. Abertamente dizia-se que os que tentavam sufocar o fogo eram impedidos em sua tarefa enquanto que, ao contrário, havia homens que se dedicavam a reavivar as chamas quando estas pareciam ter sido já dominadas. O povo estava afligido. Os monumentos históricos e os antiqüíssimos santuários desapareceram. O templo de Lua, o Ara Máxima, o grande altar, o templo do Júpiter Stator, o santuário de Vesta, a própria morada dos deuses romanos tinham desaparecido. Além disso, o povo ficou sem moradia e, conforme o sugere Farrar, eram "uma irmandade de desventurados".

O povo estava amargamente ressentido. Nero precisava desviar a suspeita que recaía sobre ele, era necessário encontrar um cabrito emissário. Tácito, o historiador romano, relata-nos os acontecimentos:

Nem a ajuda humana em forma de dádivas imperiais nem os intentos de apaziguar os deuses puderam apagar a sinistra versão de que o incêndio era produto das ordens do próprio Nero. E assim, com a esperança de dissipar o rumor, ele falsamente transferiu a acusação fazendo-a recair sobre uma classe de gente a qual o vulgo dava o nome de *cristãos*, e

aqueles que eram aborrecidos pelas abominações que perpetravam. O fundador da seita, um tal Cristo, de nome, tinha sido executado por Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério, e a perigosa superstição, ainda que dominada no momento, tinha ressurgido não só em Judéia — foco original desta peste — mas também até na própria Roma, onde se junta e se pratica tudo o que é vergonhoso e tudo o que é horrível. (Tácito, *Anais* 15:44).

É evidente que Tácito não tinha dúvida alguma quanto à inocência que Nero os escolheu como cabritos emissários para cobrir seu próprio crime.

Mas então surge uma pergunta: Por que Nero escolheu os cristãos, e como foi possível insinuar sequer que eles eram responsáveis pelo incêndio de Roma? Há duas possíveis respostas a esta interrogante:

(1) Os cristãos eram já suspeitos por causa de sua origem e de certos escândalos que lhes foram atribuídos.

(a) Os cristãos, segundo a opinião popular, estavam relacionados com os judeus. O anti-semitismo não é coisa nova. Os judeus sempre tinham sido odiados. Fácil era para as turfas romanas atribuir qualquer crime aos judeus e, por extensão, aos cristãos.

(b) A Ceia do Senhor era uma prática secreta, ao menos num sentido. Estava aberta unicamente aos membros da Igreja. E certas frases relacionadas com este ato davam abundantes motivos para escandalizar aos pagãos. Por exemplo, havia expressões com relação a comer o corpo e beber o sangue de alguém. E isto era já suficiente para que circulasse o rumor de que os cristãos eram canibais. Com o tempo o rumor se desenvolveu até converter-se numa história que assegurava que os cristãos tinham matado e comido a um gentio ou a um menino recém-nascido. Na mesa do Senhor os cristãos se beijavam uns aos outros com o beijo de paz (1 Pedro 5:14). A reunião era chamada *ágape*, a festa do amor. Isto era suficiente para difundir murmurações quanto a que os encontros de cristãos eram orgias de vício e luxúria desenfreados. Assim, pois, não era difícil que surgissem calúnias.

(c) Sempre se acusou aos cristãos de interferir nas relações familiares. Havia muito de verdade neste acusação, pois o cristianismo certamente se voltou uma espada que dividia as famílias quando algum membro destas aceitava a Cristo e outros não o aceitavam. Uma religião que dividia os lares estava destinada a tornar-se impopular.

(d) Era bem verdade que os cristãos falavam enfaticamente com relação a um dia iminente, quando o mundo seria dissolvido em chamas. Muitos pregadores cristãos tinham sido ouvidos pregando a respeito da Segunda Vinda e da dissolução por fogo de todas as coisas (Atos 2:19-20). Não era difícil, então, culpar pelo incêndio o povo que falava dessa maneira.

Como vemos, havia numerosas circunstâncias que podiam ser desvirtuadas e convertidas em falsas acusações contra os cristãos, especialmente por qualquer que estivesse mal disposto para com eles e desejasse prejudicá-los.

(2) A fé judia sempre tinha apelado especialmente às mulheres. Isto era pelas elevadas normas morais hebréias num mundo em que não existia a castidade. Portanto, numerosas mulheres da nobreza tinham abraçado a fé judia. Sendo assim, os judeus não vacilavam em pressionar estas mulheres para que elas influíssem em seus maridos contra os cristãos. Um exemplo concreto disso foi o incidente que protagonizaram Paulo e seus companheiros em Antioquia da Pisídia. Mediante esse tipo de mulheres os judeus incitaram medidas repressivas contra Paulo (Atos 13:50). Dois dos favoritos da corte de Nero eram prosélitos do judaísmo: Alituro, seu ator preferido; ou Popea, seu amante. É muito provável que através deles os judeus tenham influenciado sobre ele para que tomasse medidas contra os cristãos.

Em todo caso, lançou-se a culpa nos cristãos pelo incêndio e assim estalou uma selvagem perseguição. E não foi esta uma simples perseguição realizada mediante recursos legais. O que Tácito chama uma *ingens multitudo* (uma enorme multidão) de cristãos, pereceu pelos procedimentos mais sádicos. Nero fazia melar com breu os cristãos e

ordenava que lhes fosse posto fogo e os usava assim como tochas vivas para iluminar seus jardins. Era-lhes costurado a pele de animais selvagens e logo soltava seus cães de caça para que os destroçassem, arrancando-lhes membro a membro quando ainda tinham vida.

Tácito escreve:

A sua morte se adicionava toda classe de vexames. Eram cobertos com peles de bestas e depois destroçados pelos cães e assim pereciam. Ou eram pregados em cruzes ou condenados às chamas e queimados para que servissem de iluminação quando já a luz diurna se extinguiu. Nero oferecia seus jardins para o espetáculo e participava de uma exibição no circo misturando-se com a multidão vestido como um auriga ou permanecendo de pé sobre seu carro. Daqui que até os criminais que mereciam um castigo severo e exemplificador, tivessem compaixão. Porque aqueles não estavam sendo destruídos por razões de bem público, como se pretendia, senão para alimentar a crueldade humana (Tácito, *Anais* 15:44).

O mesmo trágico relato faz mais tarde em sua *Crônica* o historiador cristão Sulpício Severo:

Enquanto isso, quando já o número de cristãos era muito grande, aconteceu que Roma foi destruída por um incêndio enquanto Nero encontrava-se apostado em Antium. Mas a opinião de todos culpou ao imperador pela tragédia do incêndio, porque se cria que desta maneira ele tentava buscar para si a glória de edificar uma nova cidade. E verdadeiramente Nero não podia de modo nenhum evitar a acusação de que o incêndio foi devido a ordens delas. Portanto, desviou a acusação para com os cristãos e, como conseqüência disto, as mais cruéis tortura foram infligidas aos inocentes. Ai! Até se inventaram novas modalidades de morte, e assim, cobertos com peles de bestas selvagens, pereceram devorados pelos cães, outros muitos foram crucificados, mortos por fogo e, não poucos, foram separados especialmente com o propósito de que ao cair a noite fossem consumidos pelo fogo servindo como iluminação. Desta maneira começou a manifestar-se a crueldade contra os cristãos. Posteriormente, além disso, sua religião foi proibida mediante leis promulgadas a tal efeito e através de decretos se determinou abertamente que não era lícito ser cristão.

Os cristãos pereceram, e pereceram vítimas de um delírio de selvageria desatada contra eles.

A verdade é que esta perseguição originalmente esteve reduzida a Roma, mas já tinha sido franqueada a porta à crueldade. Os cristãos tinham sido, por assim dizer, "descobertos", e em todo lugar eram vítimas prontas para sofrer o ataque das turbas.

Escreve Moffatt:

Depois que a onda neroniana passou sobre a capital, seu impulso se sentiu nas longínquas costas das províncias; a dramática publicidade do castigo deve ter difundido o nome de cristão *urbi et orbi*, na latitude e longitude de todo o Império; os provincianos logo terão sabido dele e quando desejavam um estalo similar de crueldade às custas dos fiéis cristãos, a única coisa que precisavam era que algum procônsul gratificasse seus desejos e que algum destacado discípulo lhes servisse como vítima.

Desde então os seguidores de Cristo deveriam viver sob constante ameaça. As turbas das cidades provinciais sabiam o que tinha ocorrido em Roma. Sempre circulavam relatórios escandalosos e calúnias contra os cristãos. Havia ocasiões em que o povo desejava sangue e se desenfreadava num linchamento. Houve governadores dispostos a açular as turbas para satisfazer sua própria sede de sangue. Não era a lei romana a que ameaçava aos cristãos, mas sim a brutalidade coletiva.

Desde esse momento o seguidor de Cristo estaria em perigo de morte. Durante anos podia não acontecer nada mas, de repente, uma faísca provocava a explosão e estalava o terror. Esta é a situação como pano de fundo de 1 Pedro. E em vista disso o apóstolo faz uma chamada a seu povo para que tenha esperança e coragem, convida-os a viver aquela amante e íntima vida cristã que é a única coisa que pode desmentir os caluniadores que os atacam e tirar-lhes todo fundamento para justificar os excessos cometidos contra eles. A Primeira Epístola de Pedro não foi escrita para refutar uma heresia teológica, senão para fortalecer a homens e mulheres cujas vidas estavam em perigo.

As Dúvidas

Exibimos plenamente os argumentos que tendem a provar que Pedro é realmente o autor desta primeira Carta que leva seu nome. Mas, como já dissemos, nos últimos tempos não poucos eruditos de primeira ordem opinaram que esta Epístola não pôde ter sido obra de Pedro. Ainda que não concordemos com este ponto de vista, temos o dever de nos informar sobre quais são os fundamentos dessa posição, embora seja apenas para cotejá-lo com nossa própria convicção e com as razões que a sustentam. A versão do ponto de vista não compartilhado por nós e que temos que apresentar aqui está principalmente tirada do capítulo sobre 1 Pedro em *The Primitive Church*, por B. H. Streeter.

Estranhos silêncios

Bigg escreve em sua introdução: "Não há livro no Novo Testamento que tenha mais anterioridade, melhor e mais sólida certificação [que 1 Pedro]". É verdade que Eusébio, o grande erudito do século IV, historiador da Igreja e do Novo Testamento, classifica 1 Pedro entre os livros a respeito dos quais não há nem houve nunca, disputa alguma, e que universalmente foram aceitos na Igreja primitiva como integrando a Escritura (Eusébio, *História Eclesiástica* 3.25.2). Mas devem notar-se algumas coisas.

(a) Em realidade Eusébio chama a atenção a determinadas citações de antigos escritores para apoiar sua própria posição quanto a que 1 Pedro era aceita universalmente. Mas isto nunca o faz com relação aos Evangelhos ou às Cartas de Paulo. O mesmo fato de que Eusébio se sinta chamado a oferecer evidências em favor de seu ponto de vista sobre a formação de 1 Pedro pode ser considerado como indício de que nesta ocasião sentiu a necessidade de demonstrar a solidez de sua posição, esta necessidade que não existia no caso de outros livros do Novo

Testamento. Havia uma dúvida na mente de Eusébio? A pretendida aceitação universal de 1 Pedro não seria depois de tudo, tão unânime?

(b) Em seu livro *The Canon of the New Testament*, Westcott havia já feito notar que ainda que na igreja primitiva ninguém questiona o direito de 1 Pedro a ser parte do Novo Testamento, mesmo assim são surpreendentemente poucos os pais que a citam e, ainda mais surpreendente, muito poucos dos pais primitivos no Ocidente ou em Roma a citam. Tertuliano cita copiosamente da Escritura. Em suas obras há 7.258 citações do Novo Testamento e somente duas delas pertencem a 1 Pedro. Isto é muito sugestivo. Se Pedro foi quem escreveu esta Carta e se a escreveu de Roma, teríamos esperado que tal Epístola fosse bem conhecida e profusamente usada pela Igreja do Ocidente.

(c) A mais antiga lista oficial conhecida de livros do Novo Testamento é a que leva o nome de *Cânon Muratori*, assim chamada pelo cardeal Muratori que foi quem a descobriu. É a lista de nomes oficial de livros do Novo Testamento tal como era aceita na Igreja de Roma ao redor do ano 170 D.C. É um fato extraordinário que 1 Pedro não apareça absolutamente nessa lista. É verdade que o *Cânon Muratori*, tal como o possuímos, é defeituoso e que pode ter havido nele originalmente alguma referência a 1 Pedro. Mas este argumento se debilita seriamente perante o que segue agora.

(d) É um fato que 1 Pedro não figurava no Novo Testamento da Igreja da Síria nem mesmo em época tão tardia como o ano 373 d.C. Não obteve entrada nele até que foi preparada a versão siríaca do Novo Testamento conhecida como *Peshitto*, em torno do ano 400. A verdade é que a *Peshitto* chegou a ser o Novo Testamento sírio oficial, mas antes disso 1 Pedro não formava parte do Novo Testamento sírio. Agora sabemos que foi Taciano quem introduziu os livros do Novo Testamento na Igreja de fala siríaca, e que ele os levou a Síria de Roma quando foi a Edessa e fundou a Igreja ali no ano 172 d.C. Poderia, portanto, argüir-se que o *Cânon Muratori* é correto tal como o possuímos e que 1 Pedro não formava parte do Novo Testamento da Igreja romana em época tão

anterior como o ano 170 d.C. Este teria sido um fato muito chamativo, especialmente se foi Pedro quem escreveu a Carta e se em realidade a escreveu de Roma.

Quando se reúnem todos estes fatos, certamente parece haver alguns estranhos silêncios com relação a 1 Pedro, e a certificação de sua origem não parece tão sólida como geralmente se dá por sentado.

Primeira Pedro e Efésios

Mais ainda, há uma definida relação entre 1 Pedro e Efésios. Há muitos pensamentos e expressões paralelos entre as duas. Seleccionamos os seguintes paralelos como exemplo de similitude:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1 Pedro 1:3).

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo (Efésios 1:3).

Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo (1 Pedro 1:13).

Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça (Efésios 6:14).

[Jesus Cristo] conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós (1 Pedro 1:20).

... como nos escolheu nele [Jesus Cristo] antes da fundação do mundo ... (Efésios 1:4).

... o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes (1 Pedro 3:22).

... em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir (Efésios 1:20-21).

Além disso, aduz-se que exortações aos escravos, aos maridos e às esposas em 1 Pedro e em Efésios são muito similares. O argumento aqui é que 1 Pedro está citando a Efésios. Agora, embora 1 Pedro possa ter sido escrita lá pelo ano 64 d.C., as Cartas de Paulo não foram reunidas e compiladas até cerca do ano 90 d.C; e se Pedro escrevia também no ano 64 d.C, como é que conhecia a Epístola aos Efésios?

Este é um argumento para o qual há mais de uma resposta.

(a) As exortações aos escravos, aos maridos e às esposas formam parte do ensino ético geral da Igreja repartida a todos os conversos em todas as congregações. Pedro não estava tomando emprestado de Paulo, mas sim ambos estavam recorrendo ao tesouro comum.

(b) Todas as similitudes mencionadas podem explicar-se partindo do fato de que havia certas frases e certas linhas de pensamento que eram universais dentro da Igreja primitiva. Por exemplo, a expressão "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", formava parte da linguagem devocional generalizado na Igreja dos primeiros anos e tanto Pedro como Paulo a conheceriam e se deleitariam em usá-la sem por isso estar copiando um do outro,

(c) Embora houvesse citações recíprocas de modo nenhum isso significa que 1 Pedro cita de Efésios, bem pode ser precisamente o inverso, porque 1 Pedro é muito mais singela que Efésios.

(d) Finalmente, até no caso de que 1 Pedro citasse de Efésios, se Pedro e Paulo estavam em Roma ao mesmo tempo, é perfeitamente possível que Pedro tenha visto uma cópia de Efésios antes de ser enviada à Ásia Menor e tenha discutido com Paulo as idéias da mesma.

Resumindo: ao argumento de que 1 Pedro tem que ser posterior devido ao fato de que citação de Efésios nos parece muito duvidoso, precário e, possivelmente, bastante equivocado.

“Eu ancião também com eles”

Aduz-se que Pedro não pôde ter escrito a frase "...aos anciãos que estão entre vós, eu ancião também com eles" (1 Pedro 5:1). Afirma-se que Pedro em realidade não era um ancião e que, por conseguinte, não pôde ter-se dado a si mesmo tal nome. Pedro era um apóstolo, e a função de apóstolo era muito distinta da do ancião. O apóstolo era caracteristicamente um homem cuja tarefa e cuja autoridade, não estavam confinadas a uma congregação, mas sim seus escritos circulavam alcançando a toda a Igreja. Pelo contrário, o ancião era o dirigente de uma congregação local. O apóstolo não estava restringido a congregação alguma e se trasladava de um lugar a outro percorrendo as regiões onde a Igreja se achava estabelecida; mas a própria essência da função de ancião é que este se achava reduzido, atribuído a uma determinada congregação e seu trabalho se realizava ali.

Isto é muito certo. Não obstante, deve lembrar-se que entre os judeus não havia ofício tão geralmente respeitado como o de ancião. O ancião era um homem que desfrutava do respeito de toda a comunidade, a quem esta buscava como conselheiro em seus problemas e juiz em suas desavenças. Pedro, como judeu, não se teria sentido fora de lugar ao chamar-se a si mesmo ancião; e apresentar-se assim evitava a pretensão consciente de autoridade que o título de apóstolo pudesse ter comprometido e, cortês e gentilmente, identificava-se com o povo ao qual se estava dirigindo.

Testemunha dos sofrimentos de Cristo

Objeta-se que Pedro não pôde honestamente ter-se chamado a si mesmo uma testemunha dos sofrimentos de Cristo porque depois da detenção no jardim todos os discípulos abandonaram a Jesus e fugiram (Mateus 26:56). E além do discípulo amado, nenhum dos outros discípulos foi testemunha da cruz (João 19:26-27). Testemunha da

ressurreição pôde certamente ter-se chamado Pedro a si mesmo, e na verdade uma das funções do apóstolo era ser testemunha da ressurreição (Atos 1:22), mas não era testemunha da cruz. Num sentido isto é inegável. Não obstante, Pedro não está aqui afirmando ter sido testemunha da crucificação mas sim dos sofrimentos de Cristo. E certamente que ele viu Cristo sofrer. Viu-o sofrer a conseqüência do contínuo rechaço pelos homens, e também nos dilaceradores momentos da Última Ceia, na agonia no horto, e naquele instante em que ele — o próprio Pedro — depois de ter negado a Jesus, viu que este se voltava para Ele e o olhou (Lucas 22:61). Bem pode dizer-se que naquele olhar, depois da negação, reuniam-se todos os sofrimentos de um coração quebrantado. É uma crítica prosaica e insensível e pedestre a que nega a Pedro o direito de afirmar que tinha sido testemunha dos sofrimentos de Cristo.

Perseguição pelo nome

O maior argumento, entretanto, em favor de uma data posterior para 1 Pedro é aquele que se deriva de suas referências à perseguição. sustenta-se que na época de 1 Pedro elas implicam que ser cristão era considerado um ato criminal, que os cristãos eram levados perante os tribunais não por alguma falta ou delito cometidos, mas sim simplesmente por ser cristãos. Primeira Pedro fala a respeito de ser vituperados pelo nome de Cristo (4:14); fala dos sofrimentos do cristão (4:16). Tendo isto em conta aduz-se que essa etapa da perseguição não foi alcançada até depois do ano 100 d.C. Argúi-se que desde cedo na história da Igreja os seguidores de Cristo eram castigados e perseguidos como malfeitores, como os perseguiu Nero acusando-os de terem incendiado Roma; que desde cedo os cristãos eram acusados de conduzir-se em forma criminal e que até muito mais tarde não foram passíveis de castigo e perseguição sem outro motivo que o de ser

seguidores de Cristo. Não há dúvida alguma de que essa era a lei pelos idos do ano 112 d.C.

Nessa época Plínio era governador de Bitínia. Plínio era amigo pessoal do imperador Trajano e tinha, de algum modo, a habilidade de transferir todas suas dificuldades ao imperador para que este as solucionasse. Em Bitínia também tinha aparecido o problema dos cristãos. Plínio sabia muito bem que aqueles eram cidadãos inofensivos e respeitosos da lei e que suas práticas não tinham relação alguma com atos criminais. Eles mesmos lhe diziam que "costumavam reunir-se em determinado dia, antes do amanhecer, para cantar um hino a Cristo como Deus, e que se tinham comprometido mediante juramento, não para cometer crimes, e sim para não cometer roubo, nem furto, nem adultério nem quebrantar sua palavra dada e para não negar nenhum depósito quando lhes era demandado".

Plínio aceitava tudo isto; mas quando eram levados perante sua presença os fazia uma só pergunta. "Perguntei-lhes se eram cristãos. Àqueles que assim o confessaram lhes voltei a perguntar pela segunda e pela terceira vez ameaçando-os com castigo. Aos que persistiram ordenei que fossem levados para execução." O único crime daquelas gente era ser cristãos.

A resposta de Trajano é que este é o proceder correto, e que qualquer que negue ser cristão e assim o demonstre oferecendo sacrifício aos deuses, deve ser posto em liberdade imediatamente. Desta correspondência surge nitidamente que estava circulando uma copiosa informação adversa aos cristãos e que o imperador determinou que nenhuma carta anônima de informação tinha que ser aceita nem tomada em conta (Plínio, *Cartas* 96 e 97).

Agora, aduz-se que esta etapa da perseguição não começa até o tempo de Trajano, e que dado que 1 Pedro implica uma situação em que o simples fato de ser seguidor de Cristo é um crime, esta epístola tem que ser, pelo menos, de época tão avançada como a que corresponde ao imperador Trajano.

A única maneira em que podemos esclarecer isto é esboçando o desenvolvimento da perseguição e o motivo da mesma no Império Romano. Para isto podemos estabelecer um fato básico e seguir três desenvolvimentos do mesmo.

(1) Sob o sistema romano as religiões estavam divididas em duas classes. Existiam as *religiones licitae*, quer dizer, religiões permitidas, que eram reconhecidas pelo Estado e para as quais estava aberta a todos a possibilidade de praticá-las e as apoiá-las. Por outro lado, existiam as *religiones illicitae*, ou seja as que eram proibidas pelo Estado e cuja prática era ilegal para todos. Se alguém as praticava seu processamento era imediato e era uma questão policial. Qualquer que praticasse uma *religio illicita* era considerado tão criminoso como um bandido ou um assassino. Imediatamente se convertia num proscrito e automaticamente estava sob condenação. Deve notar-se que a tolerância romana era muito ampla e que qualquer religião que não afetasse a moralidade pública ou a ordem civil podia ter a segurança de ser permitida. Os romanos não se caracterizavam por ser perseguidores, antes pelo contrário, eram instintivamente tolerantes.

(2) O judaísmo era uma *religio licita*. No começo, como é natural, os romanos não conheciam a diferença entre judaísmo e cristianismo. Este último, pelo que entendiam, era simplesmente uma seita do judaísmo e, se havia tensão e hostilidade entre eles, isso era uma rixa religiosa particular que não incumbia ao governo romano. Devido a isto no começo o cristianismo não correu perigo de perseguição. Desfrutava da mesma liberdade de culto que o judaísmo, era considerado como uma *religio licita*, uma religião permitida.

(3) As medidas tomadas por Nero mudaram por completo o estado de coisas. Não importa como tenha começado — e muito provavelmente começou por causa da deliberada ação dos judeus — o governo romano descobriu que o judaísmo e o cristianismo eram muito distintos. É verdade que Nero primeiro perseguiu os cristãos não por serem cristãos, mas sim porque os acusava de ter incendiado Roma. Mas o fato é que o

governo tinha descoberto que o cristianismo era uma religião independente.

(4) A consequência foi imediata e inevitável. O cristianismo foi imediatamente classificado como *religio illicita*, religião proibida e imediatamente, *ipso facto*, todo cristão ficou fora da lei, convertido num criminoso, e isto não porque tivesse cometido algum crime, mas simplesmente por ser cristão. Mediante o historiador romano Suetônio recebemos evidência direta de que isso foi precisamente o que aconteceu. Suetônio oferece uma espécie de lista de reformas legislativas empreendidas por Nero:

Durante seu reinado muitos abusos foram severamente castigados e reprimidos, e foram promulgadas não poucas leis novas; estabeleceu-se um limite aos gastos; os banquetes públicos foram reduzidos a uma distribuição de mantimentos; proibiu-se a venda nos botequins de toda classe de viandas cozidas, com exceção dos legumes (enquanto que anteriormente toda classe de guloseimas eram expostas ali para sua venda). Impôs-se castigo aos cristãos, uma classe de homens entregues a uma nova e daninha superstição. Acabou-se com as diversões dos condutores de carros que, com base numa prolongada imunidade, pretendiam o direito de brincar de correr por toda parte e divertir-se extorquindo e roubando o povo. Os atores de pantomima e seus sequazes foram expulsos da cidade.

Citamos integralmente esta passagem porque é uma prova de que no tempo de Nero o castigo aos cristãos se tinha tornado mais ou menos um simples procedimento policial. É muito evidente que não é necessário aguardar até o tempo de Trajano para que o simples fato de ser seguidor de Cristo fosse considerado como um crime. Em qualquer tempo posterior a Nero toda pessoa era passível de castigo e até de morte simplesmente por levar o nome de cristão.

Isto não significa que a perseguição fosse constante, contínua e coerente. Mas o que sim significa é que qualquer cristão estava exposto a ser executado em qualquer momento e isto como um simples procedimento policial. Em determinada região o seguidor de Cristo

podia viver a metade de sua vida, ou até toda ela, em paz; enquanto que em outra região podiam produzir-se estalos de perseguição cada poucos meses. Isto dependia principalmente de dois fatores. Dependia do próprio governador, quem podia eximir os cristãos de toda moléstia ou, pelo contrário, podia pôr em movimento a lei contra eles. Dependia também dos informantes. Talvez o governador não desejava agir contra os cristãos, mas se lhe era apresentada alguma denúncia contra eles, tinha que proceder. Havia ocasiões em que as turbas iam à rua desejosas de sangue, tempos em que abundavam as denúncias e em que os cristãos era massacrados para diversão dos romanos.

Se podemos comparar coisas pequenas com coisas grandes, poderíamos dizer que a posição legal dos cristãos e a atitude da lei romana daquela época pode ser assemelhada com a situação que prevalece hoje em muitas partes do mundo moderno. Quer dizer, há certos regulamentos e disposições legais que não são cumpridos de maneira uniforme e constante. Por exemplo, há disposições que proíbem estacionar um carro na rua a noite inteira sem ter alguma luz acesa. Entretanto, regras deste tipo freqüentemente são passadas por alto durante longo tempo. Mas se as autoridades policiais decidem iniciar uma operação contra tais infratores ou se isso terminar por converter-se em tema de murmurações sobre o descumprimento da lei, ou se alguém apresenta uma queixa ou formula uma denúncia, então a lei entra em vigor e o castigo ou as sanções correspondentes são aplicados.

Algo assim era a condição dos cristãos no Império. Tecnicamente estavam fora da lei, ainda que de fato bem pudesse ser que não se tomasse nenhuma ação legal contra eles. Não obstante, uma espécie de espada de Dâmocles estava sempre pendente sobre os seguidores de Cristo. Ninguém sabia quando poderia apresentar uma denúncia contra eles; ninguém sabia quando um governador podia tomar medidas repressivas contra eles; todo cristão estava em permanente perigo de ser morto em qualquer momento. E deve ser claramente entendido que tal estado de coisas prevaleceu constantemente a partir das medidas

repressivas tomadas por Nero. Até aquele tempo as autoridades romanas não tinham advertido que o cristianismo era uma nova religião; depois disso souberam e, desde então, automaticamente, o cristão se tornou um proscrito.

Observemos agora a situação tal como descrita em 1 Pedro. As pessoas às quais o apóstolo se dirige estão sofrendo múltiplas provas (1:6). A fé deles é suscetível de ser submetida à prova do fogo, como o metal (1:7). Evidentemente estão padecendo uma campanha de difamação (2:12, 15; 3:16; 4:4). Nesses mesmos dias estão em meio de um transbordamento de perseguição por ser cristãos (4:12, 14, 16; 5:9). É natural esperar sofrimentos e, portanto, não devem surpreender-se (4:12). De toda maneira, essa situação lhes dá oportunidade de sofrer por causa da justiça (3:14, 17) e de ser participantes dos sofrimentos de Cristo (4:13). Agora, não há necessidade de chegar até a época de Trajano para encontrar esta situação. É um estado de coisas no qual os cristãos se encontraram diariamente em todas partes do Império e em qualquer época depois que foi descoberta sua existência pelas medidas punitivas de Nero. As circunstâncias de perseguição apresentadas em 1 Pedro não têm por que nos obrigar a situar a data desta Carta posteriormente à morte do apóstolo.

Honrai o rei

Continuaremos tratando os argumentos daqueles que não crêem que Pedro tenha sido o autor desta Epístola. Aduz-se que no estado de coisas que prevalecia em tempos de Nero, o apóstolo nunca poderia ter escrito “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem ... temeí a Deus, honrai o rei” (2:13-17). Alega-se que Pedro jamais pôde ter expresso isso sendo imperador Nero. Mas o fato é que o mesmo ponto de vista é aquele que expressa Paulo em Romanos 13:1-7. Todo o

ensino do Novo Testamento — exceto no Apocalipse onde Roma é condenada e amaldiçoada — insiste em que o cristão tem que ser um súdito leal, e que pela excelência de sua conduta como cidadão tem que demonstrar a falsidade das acusações que se fazem contra ele (1 Pedro 2:15). Até em épocas de perseguição, o seguidor de Cristo assumia plenamente sua obrigação de ser um bom cidadão, e sua única defesa contra a perseguição era mostrar mediante a excelência de sua cidadania que não era merecedor de tal tratamento. Não é de modo nenhum impossível que Pedro tenha escrito isto.

Um sermão e uma pastoral

Qual é, então, o ponto de vista daqueles que não podem admitir que 1 Pedro seja obra do próprio Pedro?

Primeiro, sugerem que a introdução (1:1-2) e as saudações finais (5:12-14) são acréscimos posteriores que não formavam parte da Carta original.

Em segundo lugar, sugerem que 1 Pedro tal como a temos agora está composta por duas obras separadas e muito distintas. Em 4:11 encontramos uma doxologia. O lugar natural para as doxologias é no final; também destaca-se que 1:3—4:11 forma a primeira das duas obras que compõem a Carta. Além disso, faz-se notar que esta parte de 1 Pedro originalmente tem que ter sido um sermão batismal. E certamente há ali uma referência ao batismo que nos salva (3:21); e os conselhos para os escravos, os maridos e as esposas (2:18—3:7) teriam sido totalmente pertinentes para aqueles que, vindo do paganismo, estavam entrando na Igreja de Cristo e se estavam iniciando na novidade da vida cristã. Finalmente sugere-se que com a doxologia de 4:11 conclui esta peça independente.

Em seguida, sugere-se que a segunda parte da Carta (4:12— 5:11) é uma obra separada por completo e que contém a essência de uma carta pastoral escrita para fortalecer e consolar em tempos de perseguição

(4:12-19). Em tais momentos os anciãos eram muito importantes pois deles dependia o poder de resistência da Igreja. O autor desta pastoral teme que a cobiça e a arrogância se estejam infiltrando entre eles (5:1-3) e insiste com eles a cumprirem fielmente sua elevada tarefa (5:4).

De maneira, pois, que segundo este ponto de vista 1 Pedro estaria composta por duas obras separadas: um sermão batismal e uma carta pastoral escrita para tempos de perseguição, e nenhuma destas duas partes teria nada a ver com Pedro.

Ásia Menor, não Roma

Continuemos indagando nestas especulações. Se 1 Pedro for um sermão alusivo ao batismo e uma carta pastoral para tempos de perseguição, onde está seu lugar de origem? Se a Carta não for de Pedro, não há necessidade de relacioná-la com Roma; e, em todo caso, pareceria que a Igreja de Roma não conhecia ou não usava 1 Pedro. Onde foi escrita a Carta então? Reunamos certos fatos.

(a) Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1:1) eram um grupo de províncias que se achavam todas na Ásia Menor, todas tendo Sinope em seu centro.

(b) O primeiro em citar extensamente de 1 Pedro é Policarpo, que foi bispo de Esmirna — e Esmirna estava na Ásia Menor.

(c) Há certas frases em 1 Pedro que imediatamente nos fazem lembrar expressões paralelas em outras partes do Novo Testamento. Em 1 Pedro 5:13 a Igreja é chamada "escolhida", e em 2 João 13 também é chamada assim. Em 1 Pedro 1:8 diz-se com referência a Jesus Cristo: "a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória." Isto nos faz lembrar muito naturalmente a afirmação de Jesus a Tomé registrado no Quarto Evangelho: "Bem-aventurados os que não viram, e creram" (João 20:29). Primeira Pedro insiste com os anciãos a apascentar o rebanho de Deus (1 Pedro 5:2), o que nos lembra o mandamento de Jesus a Pedro de

alimentar seus cordeiros e suas ovelhas (João 21:15-17), e também a exortação de Paulo ao despedir-se dos anciãos de Éfeso recomendando que tivessem do rebanho cuidado sobre o qual o Espírito Santo os tinha feito provedores (Atos 20:28). Tudo isto indica que as lembranças que 1 Pedro desperta são do Quarto Evangelho, das Cartas de João e da Epístola de Paulo aos Efésios. O Quarto Evangelho e as Cartas de João foram provavelmente escritas em Éfeso, e Éfeso estava na Ásia Menor.

Pareceria que à medida que vamos estudando este problema todos os caminhos conduzissem à Ásia Menor.

A ocasião da publicação de 1 Pedro

Assim, dando como certo que 1 Pedro tenha tido sua origem na Ásia Menor, podemos sugerir uma ocasião em que pôde ser escrita? Foi escrita em tempos de perseguição. Agora, sabemos pelas cartas de Plínio que em Bitínia, ao redor do ano 112 D.C. houve uma severa perseguição dos cristãos. Bitínia é certamente uma das províncias mencionadas na introdução de 1 Pedro e bem podemos conjeturar então que esta foi escrita para dar alento aos cristãos nessas duras circunstâncias. Pode ser que naquele momento alguém de alguma Igreja da Ásia Menor tivesse encontrado nestes dois documentos um comovedor e desafiante sermão batismal e uma palavra de alento para tempos de prova, e os tivesse dado a conhecer sob o nome de Pedro. Já dissemos que naquela época isto não teria sido considerado fraude. Tanto para os gregos como para os judeus era prática normal atribuir a certos livros o nome de grandes escritores do passado. No mundo antigo este era um procedimento normal e não reprovável.

O autor de 1 Pedro

Se Pedro não foi quem escreveu 1 Pedro, é possível conjeturar quem pode ter sido seu autor? Vejamos se é possível reconstruir

algumas das particularidades essenciais requeridas para tal autor. Conforme o que já demos por concedido, tal autor teria que vir da Ásia Menor. Baseando-nos em 1 Pedro propriamente dito, teria que ser um ancião e também uma *testemunha ocular* dos sofrimentos de Cristo (1 Pedro 5:1). Há alguém que preencha estes requisitos?

Papias, bispo do Hierápolis em torno do ano 170 D.C. — e que passou sua vida reunindo toda a informação que pôde adquirir a respeito da Igreja primitiva — nos fala de seus métodos e de suas fontes:

"Não vacilarei tampouco em, junto com minhas próprias interpretações, manifestar-te tudo o que diligentemente aprendi e lembrei dos anciãos, garantindo sua veracidade... Além disso, se acontecia que chegava alguém que tinha sido um cabal seguidor dos anciãos, eu lhe perguntava a respeito dos afirmações deles, quer dizer: quanto ao que disseram André ou Pedro, ou Filipe ou Tomé ou Tiago, ou João ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; e também quanto ao que disseram Aristeu ou o presbítero João e os discípulos do Senhor. Porque me parecia que as coisas tiradas de livros não seriam tão úteis como as próprias palavras de alguém que ainda estava conosco."

Aqui temos mencionado a um ancião com o nome de Aristeu, que era discípulo de Jesus e, portanto, testemunha de seus sofrimentos. Há algo que o relacione com 1 Pedro?

Aristeu de Esmirna

Quando recorremos às *Constituições Apostólicas* encontramos que um dos primeiros bispos de Esmirna se chamava Aristón — que é o mesmo nome que Aristeu. Agora, quem é aquele que mais cita a 1 Pedro? Não é outro senão Policarpo, um bispo posterior de Esmirna. Que outra coisa mais natural então que Policarpo citasse aquilo que bem podia ter sido o devocionário clássico da Igreja de Esmirna? É possível que 1 Pedro seja realmente um sermão batismal e uma carta pastoral de Aristeu de Esmirna?

Avancemos um passo mais. Vamos às Cartas enviadas às sete Igrejas que temos no Apocalipse e leiamos a dirigida a Esmirna: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apoc. 2:10).

Pode ser esta a mesma perseguição que aquela outra que originalmente esteve no pano de fundo de 1 Pedro? E foi por causa desta perseguição que Aristeu, o bispo de Esmirna, escreveu primeiro a carta pastoral que posteriormente se converteu em parte de 1 Pedro?

Tal é a sugestão que faz B. H. Streeter. Este opina que 1 Pedro está composta por um sermão batismal e por uma carta pastoral escritos por Aristeu, bispo de Esmirna. Originalmente essa carta pastoral teria sido escrita para consolar e fortalecer o povo de Esmirna no ano 90 d.C. quando a perseguição mencionada no Apocalipse ameaçava a Igreja. Estes escritos de Aristeu teriam chegado a ser os clássicos devocionais e os mais apreciados legados da Igreja de Esmirna. Algo mais de vinte anos depois uma perseguição de alcances muito maiores estalou em Bitínia e se estendeu através de todo o norte da Ásia Menor. Então alguém teria lembrado a carta e o sermão de Aristeu e, considerando que isso era precisamente o que a Igreja necessitava para tais tempos de prova, os teria dado a publicidade sob o nome de Pedro, o grande apóstolo.

Uma Carta do apóstolo

Acabamos de expor integralmente ambos os pontos de vista quanto à origem, à data e ao autor de 1 Pedro. Não há dúvida com relação ao interessante e engenhoso da teoria produzida por B. H. Streeter. Tampouco é possível duvidar de que aqueles que crêem necessária uma data posterior apresentaram argumentos perante os quais temos que nos deter e meditar. Não obstante, por nossa parte não vemos razão alguma para duvidar quanto a que a Epístola seja certamente obra do próprio

Pedro. Tampouco duvidamos de que foi escrita não muito depois do grande incêndio de Roma e da primeira perseguição de seguidores de Cristo, e que o propósito deste escrito era encorajar os cristãos da Ásia Menor para que pudessem resistir firmemente a crescente onda da perseguição com que o inimigo tentava envolvê-los e lhes arrebatara a fé.

1 Pedro 1

O povo eleito e a dispersão - 1:1-2

Os escolhidos de Deus e os exilados da eternidade - 1:1-2 (cont.)

Os três grandes atos da vida cristã - 1:1-2 (cont.)

O novo nascimento do cristão - 1:3-5

A grande herança - 1:3-5 (cont.)

Protegido no tempo e seguro na eternidade - 1:3-5 (cont.)

O segredo da persistência - 1:6-7

Não visto, mas conhecido - 1:8-9

A predição da glória - 1:10-12

A mensagem do pregador - 1:10-12

A necessária força da fé cristã - 1:13

A vida sem Cristo e a vida cheia de Cristo - 1:14-25

O POVO ELEITO E A DISPERSÃO

1 Pedro 1:1-2

Sucede várias vezes no Novo Testamento que a verdadeira grandeza e maravilha de uma determinada passagem não reside unicamente em sua superfície nem naquilo que expressa abertamente. O mais extraordinário reside nas idéias e nas convicções que há como pano de fundo, as quais inspiraram a escrever essa passagem. Este é precisamente o caso desta passagem.

É evidente que esta Carta foi escrita a pessoas de origem gentílica. Pessoas que tinham sido libertadas da vã maneira de viver recebida de seus antepassados (1:18). Aqueles que num tempo não eram povo agora

tinham chegado a ser nada menos que povo de Deus (2:10). Em tempos anteriores tinham andado nos desejos e nas concupiscências dos gentios (4:3). Mas o digno de nota nesta passagem é que toma palavras e conceitos que originalmente tinham sido aplicados só aos judeus, à nação escolhida, e agora os usa com referência aos gentios, àqueles que antes tinham sido considerados como excluídos da misericórdia divina.

Certa vez se disse que "Deus criou os gentios para servir como combustível para o fogo do inferno". Havia-se dito que assim como a melhor das serpentes tem que ser esmagada, assim também o melhor dos gentios tem que ser destruído. Numa época se pretendeu que dentre todas as nações da Terra Deus amava unicamente a Israel. Mas agora a misericórdia, os privilégios e a graça de Deus foram estendidos por toda a Terra e alcançam a todos os homens, até àqueles que nunca puderam ter esperado tal coisa.

(1) Pedro chama àqueles aos quais escreve *os eleitos, o povo eleito de Deus*. Houve um tempo em que este título pertencia a Israel e somente a Israel: "Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra" (Deuteronômio 7:6, cf. 14:2). O profeta fala assim: "Israel meu escolhido" (Isaías 45:4). O salmista fala de "vós, descendentes de Abraão, seu servo, vós, filhos de Jacó, seus escolhidos" (Salmo 105:6, 43). Houve um tempo em que se podia falar de Israel como do povo escolhido por Deus, com exclusão de todas as demais nações.

Entretanto, a nação israelita fracassou no cumprimento dos propósitos divinos, pois ao enviar Deus o Seu filho ao mundo os israelitas o rechaçaram e o crucificaram. Quando Jesus relatou a parábola dos lavradores maus, Ele mesmo advertiu que a herança seria tirada de Israel e dada a outros (Mateus 21:41; Marcos 12:9; Lucas 20:16). O Senhor da vinha entregaria a vinha a outros. Esta é a base para o grande conceito neotestamentário da Igreja cristã como verdadeiro Israel, como novo Israel, o Israel de Deus (cf. Gálatas 6:16). Todos os privilégios que

uma vez pertenceram a Israel pertencem agora à Igreja cristã. A Igreja, com seus membros procedentes de todas as nações do mundo, é o povo escolhido; a misericórdia de Deus alcançou até os confins da Terra, e todos os povos viram a glória e experimentaram a graça de Deus.

(2) Mas há aqui outra palavra que uma vez pertenceu exclusivamente a Israel. A introdução expressa literalmente: "aos expatriados da dispersão (*diáspora*) no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, escolhidos..." (1:1-2). O vocábulo *diáspora* — literalmente "dispersão" — é o termo técnico usado para referir-se aos judeus dispersos por todos os países fora dos limites da Palestina. Às vezes, em sua agitada história, os judeus tinham tido que sair forçosamente de sua terra nativa; em outras ocasiões tinham emigrado por sua própria vontade para trabalhar — e frequentemente prosperar — em outras terras. Esses judeus emigrados eram chamados a *diáspora*, a dispersão. Mas agora a verdadeira *diáspora* não é a nação judia, mas sim a Igreja cristã espalhada por todas as províncias do Império Romano e por todas as nações do mundo. Numa época o povo diferente de todos os outros povos tinham sido os judeus; agora o povo diferente eram os cristãos. Estes constituem o povo cujo rei é Deus, e cuja pátria é a eternidade, e são estrangeiros, peregrinos no mundo.

OS ESCOLHIDOS DE DEUS E OS EXILADOS DA ETERNIDADE

1 Pedro 1:1-2 (continuação)

O que acabamos de ver significa que dois grandes títulos nos pertencem como cristãos:

(1) Somos *o povo eleito de Deus*. Nisto há *elevação*. Indubitavelmente que não pode haver maior elogio e privilégio que o de ser eleitos por Deus. A palavra *eklektos* pode descrever qualquer coisa especialmente escolhida; pode especificar frutos ou artigos especialmente selecionados, objetos escolhidas por causa de sua esmerada fabricação; tropas especialmente selecionadas para alguma

operação militar arriscada ou para cumprir alguma façanha singular. Temos a honra de ter sido especialmente escolhidos por Deus. Mas nisto há também *desafio* e *responsabilidade*. Deus nos escolhe para servirmos. A honra que Deus concede ao homem é a honra de ser utilizado para seus planos e propósitos. O fato de sermos escolhidos significa que a honra e a obra de Deus são confiadas a nossas mãos. E foi precisamente nisto onde os judeus fracassaram e nós temos que estar alerta para evitar que a tragédia de um fracasso igual marque nossas vidas.

(2) Somos os *exilados da eternidade*. Isto não significa que temos que nos retirar do mundo, mas sim devemos estar no mundo no sentido mais real e, ao mesmo tempo, não ser do mundo também no sentido mais real. Sabiamente tem-se dito que o cristão tem que estar *afastado* do mundo ainda que nunca deve estar *afastado* do mundo. Em qualquer parte do mundo onde o judeu exilado se estabelecia, sua vista era posta em direção a Jerusalém. Nos países estrangeiros suas sinagogas estavam edificadas de tal maneira que ao entrar nelas o adorador já estava dando a face para Jerusalém. Por muito útil que sua cidadania pudesse ser ao país onde estava residindo, sua maior lealdade era sempre para com Jerusalém.

A palavra grega que designa tal classe de morador de um país estrangeiro é *paroikos*. Um *paroikos* é alguém que está longe de seu lar, em terra estranha e cujos pensamentos sempre voltam à sua pátria. Esta residência chamava-se *parohkia*, e desta palavra se deriva (através do latim) nosso vocábulo *paróquia*. Os cristãos em qualquer lugar, a paróquia em qualquer lugar, são um grupo de pessoas cujos olhos se voltam para Deus, e cuja lealdade está mais além: “Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hebreus 13:14).

É necessário repetir que isto não significa retirar-se do mundo. O que sim significa é que o cristão vê todas as coisas à luz da eternidade, considera a vida como uma viagem para Deus. É isto o que decide o

valor e a importância que atribui a cada coisa, é isso o que decide sua conduta. Esta é a pedra de toque e a dinâmica de sua vida.

Há uma famosa afirmação não escrita de Jesus: "O mundo é uma ponte; o homem sábio cruzará por ela mas não edificará sua casa sobre ele". Este é o pensamento que há como pano de fundo da seguinte passagem famosa da *Epístola do Diogneto*, uma das obras mais conhecidos da época pós-apostólica: "Para o resto da humanidade, não é seu país o que caracteriza aos cristãos, nem seu idioma nem seus costumes... Habitam em cidades tanto gregas como bárbaras, cada um tal segundo sua sorte, seguindo os costumes da região com relação a veste e alimentação e, em geral, nas coisas externas. Mas mesmo assim manifestam esplêndida e abertamente o paradoxal caráter de sua própria condição. Habitam a terra de seu nascimento mas o fazem como residentes temporários; participam de todas as responsabilidades de sua cidadania e sofrem todas as desvantagens do estrangeiro. Toda terra estrangeira é sua terra nativa, e toda terra nativa é para eles uma terra estrangeira... Passam seus dias sobre a Terra, mas sua cidadania está nos céus".

Seria muito errado crer que tudo isto faz do seguidor de Cristo um mau cidadão do país em que vive. O cristão considera tudo à luz da eternidade. Por isto é o melhor cidadão; pois *só à luz do eterno* podem-se ver os genuínos valores de cada coisa.

Nós, como cristãos, como povo de Deus, somos os exilados da eternidade. E nisso reside tanto nosso incalculável privilégio como nossa iniludível responsabilidade.

OS TRÊS GRANDES ATOS DA VIDA CRISTÃ

1 Pedro 1:1-2 (continuação)

No versículo 2 nos encontramos com três grandes atos da vida cristã.

(1) O cristão é *eleito segundo a presciência de Deus*. G. E. B. Cranfield tem um belo comentário sobre esta frase: "Se toda nossa atenção se concentrar na hostilidade ou na indiferença do mundo, ou no exíguo de nosso progresso na vida cristã, bem podemos nos desalentar. Em tais momentos é necessário sermos lembrados que fomos escolhidos *segundo a presciência de Deus Pai*. A Igreja não é uma simples organização humana ainda que, é obvio, também é isso. Sua origem não obedece à vontade carnal nem ao idealismo humano; tampouco procede das aspirações ou os planos dos homens, mas sim do eterno propósito de Deus". Quando estivermos abatidos bem podemos nos lembrar a nós mesmos que a Igreja cristã chegou a ter vida segundo o propósito e o plano divinos, e se for fiel e obediente a Deus nunca poderá fracassar em forma definitiva.

(2) O cristão é eleito *em santificação do Espírito*, Disse Lutero: "Por minha própria razão ou por minhas próprias forças não posso crer em Jesus Cristo nem ir a Ele." Para o cristão o Espírito Santo é essencial em cada aspecto de sua vida espiritual e em cada passo que nela dê. É o Espírito Santo que desperta em nós os primeiros fracos desejos e anelos de Deus e de sua bondade. É o Espírito Santo aquele que nos convence de pecado e aquele que nos conduz à cruz onde somos perdoados. É o Espírito Santo aquele que nos capacita a andar em santidade e ficar livres dos pecados que nos tinham sujeitos e alcançar as virtudes que são fruto do Espírito. É o Espírito Santo quem nos dá a segurança de que nossas faltas são perdoadas e que Jesus Cristo é Senhor. O princípio, o centro e o fim da vida cristã são todos eles obra do Espírito Santo.

(3) Os cristãos são *escolhidos para obedecer e ser aspergidos com o sangue de Jesus Cristo*. No Antigo Testamento há três ocasiões em que se menciona o aspergimento com sangue. Bem pudesse ser que essas três ocasiões tenham estado presentes na lembrança de Pedro e que tenham tido algo que contribuir ai pensamento que serve de fundo a estas palavras.

(a) Quando um leproso era curado, ele era aspergido com sangue de ave (Levítico 14:1-7). O aspergimento com sangue é, portanto, símbolo de limpeza. Mediante o sacrifício de Cristo o cristão é limpo de pecado.

(b) O aspergimento com sangue formou parte do ritual para apartar Arão e os sacerdotes (Êxodo 29:20-22; Levítico 8:30). O aspergimento era sinal de *consagração* para servir a Deus. O cristão é afastado especialmente para que sirva a Deus e não só no templo, mas também no mundo.

(c) Mas a grande figura do aspergimento vem da aliança de relações entre Israel e Deus. Na aliança, Deus, por sua própria e livre vontade, aproximou-se de Israel para que eles pudessem ser seu povo e Ele o Deus deles. Mas essa relação dependia dos israelitas aceitarem as condições da aliança e obedecessem a lei. A obediência era uma condição *sine qua non* da aliança, e deixar de obedecer equivalia ao fracasso da aliança de relações entre Deus e Israel. Por isso que o livro da aliança foi lido a Israel e o povo se comprometeu dizendo: “Tudo o que falou o SENHOR faremos” (Êxodo 24:3). E como objeto desta relação de obediência do povo para com Deus, Moisés tomou a metade do sangue do sacrifício e aspergiu com ela o altar, e com a outra metade aspergiu o povo (Êxodo 24:1-8). O aspergimento era para *obedecer*. Mediante o sacrifício de Jesus Cristo seus seguidores são chamados a uma nova relação com Deus na qual todas as faltas do passado lhes são perdoadas e eles se comprometem a obedecer daí em diante. Mediante Cristo o cristão é purificado e afastado, e se compromete a obedecer pelo resto de seus dias.

O cristão é chamado segundo o propósito de Deus. Mediante a obra do Espírito Santo sua vida é elevada rumo ao Pai celestial. Mediante o aspergimento do sangue de Cristo, é purificado de sua vida passada e consagrado a obedecer a Deus daí em diante.

O NOVO NASCIMENTO DO CRISTÃO**1 Pedro 1:3-5**

Gastaremos longo tempo para nos apropriar das riquezas desta passagem. Poucos lugares há no Novo Testamento onde se reúnam e apareçam juntas tão grandes e fundamentais idéias cristãs.

Começa com uma doxologia, mas esta doxologia é distinta. Para um israelita a oração mais comum era "Bendito tu, ó Deus", "Bendito és tu, ó Deus, que despertas os mortos", é a forma típica da oração judia. O cristão toma essa oração, mas introduz uma diferença. Começa exclamando "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". O cristão não está orando a um Deus remoto, distante e desconhecido; está dirigindo-se ao Deus que é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; está orando a um Deus que é como Jesus e, a quem, mediante este, podemos ir com infantil confiança e ousadia.

Esta passagem começa com a idéia do *novo nascimento*. O cristão é alguém que renasceu; foi gerado por Deus para uma nova e distinta classe de vida. Além de qualquer outra coisa que possa significar, isto significa que quando um homem se converte em seguidor de Cristo chega a sua vida uma mudança tão radical e tão decisiva que somente pode dizer que nasceu de novo. O mesmo se tornou tão distinto e a existência é tão diferente para ele que a única coisa que pode dizer é que a vida começou completamente de novo. Esta idéia de renascer corre através de todo o Novo Testamento. Buscaremos agora reunir tudo o que ali se diz a respeito.

(1) O novo nascimento cristão se produz pela vontade e pela obra de Deus (João 1:13; Tiago 1:18). Não é algo que o homem obtém, assim como tampouco obtém seu próprio nascimento físico; é algo que lhe sucede pela vontade, pela graça e pelo poder de Deus.

(2) Outra maneira de expressar o mesmo quer dizer que este renascer é obra do Espírito Santo (João 3:1-15). Sucede com o homem

não por seu próprio esforço, mas sim quando se rende para ser possuído, ocupado e recriado pelo Espírito que opera dentro dele.

(3) Este novo nascimento é operado mediante a palavra de verdade (Tiago 1:18, 1 Pedro 1:23). No princípio foi a palavra de Deus a que criou os céus, a Terra e todas as coisas que neles há. Deus falou, e o caos transformou-se em mundo, e esse mundo foi provido com e para a vida. São a palavra criadora de Deus em Jesus Cristo e no Livro de Deus os que operam este renascer na vida do homem.

(4) O resultado deste renascer é que aquele que o experimentou se torna as primícias da nova criação (Tiago 1:18). Este renascer eleva o homem acima deste mundo de espaço e de tempo, acima deste mundo de mudança e decadência, acima deste mundo de pecado e de derrota e o conduz, agora e aqui, a um vivo contato com a eternidade e com a vida eterna.

(5) Quando o homem renasce, renasce para *uma viva esperança* (1 Pedro 1:3). Paulo descreve o mundo pagão como um mundo sem esperança (Efésios 2:12).

Sófocles escreveu: "Não nascer é, inquestionavelmente, a melhor fortuna. Em segundo lugar o melhor seria isto: logo que a pessoa nasceu deveria voltar a toda pressa para o lugar de onde veio". Para os pagãos o mundo era um lugar onde todas as coisas murchavam e corrompiam um mundo que em si mesmo podia ser prazenteiro mas que não se dirigia senão a uma tenebrosa eternidade. Para o mundo antigo a característica cristã era a esperança. Essa esperança obedecia a duas causas:

(a) O cristão cria ter nascido não de uma semente corruptível, mas incorruptível (1 Pedro 1:23). Tinha em si mesmo algo da própria semente de Deus, e, por conseguinte, uma vida que nem o tempo nem a eternidade poderiam destruir.

(b) O cristão tinha sempre consigo a Jesus Cristo — estava identificado com Ele — e Jesus Cristo tinha vencido a própria morte, portanto não havia nada do que pudesse atemorizar-se.

(6) O novo nascimento do cristão é um renascer à justiça (1 João 2:29; 3:9; 5:18). Neste novo nascimento é purificado de si mesmo, dos pecados que o prendem e dos hábitos que o atam; fica emancipado do pecado e lhe é concedido um poder que o capacita a andar em justiça. Isto não quer dizer que quem nasceu não voltará a pecar; o que quer dizer é que cada vez que caia serão dados poder e graça para levantar-se novamente.

(7) O renascer do cristão é um renascer ao amor (1 João 4:7). Porque a vida de Deus está nele, é purificado do egoísmo essencial da existência sem Cristo, limpo da amargura implacável do egocentrismo, e há nele algo do amor compassivo e sacrificial da vida de Deus.

(8) Finalmente, o novo nascimento do cristão é um renascer para a vitória (1 João 5:4). A vida deixa de ser uma derrota e começa a ser uma vitória: vitória sobre si mesmo, sobre o pecado, sobre Satanás e sobre as circunstâncias. Porque a vida de Deus está nele, o cristão tem descoberto o segredo e o poder da vida vitoriosa.

A GRANDE HERANÇA

1 Pedro 1:3-5 (continuação)

Além disso, o cristão entrou em posse de uma grande herança, em grego *kleronomia*. Aqui temos uma palavra com uma prodigiosa história. Este vocábulo é usado regularmente no Antigo Testamento grego para referir-se à herança de Canaã, a Terra Prometida. Várias vezes o Antigo Testamento refere-se à terra que Deus deu a seu povo como *herança para a possuíres* (Deuteronômio 15:4; 19:10). Para nós a palavra herança tende a significar algo em que entraremos um dia e que possuiremos no futuro. Mas na forma em que a Bíblia usa este vocábulo significa, antes uma posse já estável e segura. Para os judeus a grande herança, a grande posse firme e determinada, o grande legado era a Terra Prometida.

Mas herança cristã é maior ainda. Pedro usa três grandes palavras com três grandes figuras no pano de fundo de cada uma delas para descrever a herança cristã. É *incorruptível*. Em grego isto é *afthartos*, palavra que certamente significa *incorruptível* e *imperecível*, mas além disso, pode significar *não assolada por nenhum exército inimigo*. Muitíssimas vezes a terra da Palestina tinha sido saqueada pelos exércitos invasores; sobre seu território se combateu duramente e tinha sido arrasada e destruída. Mas o cristão possui uma paz, uma alegria, uma segurança e uma serenidade que nenhum exército invasor pode assolar nem destruir. É *sem mácula* (em grego *amiantos*) e o verbo correspondente do qual se deriva este adjetivo é *miainein*, significa *corromper, contaminar*, com malvada impureza. Em repetidas ocasiões a terra da Palestina tinha sido contaminada pelo culto a deuses falsos (Jeremias 2:7, 23; 3:2, Ezequiel 20:43). As coisas que contaminam freqüentemente tinham deixado seus rastros até na mesma Terra Prometida, mas o cristão tem uma pureza e uma santidade que o pecado do mundo não pode corromper. É *imarcescível*, em grego *amarantos*. Na Terra Prometida, como em qualquer outra parte, até as mais belas flores se murcham os mais esplêndidos pimpolhos morrem. Mas o cristão é elevado a um mundo onde não há mudança nem deterioração; um mundo onde sua paz, sua alegria e sua serenidade não são tocadas pelas mudanças nem pelas circunstâncias variáveis da vida.

Qual é, então, esta maravilhosa herança que possui o cristão renascido? Pode haver muitas respostas secundárias a esta pergunta, mas há somente uma resposta definitiva — a herança do cristão não é outra coisa senão o próprio Deus. O salmista havia dito: “O SENHOR é a porção da minha herança” (Salmo 16:5). Deus é sua porção para sempre (Salmo 73:23-26). “A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele” diz o profeta em Lamentações 3:24.

Devido ao fato de que o cristão possui a Deus e é possuído por Deus, tem a herança incorruptível, incontaminada e imarcescível.

1 Pedro 1:3-5 (continuação)

A herança do seguidor de Cristo, o pleno gozo de Deus, está aguardando-o no céu. E sobre isto Pedro tem duas grandes coisas a dizer.

(1) Em nossa viagem através deste mundo rumo à eternidade, somos guardados pelo poder de Deus mediante a fé. A palavra que Pedro usa em grego é *frourein* um termo militar. Significa que nossa vida está guarnecida por Deus, que Deus age como o sentinela de todos os nossos dias. O homem que tem fé nunca duvida, mesmo quando não possa ver que Deus monta guarda entre as sombras para proteger os seus. Não é que Deus nos salve dos problemas e das aflições da vida, mas sim nos capacita a enfrentá-los, a suportá-los, a vencê-los e a seguir adiante.

(2) A salvação final, a libertação última será revelada no último tempo. Temos aqui dois conceitos que são as verdadeiras bases do pensamento do Novo Testamento.

A Novo Testamento fala freqüentemente do último dia, ou dos últimos dias ou do último tempo. Como pano de fundo disto temos a idéia judia do tempo. Os judeus dividiam o tempo em duas idades. Havia a idade presente, a qual era totalmente má e estava sob o absoluto domínio do mal e a idade vindoura que seria a idade áurea de Deus. Em meio destas duas idades se elevava o Dia do Senhor durante o qual o mundo ia ser destruído e reconstruído, e quando viria o juízo. A este tempo intermédio é ao que os judeus chamavam "os últimos dias" ou "o último tempo". Mais singelo será dizer que quando o Novo Testamento fala dos últimos dias refere-se a quando o tempo e o mundo, tal como os conhecemos hoje, terão fim.

Devemos lembrar sempre que não nos é concedido saber quando chegará esse momento, nem o que então sucederá. Mas sim podemos compilar o que o Novo Testamento expressa a respeito desses últimos tempos.

(1) Os cristãos criam estar vivendo já nesses últimos dias. "Já é o último tempo", diz João aos seus (1 João 2:18). O autor de Hebreus fala da plenitude da revelação que em Cristo alcançou os homens nestes últimos dias (Hebreus 1:2). Tal como o viam os primitivos cristãos, Deus tinha invadido o tempo e o fim se estava apressando.

(2) Os últimos tempos teriam que ser tempos de derramamento do Espírito de Deus sobre os homens (Atos 2:17). Os primitivos cristãos também viram o comprimento disso no Pentecostes e na Igreja cheia do Espírito.

(3) Era convicção generalizada entre os primitivos cristãos que antes do fim as potências do mal fariam uma espécie de último assalto e então surgiriam toda classe de mestres falsos e mentirosos (2 Timóteo 3:1; 1 João 2:18; Judas 18). Seria como uma labareda final da maldade e do engano.

(4) Os mortos seriam ressuscitados. Jesus tinha prometido que no último tempo Ele ressuscitaria os seus (João 6:39, 40, 44, 54, 11:24).

(5) Inevitavelmente seria um tempo quando se exerceriam o juízo e a justiça divinos e os inimigos de Deus encontrariam sua justa condenação e castigo (Tiago 5:3, João 12:48).

Tais são as idéias que operam na mente dos escritores do Novo Testamento quando usam expressões tais como *últimos tempos* ou *últimos dias*.

Evidentemente, para muitas pessoas esses seriam tempos de terror, mas para o cristão, pelo contrário, nesse tempo não há terror, mas sim salvação e libertação. Para o seguidor de Cristo o que tem que ser revelado não é terror, mas sim salvação. Temos que lembrar sempre que a palavra *sozein* significa *salvar*, em muito mais do que poderíamos chamar o sentido teológico do termo. É a palavra usada usualmente para significar ser *salvo de um perigo*, e *curar-se de uma enfermidade*.

Charles Bigg, em seu Comentário, assinala que no Novo Testamento os vocábulos *sozein*, *salvar*, e *soteria*, *salvação*, têm quatro esferas de significados distintos mas intrinsecamente relacionados. (a)

Descrevem a libertação de um perigo (Mateus 8:25). (b) Descrevem a libertação de uma enfermidade (Mateus 9:21). (c) Descrevem a libertação da condenação de Deus (Mateus 10:23; 24:13). (d) Descrevem a libertação da enfermidade e do poder do pecado (Mateus 1:21). A salvação é algo multifacético. Nela há libertação do perigo, da enfermidade, da condenação e do pecado. E isto e nada menos que isto é o que o cristão pode esperar confiantemente no final.

O SEGREDO DA PERSEVERANÇA

1 Pedro 1:6-7

Agora é quando Pedro chega à real situação em que se acham seus leitores na vida. Seu cristianismo os tinha feito sempre impopulares mas agora estavam encarando a ameaça de uma quase segura perseguição. Era evidente que a tormenta logo estalaria e que a vida ia ser uma experiência cruel. Aqui, em vista da ameaçadora situação Pedro lembra-os de três razões pelas quais poderão suportar qualquer coisa que lhes sobrevenha.

(1) Poderão suportar qualquer prova devido àquilo em que depositaram sua esperança. No final lhes está reservada a magnífica e esplêndida herança. No final há para eles alegria e vida com Deus. No final há para eles resgate, salvação, libertação. Em realidade assim é como Westcott entende a frase *no tempo último* (*en kairó escató*), Preferimos entender que a frase significa no tempo quando o mundo tal como o conhecemos chegue a seu fim; mas a frase grega pode significar *quando o pior chega ao pior*, quando chega a crise, quando se chega ao limite da resistência. Então — diz Westcott — quando as coisas chegaram a seu limite, é quando se desdobrará o poder salvador de Cristo. De toda maneira, o significado último é o mesmo. Para o cristão a perseguição, os problemas, as aflições não constituem o fim; mais além de todo isso está a glória. Alimentado pela esperança dessa glória o cristão pode suportar tudo o que a vida acumule sobre ele. Sucede às

vezes que alguém que está doente tem que sofrer uma dolorosa operação ou um delicado tratamento mas, de bom grado e teimosamente, aceita a dor e o desconforto por causa da saúde renovada e fortalecida que lhe está aguardando no além. É um fato básico da vida que o homem pode aceitar e sofrer qualquer coisa enquanto tem algo em que depositar sua esperança — e o cristão tem a esperança da alegria final e definitiva.

(2) Poderão suportar qualquer coisa que lhes sobrevenha se lembrarem que todo contratempo é em realidade uma prova. Antes que o ouro chegue a ser puro tem que ser tratado, provado e purificado por meio do fogo. Os contratempos que sobrevêm ao homem são para provar sua fé e como resultado sua fé pode emergir mais forte, mais limpa e mais firme que antes. Os rigores a que é submetido o atleta não têm o propósito de esgotar suas forças, mas capacitá-lo a desenvolver cada vez mais sua fortaleza e sua capacidade de resistência. Neste mundo os contratempos e as aflições não têm por objeto nos subtrair forças, mas sim nos dar mais força.

Com relação a isto há um fato muito sugestivo na linguagem que usa Pedro. Diz que no momento o cristão pode sofrer *diversas* provas. A palavra empregada em grego é *poikilos* que, literalmente, significa *multicolorido*. Agora, Pedro usa essa palavra mais uma vez e somente uma, e a outra ocasião em que a emprega é para descrever a graça de Deus (1 Pedro 4:10). Nossos problemas e contratempos podem ser multicoloridos mas também o é a graça de Deus. Não há cor na situação humana que a graça de Deus não seja capaz de enfrentar. Não importa o que a vida nos esteja fazendo, na graça de Deus há aquilo que nos capacita a enfrentá-lo e a vencê-lo. Há uma graça para enfrentar cada prova, e não há prova que não tenha sua graça.

(3) Poderão suportar qualquer coisa porque no final, quando Jesus Cristo apareça, receberão dEle louvor, glória e honra. Poderão enfrentar qualquer coisa na segurança de que algum dia, quando Jesus aparecer o escutarão dizer: "Muito bem!" É freqüente que nesta vida façamos grandes esforços e cumpramos excelentes tarefas não por receber algum

pagamento, mas por ouvir alguém nos dirigir uma palavra de elogio. Experiências como esta significam para nós muito mais que qualquer outra coisa. Assim também o cristão suporta porque sabe que no final escutará a seu Mestre dizer-lhe "Muito bem!".

Aqui temos, pois, o segredo da resistência quando a vida se torna dura e a fé se torna difícil. Podemos resistir devido à grandeza daquilo para com o que estamos olhando em esperança, porque toda prova é ocasião para provar, fortalecer e purificar nossa fé, porque no final Jesus Cristo nos está aguardando para dizer "Muito bem!" a todos os seus fiéis servidores.

NÃO VISTO, MAS CONHECIDO

1 Pedro 1:8-9

Pedro está traçando aqui um contraste implícito entre ele mesmo e seus leitores. Teve o grande privilégio de ter conhecido a Jesus e ter andado junto a Ele nos dias de sua vida terrestre. Seus leitores não tinham desfrutado dessa alegria. Mas ainda não tendo conhecido nunca a Jesus na carne, amavam-no; e ainda que não o viam com os olhos físicos o contemplavam, entretanto, com os olhos da fé, e criam. E esta crença os conduzia a uma alegria inexprimível e revestida de glória, porque até aqui e agora esta fé dava-lhes a segurança do bem-estar definitivo de suas almas.

E. G. Selwyn distingue em seu comentário quatro etapas na apreensão de Cristo pelo homem.

(1) A primeira é a etapa da esperança e do desejo, a etapa daqueles que através das idades esperaram e sonhou com a vinda do Rei. Como Jesus mesmo disse a seus discípulos. "Muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram" (Lucas 10:23-24). Eram dias de esperanças e de sonhos, de ansiedade e de expectativas que nunca foram plenamente cumpridas.

(2) A segunda etapa foi a daqueles que conheceram Jesus na carne. Nesta estava pensando Pedro aqui. Era o que estava pensando quando disse a Cornélio: “Nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém” (Atos 10:39). Eram aqueles que tinham andado com Jesus e de cujo testemunho depende nosso conhecimento da vida e das palavras de Jesus.

(3) Em cada nação, povo e época há aqueles que vêm a Jesus com os olhos da fé. Jesus disse a Tomé: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!” (João 20:29). Esta maneira de ver a Jesus só é possível devido ao fato de que Ele não é alguém que viveu e morreu e que agora existe somente como personagem de um livro; Jesus viveu e morreu mas segue vivendo para sempre jamais. Tem-se dito que “nenhum apóstolo jamais *lembrava* a Jesus”. Isto significa que Jesus não é uma simples lembrança; é uma pessoa cuja presença podemos experimentar e com quem podemos nos encontrar de uma maneira real.

(4) Por último temos a visão beatífica. João confiava em que veríamos Jesus Cristo tal como Ele é (1 João 3:2). Por sua vez, Paulo expressa: “Agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face” (1 Coríntios 13:12). Se o olho da fé persevera, chegará o dia em que se converterá no órgão d« a vista, e veremos face a face e conheceremos tal como somos conhecidos.

A PREDIÇÃO DA GLÓRIA

1 Pedro 1:10-12

Novamente temos aqui uma passagem de rico conteúdo. A maravilha da salvação que ia chegar aos homens em Cristo era tal que os profetas investigaram e inquiriram a respeito dela. Era uma maravilha tal que até os anjos desejavam captar ainda que tão somente fosse uma olhada dela. Esta passagem tem muito que nos dizer a respeito de como receberam os profetas sua mensagem e a respeito de como eles

escreveram e falaram. Há poucas porções da Escritura que tenham mais para nos informar com relação a como os homens de Deus escreveram e como foram inspirados.

(1) Duas coisas nos dizem a respeito dos profetas. Primeiro, que buscaram e inquiriram quanto à salvação que deveria chegar. Segundo, que o Espírito de Cristo disse a verdade de Cristo. Temos aqui expressa a grande verdade de que a inspiração depende de duas coisas: a mente inquisitiva do homem e o Espírito revelador de Deus. Costuma-se às vezes dizer que os homens que escreveram a Bíblia não tiveram outra relação com o que escreviam do que a que pode ter a pena guiada pela mão de alguém com o que este escreve. que eram como penas na mão de Deus, que eram como flautas sopradas pelo Espírito de Deus ou como liras através de cujas cordas movia-se o Espírito de Deus. Quer dizer, que os escritores da Bíblia eram considerados não mais que como instrumentos quase inconscientes nas mãos de Deus. Mas esta passagem nos reparte o grande ensino de que a verdade de Deus vem somente ao homem que a busca, que a inspiração vem quando a revelação do Espírito de Deus encontra-se com a busca da mente do homem. Em toda inspiração há um elemento humano e um elemento divino; é ao mesmo tempo produto da busca da mente do homem e da revelação do Espírito de Deus.

Além disso, esta passagem nos diz que o Espírito Santo, o Espírito de Cristo sempre esteve ativo no mundo. Em qualquer lugar que os homens entreveram a beleza, em qualquer lugar que captaram a verdade, em qualquer lugar que tiveram ânsias de Deus, ali estava o Espírito de Cristo. Nunca houve tempo algum em nação alguma em que o Espírito de Cristo não estivesse impulsionando os homens a buscarem a Deus, guiando-os para que pudessem encontrá-lo. Às vezes os homens foram cegos e surdos, às vezes interpretaram mal essa guia, às vezes captaram só fragmentos dela porque não podiam tomar mais, mas sempre o Espírito revelador estava ali para encontrar-se com os homens e para guiar a mente inquisitiva.

(2) Esta passagem nos conta o que os profetas disseram. Eles relataram os sofrimentos e a glória de Cristo. Passagens tais como o Salmo 22 e Isaías 52:13–53:12 encontram sua consumação e seu cumprimento nos sofrimentos de Cristo. Outras passagens como os Salmos 2; 16:8-11; e 110 acham seu cumprimento na glória e no triunfo de Cristo. Não é necessário pensar que os profetas previram realmente o homem Jesus em seu aspecto físico. O que sim previram era que chegaria um tempo em que seus sonhos e suas visões seriam cumpridos.

(3) Esta passagem diz em nome de quem falassem os profetas. Foi a mensagem da gloriosa libertação operada por Deus o que eles trouxeram para a humanidade. Foi esta uma libertação que eles (os profetas) nunca viram nem experimentaram. Às vezes Deus concede a alguém uma visão, mas lhe diz "Ainda não!" Deus tomou a Moisés e o levou a Pisga e dali lhe mostrou a Terra Prometida e lhe disse: "Eu te faço vê-la com os próprios olhos; porém não irás para lá" (Deuteronômio 34:1-4).

Conta-se de um faroleiro cego, que ao anoitecer acendia o sistema de iluminação público indo de farol em farol medindo seu caminho e levando a outros a luz que ele nunca veria.

Os profetas sabiam que era um extraordinário privilégio receber a visão ainda que o cumprimento e a consumação da mesma estivessem reservados para outros que ainda teriam que vir.

A MENSAGEM DO PREGADOR

1 Pedro 1:10-12

Mas, além disso esta passagem nos conta não só as visões dos profetas, mas também nos dá a mensagem do pregador. Foram os pregadores os que levaram a mensagem de salvação aos leitores da Carta de Pedro.

(1) Diz-nos que a pregação é o anúncio da salvação, é entregar o evangelho, as boas novas. A pregação pode ter em diferentes ocasiões muitas notas e muitos aspectos mas, fundamentalmente, é a proclamação

do evangelho. O pregador pode às vezes advertir, ameaçar e condenar, pode levar os homens a lembrarem do juízo e a ira de Deus mas, basicamente, além de todo o resto, a mensagem do pregador é o anúncio da salvação.

(2) Diz-nos que a pregação se realiza mediante o Espírito Santo enviado do céu. A mensagem do pregador não é sua própria, mas é-lhe dada. Ele entrega, não suas próprias opiniões, pontos de vista ou preconceitos, mas sim apresenta a verdade que lhe foi dada pelo Espírito Santo. Assim como o profeta, também ele terá que buscar e inquirir. Tendo estudado e aprendido terá que esperar então que a voz e a direção do Espírito venham sobre ele.

(3) Diz-nos que a mensagem do pregador tem que ver com coisas das quais os anjos desejaram ter ainda que fosse tão somente um vislumbre. Não há razão que possa justificar a trivialidade na pregação. Não há desculpa para uma mensagem com inclinações terrestres, sem afeto, falta de interesse e emoção. A salvação que Deus oferece é algo tão extraordinário que até os anjos desejaram vê-la.

O pregador deve sempre aparecer perante seus ouvintes com a mensagem de Deus e a inspiração do Espírito Santo.

A NECESSÁRIA FORÇA DA FÉ CRISTÃ

1 Pedro 1:13

Pedro esteve falando daquela grandeza e daquela glória que o cristão pode aguardar com esperança. Mas o seguidor de Cristo nunca deve perder-se em sonhos a respeito do futuro; sempre tem que ser firme na batalha do presente. Por isso Pedro faz três desafios a seus leitores.

(1) Diz-lhes: *cingindo os lombos do vosso entendimento*. Esta é uma expressão deliberadamente vívida. No Oriente os homens levavam longas vestimentas flutuantes que os impediam de avançar com rapidez ou desenvolver um trabalho intenso. Em torno da cintura usavam um largo cinturão ou cinto e quando era necessário cumprir uma tarefa

intensa cortavam o comprido de suas flutuantes vestes levantando-as e sujeitando-as com o cinturão para ter assim liberdade de movimentos. Uma expressão equivalente para nós seria "arregaçar as mangas" ou tirar a jaqueta ou casaco para ter assim maior comodidade para o trabalho. Aqui, então, Pedro está exortando a seus leitores para que estejam preparados para o mais intenso esforço mental. Nunca devem contentar-se com uma fé medíocre e negligente. Têm que decidir-se a pensar as coisas em todas as suas dimensões e implicações. Nunca devem conformar-se com uma cômoda e superficial aceitação da fé. Devem pensar com profundidade. Pode ser que tenham que descartar algumas coisas. Pode ser que cometam erros. Mas o que restar eles o possuirão de tal maneira que nada nem ninguém poderá jamais arrebatá-lhe

(2) Diz-lhes que sejam *sóbrios*. A palavra grega — como a nossa — tem dois significados. Pode significar que devem abster-se da embriaguez no sentido literal do termo; e também pode significar que devem ser constantes, perseverantes e firmes em seu pensamento. Não devem nunca embriagar-se com licores nem com pensamentos intoxicantes; devem manter um juízo são, equilibrado e sólido. É fácil que o cristão seja levado sucessivamente por uma variedade de entusiasmos repentinos. É possível ter uma mentalidade que rapidamente se intoxica com a última moda e com o mais recente entusiasmo. Pedro está apelando a seus leitores para que mantenham a estabilidade essencial do homem que sabe o que crê.

(3) Diz-lhes *que ponham sua esperança na graça que lhes será dada quando Jesus Cristo venha*. A característica destacada do cristão é que *vive em esperança*. E precisamente porque vive em esperança é que pode suportar as provas do presente. Qualquer pessoa pode suportar a luta e o esforço presente se tiver a certeza de que tudo isso o está conduzindo a algum lugar. Essa é a forma em que o atleta aceita seu duro treinamento e o estudante sua prolongada aprendizagem. O esforço, a disciplina e a luta chegam a ter significado devido àquilo a que conduzem. De maneira que para o cristão o melhor sempre está ainda por

vir. O cristão pode viver agradecido por todas as misericórdias do passado, resolvido a enfrentar o desafio do presente e com a esperança certa de que em Cristo o melhor está ainda por chegar.

A VIDA SEM CRISTO E A VIDA CHEIA DE CRISTO

1 Pedro 1:14-25

Esta passagem pode ser enfocada de três ângulos diferentes. Vamos considerá-los um após outro.

1. Jesus Cristo Redentor e Senhor

Aqui se dizem três coisas com relação a Jesus Cristo como Redentor e Senhor.

(1) Jesus Cristo é o Emancipador mediante o qual os homens são libertados da escravidão do pecado e da morte. É o Cordeiro sem defeito e sem mancha (V. 19). Quando Pedro refere-se assim a Jesus, sua mente recorre a duas figuras do Antigo Testamento. Está olhando retrospectivamente a Isaías 53 com sua descrição do Servo Sofredor mediante cujos padecimentos o povo seria salvo e curado. E acima de tudo estava lembrando a figura do cordeiro pascal (Êxodo 12:5).

Naquela noite para sempre memorável quando deixaram a escravidão do Egito, ordenou-se aos filhos de Israel tomar um cordeiro e sacrificá-lo marcando com seu sangue os postes e o batente de suas portas; e quando o anjo da morte visse o sangue do cordeiro sobre os postes das portas à medida que ia passando através da terra dando morte aos primogênitos dos egípcios, passaria por alto essa casa e seus habitantes seriam salvos. Esta figura do cordeiro pascal contém dois pensamentos gêmeos: ser emancipados da escravidão e ser libertados da morte. Não importa como o interpretemos, o fato básico é que foram necessárias a vida e a morte de Jesus Cristo para libertar os homens da

escravidão do pecado e da morte, e para lhes dar vida e os levar de volta a Deus.

(2) Jesus Cristo é o eterno propósito de Deus. Antes da fundação do mundo já foi destinado para a obra que devia fazer (V. 20). Aqui há um grande pensamento que é repetido em Apocalipse 13:8, onde lemos: "o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo". Este é um pensamento de infinito valor. Às vezes tendemos a pensar em primeiro Deus como Criador e depois como Redentor. Pensamos em que Deus criou o mundo e, depois, quando as coisas saíram mal, buscou algum modo de resgatar o mundo mediante Jesus Cristo. Mas aqui temos a majestosa visão de um Deus que foi Redentor *antes* de ser Criador. O poder e o propósito redentores de Deus, o amor redentor de Deus não são medidas de emergência às quais Ele se viu compelido quando as coisas foram mal. O divino propósito redentor se remonta a tempos anteriores à criação. Deus é Redentor tão eternamente como é Criador. Seu amor, assim como o seu poder, vai além do tempo.

(3) Mas a ilação do pensamento de Pedro é característica de todo o Novo Testamento. Jesus Cristo não só é o Cordeiro que foi sacrificado, mas também é o Ser ressuscitado e triunfante a quem Deus glorificou. Os pensadores neotestamentários raramente separam a cruz e a ressurreição; quase nunca pensam no *sacrifício* de Cristo sem pensar em seu *triunfo*.

Edward's, em seu livro *That they might have Life*, conta-nos que uma ocasião analisou muito cuidadosamente o relato da Paixão e da Ressurreição com objeto de encontrar uma maneira representá-la num drama. Depois deste pormenorizado estudo começou a ter certa convicção. "Comecei a sentir explica Rogers — que havia algo sutil e tragicamente equivocado em qualquer ênfase sobre a agonia da cruz que empalidescesse o resplendor da ressurreição, em toda sugestão que foi o sofrimento suportado, antes, que o amor triunfante foi o que assegurou a salvação do homem". Pergunta Rogers para onde se voltam os olhos do cristão ao começar a Quaresma. O que é que vêm predominantemente? "São as trevas cobrindo a Terra a meio-dia? O torvelinho de dor e de

angústia que gira em torno da cruz? Ou é o deslumbrante e misterioso brilho que surge da tumba vazia ao amanhecer? E acrescenta depois: "Há formas da mais zelosa e devota pregação e teologia evangélicas que comunicam a impressão de que de algum modo a crucificação eclipsou a ressurreição e de que todo o propósito de Deus em Cristo foi completado no Calvário. A verdade, que só com grave risco espiritual pode ser obscurecida, é que a crucificação não pode ser interpretada e entendida exceto à luz da ressurreição".

Através de sua morte Jesus emancipou os homens da escravidão do pecado e da morte; mas através da ressurreição lhes dá uma vida que é tão glorioso e indestrutível como a sua própria. Através de sua triunfante ressurreição "temos fé e esperança em Deus (V. 21).

Nesta passagem vemos Jesus como o grande libertador e emancipador, funções que cumpre à custa de sua própria vida e pagando o preço da cruz do Calvário. Aqui vemos Jesus como o eterno propósito redentor divino, propósito este que é mais antigo que o tempo. Aqui vemos Jesus triunfante sobre a morte e glorioso Senhor da vida, doador de uma vida a qual a morte não pode obstruir nem afetar, doador de uma esperança que ninguém pode arrebatá-la.

2. A vida sem Cristo

Nesta passagem Pedro destaca três características da vida sem Cristo, três características da existência dentro do mundo, antes que Cristo penetre na vida.

(1) É uma vida de *ignorância* (V. 14). O mundo pagão estava sempre apanhado pela impossibilidade de conhecer a Deus; no máximo os homens podiam conjecturar e andar tateando em torno do mistério de Deus. "É difícil — comenta Platão — investigar e encontrar o Criador e Pai do universo; e ainda que se fosse encontrado seria impossível expressá-lo em termos compreensíveis para todos". Até o filósofo tem dificuldade de encontrar a Deus, e ao homem comum é impossível

entendê-lo. Aristóteles falou de Deus como da primeira causa sonhada por todos os homens mas por ninguém conhecida. Não era tanto que o mundo antigo duvidasse da existência de um Deus ou de deuses, mas sim que cria que tais deuses eram virtualmente de impossível conhecimento e eles não mostravam interesse algum nem no homem nem no universo. Num mundo sem Cristo, Deus era mistério e poder, mas nunca amor. Não havia ninguém a quem tender os braços em busca de ajuda nem dirigir a vista com esperança.

(2) Era uma vida *dominada pelo desejo* (v. 14). Ao ler os anais da história social do mundo ao qual veio o cristianismo não se pode menos que assombrar-se e ficar afligido pela descarada carnalidade que caracterizava sua vida. Era um mundo em que havia uma pobreza desesperador no extremo inferior da escala social mas em cuja cúpula, segundo lemos, celebravam-se banquetes que teriam hoje custado muitos milhares de dólares. Ali eram servidos miolos de perus reais e línguas de rouxinóis, onde o imperador Vitélio fazia pôr sobre as mesas dois mil peixes e sete mil aves. A castidade tinha sido esquecida.

Marcial fala de mulheres que tinham chegado a ter dez maridos. Juvenal refere-se a uma mulher que em cinco anos tinha tido oito maridos. Jerônimo nos conta que havia em Roma uma mulher que ao casar-se por vigésima terceira vez o fez com um homem que, por sua vez, já tinha estado unido em matrimônio com outras vinte mulheres.

Tanto na Grécia como em Roma a homossexualidade era tão comum que o viver contra natura tinha chegado a considerar-se como algo natural. Era um mundo dominado pelo *desejo*. Seu propósito era encontrar novos e mais selvagens meios de gratificar sua luxúria. Era uma civilização dominada pelo desejo desenfreado.

(3) Era uma vida caracterizada pela *futilidade*. O problema fundamental do mundo antigo era que carecia de rumo. Catulo escreve a sua Lésbia advogando pelos deleites do amor; discute com ela como apanhar o fugaz deleite. "O Sol pode levantar-se e voltar a se pôr; mas uma vez que nossa breve luz se extingue já não fica nada senão uma

longa noite da qual alguma vez despertaremos". Se o homem tinha que morrer como um cão, por que não podia viver também como um cão? A vida era uma coisa inútil, sem outros prazeres a oferecer senão os prazeres momentâneos, com uns poucos anos à luz do Sol e, depois disto, o eterno nada. Não havia nada pelo qual viver e nada pelo qual morrer. O presente sempre é fútil quando nada há depois dele, e o terrestre carece de significado quando nada há do outro lado da morte.

No pensamento de Pedro, a vida sem Cristo é uma vida de ignorância, de desejo e de futilidade; é uma existência despojada de significado e a que não se subtrai a não ser ao prazer fugaz do instante que passa.

3. A vida cheia de Cristo

Nesta passagem Pedro acha três características da vida cheia de Cristo, para cada uma das quais encontra razões compulsivas.

(1) A vida cheia de Cristo é uma vida de *obediência* e de *santidade* (vv. 14-16). Ser eleito por Deus é não só começar a desfrutar de um grande privilégio, mas também assumir uma grande responsabilidade. Pedro lembra o mandamento que está no próprio coração da religião hebraica. Deus insistia com seu povo para que eles fossem santos porque Ele, o Deus deles, era santo (Levítico 11:44; 19:2; 20:7, 26). Em grego a palavra santo é *hagios* e o significado da raiz deste vocábulo quer dizer *diferente*. Aquilo que é *hagios* é diferente das coisas comuns. O Templo é *hagios* porque é diferente de outros edifícios; o dia de repouso é *hagios* porque é diferente dos outros dias; o cristão é *hagios* porque é diferente das outras pessoas. O cristão é um homem de Deus por eleição de Deus. É eleito para uma tarefa no mundo e para um destino na eternidade. É eleito para viver para Deus no tempo e para viver com Deus na eternidade. No mundo tem que obedecer a lei de Deus e reproduzir a vida de Deus. O cristão foi eleito por Deus, e portanto, em sua vida tem

que haver algo da pureza de Deus e em sua ação tem que manifestar-se algo do amor de Deus. O cristão recebeu a tarefa de *ser diferente*.

(2) A vida cheia de Cristo é uma vida de *reverência* (vv. 17-21). A reverência é a atitude mental de quem sempre está consciente de achar-se na presença de Deus. É a atitude de quem fala cada palavra, cumpre cada ação e vive cada momento consciente de Deus. Nestes quatro versículos Pedro aduz quatro razões para esta reverência cristã.

(a) O cristão é um peregrino neste mundo. Vive à sombra da eternidade; todo o tempo pensa não só em onde está, mas também para onde vai. Seus juízos são formulados não só à luz do momento, mas também à luz da eternidade.

(b) Está indo para Deus; certamente pode chamar Pai a Deus, mas esse mesmo Deus a quem ele chama Pai é também o Deus que julga a todos com absoluta imparcialidade. O cristão é alguém para quem há um dia de ajuste de contas. É alguém que tem um destino a ganhar ou a perder. A vida neste mundo se torna para ele de formidável importância porque conduz a uma vida além.

(c) O cristão tem que viver em reverência porque a vida custou muito. Custou nada menos que a vida e a morte de Jesus Cristo. Desde então a vida é algo de valor tão inigualável que não pode ser esbanjada ou subestimada, mas sim tem que ser vivida como algo muito precioso. Nenhuma pessoa honorável esbanja aquilo que tem infinito valor humano.

(d) O cristão não pode esbanjar uma vida que foi comprada pelo preço da morte do Filho de Deus. Pesa uma incalculável obrigação sobre o homem cuja vida custou tanto.

(3) A vida cheia de Cristo é uma vida de *amor fraternal*. Tem que manifestar-se num amor sincero e constante pelos irmãos. O cristão renasceu não de semente mortal, mas sim de semente imortal. Isto pode significar uma destas duas coisas: Primeiro, que a nova feitura do cristão não se deve a nenhum agente humano, mas sim é obra divina. Pode ser outra forma de expressar o que disse João quando falou daqueles que

“não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:13). Segundo, pode significar — e isto é o mais provável — que o cristão é refeito com a entrada nele da semente da Palavra; e a figura é a da parábola do semeador e da semente que é a palavra (Mateus 13:1-9). A citação que Pedro faz está tomada de Isaías 40:6-8, e o segundo significado é aquele que melhor se adapta aqui. Não importa como tomemos, o significado é que o cristão é renascido e refeito. Porque é renascido, a vida de Deus está nele. A grande característica da vida de Deus é o amor, e o cristão tem que mostrar em sua vida o amor de Deus pelos homens.

O cristão é o homem que vive a vida cheia de Cristo, vive a vida que é diferente; leva uma vida que sempre lembra sua obrigação, a vida que é feita bela pelo amor de Deus que lhe deu origem.

1 Pedro 2

O que perder e o que desejar - 2:1-2

Aquilo que se deve desejar - 2:1-3 (cont.)

A natureza e função da igreja - 2:4-10

Razões para viver corretamente - 2:11-12

A maior resposta e defesa - 2:11-12 (cont.)

O dever do cristão - 2:13-15

O dever do cristão - 2:16

Um resumo do dever cristão - 2:17

O dever do cristão como servo - 2:18-25

O perigo da nova situação - 2:18-25 (cont.)

A nova atitude para com o trabalho - 2:18-25 (cont.)

Dois preciosos nomes de Deus - 2:18-25

Dois preciosos nomes de Deus - 2:18-25 (cont.)

O QUE PERDER E O QUE DESEJAR**1 Pedro 2:1-3**

Nenhum cristão pode permanecer tal qual é. Aqui o apóstolo insiste com seus leitores a deixar de lado as coisas más e pôr seus corações na única coisa que pode alimentar a vida.

Há coisas das quais o seguidor de Cristo tem que despojar-se. A palavra grega neste caso é *apothesthai*, um vocábulo muito vívido, que equivale a *tirar* a roupa que a pessoa veste. Há coisas das quais o cristão tem que desprender-se, como se desprenderia de roupas sujas e contaminadas.

Tem que desprender-se de *toda a malícia do mundo pagão*. A palavra é *kakia* e é a que se emprega mais freqüentemente com referência à maldade e inclui todos os corruptos costumes do paganismo e do mundo sem Cristo. As outras palavras são ilustrações e manifestações desta *kakia*; e se deve notar que todas elas são pecados e faltas de caráter que menosprezariam a grande característica virtude cristã do amor fraternal. Não pode haver amor fraternal verdadeiro enquanto existam essas atitudes nocivas.

Menciona-se o *engano (dolos)*. *Dolos* é mostrar duas caras, fazer armadilhas, enganar conscientemente a outros para alcançar os próprios fins. *Dolos* é o vício do homem cujos motivos são sempre adulterados, nunca puros.

Menciona-se a *hipocrisia (hypokrisis)*. Em grego a palavra equivalente a hipócrita é *hypokrites*. É este um vocábulo com uma curiosa história. É um substantivo derivado do verbo *hypokrinesthai* que significa *responder*; assim um *hypokrites* começou por significar *respondedor*. Na seguinte etapa de sua evolução esta palavra chegou a adquirir o significado de *ator*, o homem que toma parte nas perguntas e respostas sobre o cenário. Logo chegou a significar *hipócrita* no mau sentido desta palavra, quer dizer: alguém que todo o tempo está representando uma comédia, que sempre está ocultando seus verdadeiros

motivos, alguém que enfrenta a outros com uma cara que expressa sentimentos muito distintos dos que tem em seu interior, alguém que se expressa com palavras que não correspondem a seus verdadeiros sentimentos. O hipócrita é o homem que até pode ingressar na Igreja por motivos tortuosos e cuja pretendida profissão cristã é para seu próprio benefício e prestígio, e não para o serviço e a glória de Cristo.

Menciona-se a *inveja* (*fthonos*). Bem pode dizer-se que a inveja é a última coisa a morrer. Até no grupo dos apóstolos ela levantou a cabeça. Os dez restantes tiveram inveja de Tiago e de João quando lhes pareceu que estes dois queriam roubar o seu posto de preeminência no reino vindouro (Mar. 10:41). Até na Última Ceia os discípulos estiveram disputando-os lugares de honra (Luc. 22:24). Enquanto o ego permanecer ativo dentro do coração do homem haverá inveja em sua vida.

E. G. Selwyn chama a inveja como "a constante praga de todas as organizações voluntárias, incluídas as organizações religiosas".

C. E. B. Cranfiel diz que "não temos que nos ocupar muito tempo no que se chama a obra da Igreja para descobrir quão perene fonte de problemas é a inveja". A inveja morre somente quando morre o ego.

Mencionam-se as *maledicências*. No original grego aparece aqui o vocábulo *katalalia* que é palavra com um sabor muito definido. Significa *falar mal*; quase sempre como fruto da inveja encerrada no coração, e geralmente se manifesta quando a vítima não está presente para defender-se. Nada tão atrativo como ouvir intrigas ofensivas, a não ser o prazer de repetir os contos e as murmurações caluniosas e cheias de malícia. Os falatórios desconsiderados são algo que todo mundo deplora e considera mau, mas, ao mesmo tempo, algo no qual todo mundo se deleita. Nada há que produza tantos problemas e tantos quebrantamentos de coração, nada que destrua tanto o amor fraternal e a unidade cristã.

Estas são, pois, as coisas das quais o homem nascido de novo tem que despojar-se porque se permitir que façam presa de sua vida a unidade dos irmãos não pode mas sim ser prejudicada e destruída.

AQUILO QUE SE DEVE DESEJAR**1 Pedro 2:1-3 (continuação)**

Mas há algo que o cristão deve buscar de todo o seu coração. Deve desejar *o leite espiritual não adulterado*. Apresenta-se aqui uma dificuldade com o vocábulo grego *logikos* que em algumas versões faz com que a tradução desta parte resulte assim: "Leite não adulterado da palavra".

Logikos é o adjetivo correspondente ao essencial *logos*. E a dificuldade consiste em que, neste caso, há três significados perfeitamente possíveis.

(a) *Logos* é a grande palavra estóica que significa a razão que guia ao universo; o deus que está atrás, dentro e através de todas as coisas. *Logikos* é a palavra favorita dos estóicos e descreve tudo aquilo que tem a ver com a divina razão que rege e governa todas as coisas. Se dermos por sentado que a palavra procede desta fonte, então não há dúvida que significa aqui *espiritual*.

(b) *Logos* é o vocábulo grego que significa usualmente *memória* ou *razão*. Portanto, o adjetivo *logikos* frequentemente significa razoável ou inteligente. Neste sentido a palavra foi traduzida em Romanos 12:1, onde fala-se de "culto racional".

(c) *Logos* significa *palavra*, e *logikos* quer dizer *pertencente à palavra*. Neste sentido foi tomada em algumas versões, entre elas a Versão Inglesa Autorizada, e cremos que isto é muito acertado. Pedro acaba de falar da palavra de Deus que vive e permanece para sempre (1 Pedro 1:23-25). A palavra de Deus é o que tem na mente. Cremos que o que o apóstolo quer dizer aqui é que o cristão tem que desejar de todo o seu coração o alimento que vem da palavra de Deus, porque mediante essa nutrição pode crescer e fortalecer-se e alcançar a própria salvação. Em vista de toda a maldade do mundo pagão o seguidor de Cristo tem que fortalecer sua alma e sua vida com o alimento puro da palavra de Deus.

Este alimento da palavra não *está adulterado (adolos)*. Quer dizer: não há nele nem a menor mescla de nada que possa ser nocivo. A palavra *adolos* é um termo quase técnico para descrever o cereal que está isento de resíduos, pó ou substâncias nocivas. Em toda sabedoria humana há sempre alguma mescla da inutilidade ou dano; somente a palavra de Deus é totalmente boa.

O cristão deve buscar com ânsia esta leite da palavra. O vocábulo traduzido *deseje (epipothein)*, é um termo enérgico, é aquele que se usa para falar do cervo que *brama* no Salmo 42:1 e que no Salmo 119:174 se traduz como *desejar* a salvação. Para o cristão sincero estudar a palavra de Deus não é um trabalho mas uma delícia, porque sabe que nela encontrará o alimento que sua alma deseja.

A metáfora do cristão como um bebê e da Palavra de Deus como o leite com a qual se alimenta, é comum no Novo Testamento. Paulo pensa de si mesmo como de uma ama que cuida dos cristãos recém-nascidos de Tessalônica (1 Ts. 2:7). Pensa em si mesmo como alimentando os coríntios com leite, porque ainda não alcançaram suficiente desenvolvimento para tomar comida sólida (1 Coríntios 3:2), e o autor da Carta aos Hebreus censura seus leitores o estar ainda num nível infantil, ser como lactantes quando já deveriam ter maturado (Hebreus 5:12; 6:2). Para simbolizar o novo nascimento no batismo, na Igreja primitiva os crentes recém-batizados eram vestidos com túnicas brancas e às vezes era-lhes dado leite a beber como se se tratasse de bebês. A nutrição com o leite da palavra é o que faz crescer o cristão até alcançar a salvação.

Pedro finaliza esta introdução aludindo ao Salmo 34:8 ao dizer que os seguidores de Cristo farão tudo isso se é que provaram “que o SENHOR é bom”. Temos aqui algo de importante significação. O fato de que Deus seja abundante em graça e em bondade não nos autoriza a fazermos qualquer coisa pensando que Ele a passará por alto. Nossa obrigação é nos esforçar em todo sentido para ser merecedores de tanta graça, de tanto amor. A bondade de Deus não é desculpa para a pessoa

na vida cristã; pelo contrário, tem que ser o maior dos incentivos para que nos esforcemos.

A NATUREZA E FUNÇÃO DA IGREJA

1 Pedro 2:4-10

Nesta passagem Pedro expõe diante de nós a natureza e a função da Igreja. O conteúdo é tão denso que propomos dividi-lo em quatro seções.

1. A pedra que os construtores rejeitaram

Nestes versículos utiliza-se muito a idéia da *pedra*. Citam-se simbolicamente três passagens do Antigo Testamento. Vamos observá-las uma após outra.

(1) O princípio de todo o assunto se remonta às palavras do próprio Jesus. Uma das mais reveladoras e esclarecedoras de todas as parábolas relatadas por Jesus é a dos lavradores maus. Ali o Senhor relata como esses camponeses desalmados mataram a um servo após o outro e que chegaram a assassinar ao herdeiro. Estava mostrando como a nação israelita repetidamente não quis ouvir os profetas, como os perseguiram e como este rechaço alcançaria seu clímax com sua própria morte. Mas para além da morte via o triunfo e falou deste triunfo com palavras dos Salmos: "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?" (Mateus 21:42; Marcos 12:10; Lucas 20:17). Esta é uma citação do Salmo 118:22. No original é uma referência ao próprio Israel.

A. K. Kirkpatrick escreve a respeito disto: "Israel é a 'pedra angular'. Os poderes mundanos a puseram de lado como inútil, mas Deus lhe destinou o mais honroso e importante lugar no edifício de seu reino no mundo. As palavras expressam a consciência de Israel com relação a sua missão e a seu destino no propósito de Deus." Jesus tomou as palavras do salmo e as aplicou a si mesmo. Considerou-se a si mesmo

como completamente rejeitado pelos homens; mas segundo o propósito de Deus Ele era a pedra angular do edifício do Reino, à qual se concediam honras sem comparação.

(2) No Antigo Testamento há outras referências a esta pedra simbólica e os primitivos escritores cristãos as descobriram e usaram para seus propósitos. A primeira destas referências se acha em Isaías 28:16: “Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse”. Novamente é uma alusão à nação Israelita. A pedra segura, certa e preciosa é a inquebrantável relação de Deus com seu povo, uma relação que ia concluir com a vinda do Messias. Também aqui os antigos escritores cristãos tomaram a passagem e a aplicaram a Jesus Cristo ao pensar nele como a preciosa e inmovível pedra fundamental de Deus.

(3) A segunda dessas passagens também foi tirada de Isaías: “Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto. Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém.” (Isaías 8:13-14). O significado destes versículos é que Deus estava oferecendo seu senhorio ao povo de Israel, e que para aqueles que o aceitavam Ele se tornaria santuário e salvação, mas para aqueles que o rejeitasse, Ele seria terror e destruição. De maneira que, mais uma vez, os antigos escritores cristãos tomaram esta passagem e a aplicaram a Jesus. Para aqueles que o aceitam, Jesus é Salvador e Amigo; para os que o rejeitam, é juízo e condenação.

(4) Para a melhor compreensão desta passagem teremos que acrescentar outra do Novo Testamento às partes já citadas do Antigo Testamento. É quase impossível que Pedro pudesse falar ou pensar de Jesus em termos de pedra angular, e de que os cristãos eram edificados à maneira de casa espiritual, unidos a Cristo, sem lembrar as próprias palavras de Jesus dirigidas precisamente ao mesmo. Quando Pedro fez sua grande confissão de fé estando na Cesárea de Filipe, Jesus lhe

respondeu: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mateus 16:18). A Igreja está edificada sobre a fé do crente fiel; o crente é como um tijolo no edifício da igreja, edificado pela fé em Jesus Cristo.

Estas são, pois, as origens das figuras desta passagem.

2. A natureza da Igreja

Desta passagem aprendemos três coisas com relação à própria natureza da Igreja.

(1) O cristão é assemelhado a uma pedra vivente e a Igreja é comparada a um edifício vivente no qual aquele é integrado (v. 5). Isto claramente significa que *cristianismo é comunidade*. O indivíduo cristão só encontra seu verdadeiro lugar quando é incorporado ao edifício da Igreja. A "religião solitária" foi desprezada como uma impossibilidade. C. E. B. Cranfield expressa: "O cristão 'independente' que se diz cristão mas se crê muito superior para pertencer à Igreja visível estabelecida sobre a Terra em qualquer de suas formas, é uma contradição de termos."

Há um famoso relato a respeito de um rei da Esparta. Este se gabava perante um monarca visitante das muralhas que cercavam seu país. O visitante olhou em redor dele mas não pôde ver muralha alguma. Então perguntou ao rei espartano: "Onde estão essas muralhas a respeito das quais tanto falas e tanto te gabas?" O rei espartano assinalou então a seu guarda pessoal formado por aguerridos combatentes e disse: "Esses são as muralhas da Esparta, e cada um desses homens é nela um bloco de pedra."

O ponto está bem claro. Enquanto o tijolo permanece isolado não tem utilidade. É útil só quando é incorporado a um edifício. Para isso foi feito, e ao ser incorporado ao edifício é quando cumpre a função e a razão de sua existência. E assim sucede com o cristão individual. Para cumprir seu propósito não tem que permanecer solitário, mas sim incorporar-se à estrutura do edifício espiritual da Igreja.

Suponhamos que em tempo de guerra alguém dissesse: "Quero servir a meu país e defendê-lo de seus inimigos." Mas se ele sozinho tentar levar a cabo esta resolução não poderá fazer nada. Unicamente poderá fazer uma contribuição efetiva se ingressar nas forças armadas de seu país. Se alguém quer defender ou apoiar uma grande causa, terá que associar-se com aqueles que têm idéias e inquietações semelhantes às suas. Assim ocorre também com a Igreja. O cristianismo individualista não é cristianismo; o cristianismo autêntico é uma comunidade que se expressa dentro da irmandade da Igreja.

(2) Os cristãos são um sacerdócio santo (v. 5). Há duas grandes características que distinguem ao sacerdote.

(a) O sacerdote é alguém que tem ele mesmo acesso a Deus e cuja tarefa é levar a outros a Deus. No mundo antigo este acesso a Deus era privilégio de muito poucos: os sacerdotes profissionais e, em particular o sumo sacerdote. Somente ele podia entrar no lugar santíssimo e na mais próxima presença de Deus. Mas através de Jesus Cristo, o novo e vivo caminho, o acesso a Deus é privilégio de todo cristão, não importa quão singelo ou iletrado seja. Além disso, a palavra latina equivalente a sacerdote é *pontifex*, termo que literalmente significa *construtor de pontes*; de maneira que o sacerdote é aquele que constrói pontes para que outros possam chegar a Deus. E o cristão tem o dever e o privilégio de conduzir a outros para aquele Salvador a quem ele mesmo já encontrou e ama.

(b) O sacerdote é o homem que leva ofertas a Deus. O cristão também tem que levar continuamente suas ofertas a Deus. Sob a antiga dispensação as ofertas que se levavam eram animais sacrificados; mas os sacrifícios do cristão são *espirituais*. O cristão faz de sua obra uma oferta a Deus. Tudo o que faz o faz para Deus, e quando se procede assim, até a mais insignificante tarefa está revestida de glória. O cristão faz de seu *culto* uma oferta a Deus e, quando isto sucede realmente assim, o culto na casa de Deus não é carga nem tédio, e sim alegria e privilégio. Não é algo que tem que ser imposto, forçado; mas sim algo no qual se entrega

voluntariamente a Deus o melhor. O cristão faz de si mesmo uma oferta a Deus. Diz Paulo: “Rogo-vos... que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Romanos 12:1). O que Deus mais deseja de nós é o amor de nossos corações e o serviço de nossas vidas. Este é o perfeito sacrifício que cada cristão tem que oferecer.

(3) A função da Igreja é anunciar as virtudes de Deus. Quer dizer, a função da Igreja é atestar os poderosos atos de Deus. Para expressá-lo em forma muito mais simples e pessoal: a função do cristão é contar a outros o que Deus tem feito por ele. Mediante sua própria vida, mais que mediante suas palavras, o cristão é uma testemunha do que Deus tem feito em Cristo por ele.

3. A glória da Igreja

No versículo 10 lemos com relação às coisas das quais o cristão tem que ser testemunha, as coisas que Deus tem feito em favor dele.

(1) Deus chamou o cristão das trevas para sua gloriosa luz. *O cristão é chamado das trevas à luz.* Quando alguém chega a conhecer Jesus Cristo também chega a conhecer a Deus. Já não necessita mais fazer conjeturas ou andar tateando. Já não precisa pensar em Deus como alguém distante, remoto e incognoscível. “Quem me vê a mim vê o Pai”, assegurou Jesus em João 14:9. Em Jesus está a luz do conhecimento de Deus. Quando alguém chega a conhecer Jesus, também chega a conhecer a *bondade*. Em Cristo há uma pauta pela qual podem ser provados todas as ações e todos os motivos. Sabe no que consiste a verdadeira bondade; o modelo do ideal perfeito lhe é descoberto em Jesus Cristo. Quando alguém chega a conhecer Jesus, chega a conhecer também o caminho. A vida já não é um caminho desconhecido sem estrela nem guia. Já não é um aterrador labirinto que ninguém sabe aonde conduz e frente ao qual não se sabe o que fazer. Em Cristo o caminho faz-se claro e simples. Quando alguém chega a conhecer Cristo conhece o *poder*. De nada serviria a Deus que o conheçamos sem termos forças para servi-lo. De

nada serviria conhecer a bondade e mesmo assim não poder praticá-la. De nada serviria ver o caminho correto e ser incapaz de segui-lo. Em Jesus Cristo está a visão e está o poder.

(2) Os que não eram povo, Deus os fez seu povo. Aqui Pedro está citando a Oséias 1:6, 9-10; 2:1, 23. Isto quer dizer que *o cristão é promovido de uma condição de insignificância a uma de significação*. Frequentemente sucede que a grandeza de um homem não reside nele próprio, mas na tarefa que lhe foi confiada. A grandeza do cristão reside no fato de que Deus o escolheu para que seja dEle e para que o sirva no mundo. Não há cristão que possa ser comum pelo fato de que é um homem de Deus.

(3) *O cristão é resgatado de uma condição de imisericórdia a uma condição de misericórdia*. A característica dominante das religiões não cristãs é o terror a Deus. O cristão descobriu em Jesus Cristo o amor de Deus e sabe que já não tem por que temer a Deus pelo fato de que sua alma é bem-aventurada.

4. A função da Igreja

No versículo 9 Pedro usa toda uma série de frases que são um resumo das funções da Igreja. Chama os cristãos "nação santa, real sacerdócio, povo adquirido". Pedro está empapado do Antigo Testamento e estas frases são todas elas uma grande descrição do povo de Israel. Procedem de duas fontes principais. Isaías ouviu Deus dizer: "Esse povo que formei para mim" (Isaías 43:21). E em Êxodo 19:5-6 ouviu-se a voz de Deus dizendo: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa". As grandiosas promessas de Deus a seu povo estão sendo cumpridas na Igreja pois esta é o novo Israel, o Israel de Deus. Todos estes títulos estão plenos de significado.

(1) Os cristãos são *um povo escolhido*. Aqui voltamos para a idéia da aliança. Em Êxodo 19:5-6 se descreve como Deus entrou numa aliança com seu povo de Israel. Nesta aliança Deus ofereceu ao povo israelita uma especial relação com Ele. Deus aproximou-se dos israelitas com a espontânea oferta de que podiam ser seu povo especial se eles, por sua vez, quisessem que Ele fosse seu único Deus. Mas toda essa relação dependia do povo aceitar as condições da aliança e guardasse a Lei. A relação seria mantida somente se “se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança” (Êxodo 19:5). Por isso sabemos que o cristão foi eleito para três coisas:

(a) É eleito para *ter um privilégio*. Em Jesus Cristo lhe é oferecida uma nova e íntima relação com Deus. Deus se tornou seu amigo e ele se tornou amigo de Deus.

(b) É eleito para *obedecer*. Toda a relação depende da obediência. O privilégio traz consigo responsabilidade. O cristão é eleito para que se converta em obediente filho de Deus. Não é escolhido para fazer o que lhe agrada, mas sim para fazer o que agrada a Deus. Seu privilégio consiste não em obedecer à sua própria vontade, mas em submeter-se à vontade de Deus.

(c) É eleito para *servir*. Sua honra consiste em ser servo de Deus. Seu privilégio está em que será usado para servir aos propósitos de Deus. Mas pode ser utilizado assim somente quando presta a Deus a obediência que Ele requer. Eleito para desfrutar de privilégios, eleito para obedecer, eleito para servir; estes três atos estão estreitamente unidos.

(2) Os cristãos são um *real sacerdotício*. Já vimos que isto significa que cada cristão tem o direito de acesso e aproximação a Deus, e que cada cristão tem também que oferecer a Deus sua obra, seu culto e seu próprio ser.

(3) Os cristãos são uma *nação santa*. A palavra grega equivalente a santo é *hagios* e já vimos que este vocábulo, basicamente, quer dizer *diferente*. O cristão foi eleito para que seja diferente das outras pessoas. A diferença consiste no fato de que ele está dedicado à vontade e ao

serviço de Deus. Outros poderão seguir as normas do mundo mas para ele a única lei são as normas e a vontade divinas. O homem não deve nem sequer iniciar-se na vida cristã a menos que compreenda que isto lhe exigirá ser diferente dos demais.

(4) Os cristãos são um povo destinado a ser *povo de propriedade exclusiva de Deus*. Frequentemente sucede que o valor de um objeto reside no fato de ter pertencido a alguém.

Nesses casos um objeto bastante ordinário pode adquirir um novo valor se tiver sido propriedade de alguma pessoa. Em qualquer museu podemos encontrar objetos vulgares — roupas, fortificações, lapiseiras, livros, peças de mobiliário, etc — cujo único valor reside em ter pertencido e ter sido utilizados por algum personagem destacado. É o proprietário quem conferiu um valor especial. E assim ocorre também com o seguidor de Cristo. O cristão pode ser uma pessoa vulgar mas adquire novo valor, dignidade e grandeza porque pertence a Deus. A grandeza do cristão consiste em que pertence a Deus.

RAZÕES PARA VIVER CORRETAMENTE

1 Pedro 2:11-12

O mandamento básico desta passagem é que o cristão se *abstenha das paixões carnis*. É da maior importância que vejamos o que é que Pedro quer dizer com isto. Frases tais como *desejos carnis* (TB) e *concupiscências carnis* (RC) chegaram a ter um significado muito mais restringido no uso moderno. Quando falamos de pecados da carne geralmente nos referimos ao pecado sexual. Mas no Novo Testamento essa mesma expressão abrange muito mais. Paulo, em Gálatas 5:19-21, apresenta-nos uma lista dos pecados da carne e ali figuram: "adultério, fornicação, imundície, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, pleitos, ciúmes, iras, contendas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas". Evidentemente há aqui muito mais que pecados *corporais*; os pecados da carne incluem muito

mais que os grosseiros pecados do sexo e os apetites corporais. No Novo Testamento a palavra *carne* equivale a muito mais que o corpo e a natureza física do ser humano; significa a *natureza humana separada de Deus*; significa a natureza humana não redimida e não regenerada; significa a natureza sem Cristo; significa a existência vivida sem as normas, sem a ajuda, sem a graça e sem a influência de Cristo. O conceito de *concupiscências carnis* e *desejos da carne*, portanto, inclui não só os pecados grosseiros, mas também todos os pecados de orgulho, de inveja, de malícia, de ódio e de maus pensamentos que caracterizam a pecaminosa e natureza humana caída. Destes pecados e destes desejos o cristão deve abster-se. No conceito de Pedro, há duas razões pelas quais o seguidor de Cristo tem que abster-se destes pecados.

(1) Tem que abster-se desses pecados porque é estrangeiro e peregrino. As palavras correspondentes são aqui *paroikos* e *parapidemos*. São termos gregos muito comuns, e descrevem a alguém que reside num país que não é o seu próprio, alguém que é residente temporário num lugar em que precisa viver nesse momento e cuja cidadania corresponde a outro país. São termos usados para descrever os patriarcas em seu andar errante e especialmente para caracterizar a Abraão quem saiu sem saber aonde ia, mas que buscava aquela cidade cujo arquiteto e construtor é Deus (Hebreus 11:9-10). São palavras que se empregam para descrever os filhos de Israel quando eram escravos e estrangeiros na terra do Egito, antes de entrar na Terra Prometida (Atos 13:7).

De maneira, pois, que estas palavras apresentam duas grandes verdades com relação ao cristão.

(a) Há um sentido real em que o seguidor de Cristo é estrangeiro no mundo e, precisamente por isso, não pode aceitar as regras nem as normas do mundo. Outros poderão aceitar essas regras e essas normas, mas o seguidor de Cristo é cidadão do Reino de Deus e deve guiar sua vida segundo as regras desse Reino. O cristão vive sobre a Terra e deve assumir plenamente as responsabilidades que implica viver neste mundo

mas, mesmo assim, sua cidadania está nos Céus e tem que viver segundo as Leis dos Céus.

(b) O cristão reside sobre a Terra mas esta não é sua residência permanente. Trata-se de uma pessoa que está em viagem a um país que se encontra mais longe. Portanto, não tem que fazer nada que o impeça de alcançar seu destino final. Em nenhum caso tem que enredar-se com o mundo a tal extremo que não se possa livrar dessa armadilha. Nunca deve adotar atitudes ou procedimentos que afetem de tal maneira seu ser ou sua personalidade ou seu caráter que o tornem inepto para seu peregrinar. Nunca deve contaminar-se de tal maneira que fique incapacitado para ingressar na presença do Deus santo rumo ao qual vai.

O cristão tem que abster-se de concupiscências carnis porque sua lei é a lei do Reino, e sua meta é a eterna alegria que desfrutará na presença de Deus.

A MAIOR RESPOSTA E DEFESA

1 Pedro 2:11-12 (continuação)

(2) Mas para Pedro há outra razão prática ainda mais importante, pela qual o cristão precisa abster-se dos desejos carnis. A Igreja primitiva era uma Igreja acossada cruelmente por seus inimigos. Continuamente se faziam acusações falsas e caluniosas contra os cristãos e a única maneira eficaz de refutar essas acusações era viver de maneira tão afetuosa e aprazível que ficasse demonstrado que a acusação era completamente falsa. A palavra vertida na Tradução Brasileira como *bom* (procedimento bom) em grego é *kalos*. Em grego há dois vocábulos para expressar a idéia de bom: *agathos*, que simplesmente significa "de boa qualidade"; e *kalos* que quer dizer não só bom, mas também amável, afetuoso, belo, atrativo. É o que em latim se expressa com a palavra *honestus*; quer significar belo, bonito, atrativo à vista. De maneira que o que Pedro está dizendo é que o seguidor de Cristo tem que fazer sua vida

tão atrativa, tão bela e tão digna de ser observada, que as calúnias de seus inimigos pagãos fiquem completamente desvirtuadas.

Temos aqui, então, uma verdade que transcende o tempo. O melhor argumento em favor do cristianismo é um verdadeiro cristão. E, gostemos ou não, cada cristão faz publicidade para o cristianismo. Mediante seu vida elogia ou denigre o nome Cristo diante de outros. A mais poderosa força missionária é a vida de cada cristão.

Na Igreja primitiva demonstrar o atrativo da vida cristã era algo inquestionavelmente necessário pelo fato de que os pagãos lançavam deliberadamente suas calúnias contra a Igreja. Vejamos quais eram algumas dessas calúnias.

(1) O cristianismo iniciou com a desvantagem de estar estreitamente relacionado com os judeus. Por sua raça Jesus era judeu; também o era Paulo. Tendo o cristianismo surgido num ambiente judeu era inevitável que muitos dos primeiros conversos também o fossem. Na mente pagã o cristianismo estava relacionado com os judeus e durante um tempo de fato foi considerado simplesmente como uma seita e uma forma da religião judia. O anti-semitismo não é coisa nova; os israelitas tinham sido sempre um povo odiado.

Friedlander, em sua obra *Roman Life and Manners under the Early Empire* apresenta algumas das acusações caluniosas que repetidamente se formulavam contra os judeus.

"Segundo Tácito, eles (os judeus) ensinavam a seus prosélitos acima de todas as coisas a desprezar os deuses, a desprezar a pátria e a desatender a pais, filhos, irmãos e irmãs. A juízo de Juvenal, Moisés tinha ensinado os judeus a não indicar o caminho a ninguém, a não guiar o sedento caminhante rumo à fonte, a não ser que se tratasse de um judeu. Apion afirma que durante o reinado de Antíoco Epifânio os judeus cada ano cevavam um cidadão grego e depois de havê-lo devotado solenemente como sacrifício num dia determinado, em certo bosque, comiam suas vísceras e juravam eterna hostilidade aos gregos."

Estas eram algumas das atrocidades das quais os pagãos tinham chegado a convencer-se com relação aos judeus e, inevitavelmente, também sobre os cristãos recaía o ódio de que eram aqueles objeto.

(2) Mas além das calúnias levantadas contra os judeus figuravam também as dirigidas especialmente contra os próprios cristãos. Por exemplo, eram acusados de praticar o canibalismo. Esta imputação se originava numa perversão das palavras pronunciadas durante a Ceia do Senhor: "Este é o meu corpo..." "Este cálice é a nova aliança no meu sangue." E assim, por exemplo, os cristãos eram acusados de matar e comer um menino numa de suas festas. Eram acusados de imoralidade e até de incesto. Esta acusação surgia como resultado dos cristãos chamarem suas reuniões de *ágape* (festa do amor) e os pagãos desvirtuavam esse nome atribuindo-lhe o caráter de sensuais orgias nas quais se cometiam atos não mencionáveis e vergonhosos.

Os cristãos eram acusados também de prejudicar o comércio. Tal foi precisamente a acusação formulada pelos ourives de Éfeso (Atos 18:21-41). Eram acusados de "interferir nas relações familiares" porque, com efeito, freqüentemente os lares ficavam divididos quando um de seus membros se transformava em seguidor de Cristo e outros não. Além disso eram acusados de colocar os escravos contra seus amos e, certamente, o cristianismo dava a cada indivíduo um novo sentido de seu valor e de sua dignidade.

Eram acusados de "odiar a humanidade" e, verdadeiramente, o cristão falava do mundo e da Igreja como se fossem coisas completamente opostas entre si. Acima de todas as coisas, faziam-se a acusação de deslealdade a César pelo fato de que nenhum cristão queria adorar a deidade do imperador nem queimar incenso em sua honra nem declarar que o César era Senhor, pois para o cristão não havia outro Senhor além de Jesus Cristo.

Tais eram as acusações que se faziam contra os cristãos. E para Pedro havia apenas um meio de refutar estas acusações, e era viver de tal maneira que a vida cristã demonstrasse por si só o infundado dessas

acusações. Quando certa vez foi dito a Platão que certo indivíduo estava fazendo escandalosas acusações contra ele, respondeu assim: "Viverei de tal maneira que ninguém poderá crer no que ele diz." Esta era também a solução proposta por Pedro.

O próprio Jesus havia dito: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:16). Esta era uma linha de pensamento bem conhecida pelos judeus.

Em um dos livros escritos do período intertestamentário diz-se: "Se vocês praticarem o bem, tanto meus filhos como os homens e os anjos os abençoarão; Deus será glorificado entre os gentios por meio de vocês, e o diabo fugirá de vocês" (*O Testamento de Naftali* 8:4).

O assombroso fato histórico é que os cristãos, com sua maneira de viver, realmente demoliram as escandalosas acusações do paganismo. Na primeira parte do século III Celso efetuou seu famoso e mais sistemático ataque contra os cristãos em geral, acusando-os de ignorância, loucura, superstição e muitas outras coisas mais, mas *nunca os acusou de imoralidade*.

Na primeira parte do século IV, Eusébio, o grande historiador eclesiástico, pôde escrever:

"Mas a Igreja Católica, que é a única verdadeira, sempre constante e igual a si mesma, acrescentava-se cada dia com novas contribuições; deslumbrando os olhos de todos, não só dos gregos mas também dos bárbaros, pela gravidade, sinceridade, liberdade, modéstia e santidade de vida de cada qual e de divina filosofia. Com o transcurso do tempo se extinguiu simultaneamente aquela calúnia que tinha aflito a toda nossa religião. E subsistiu por último nossa instituição, só ela por consentimento de todos eminente e vencedora, e considerada por todos superior às demais seitas por sua modéstia, gravidade e preceitos de divina sabedoria; de tal modo que, a partir de então até nossos tempos, ninguém se tenha atrevido a atribuir à nossa fé mancha alguma de infâmia, ou a lançar uma calúnia igual a que tinham acostumado lançar-lhe os antigos inimigos de nossa religião" (*História Eclesiástica* 4:7,15).

É verdade que os terrores da perseguição não finalizaram então, porque o cristão nunca admitiu que o César era Senhor, mas a excelência da vida dos seguidores de Cristo já tinha silenciado para sempre as calúnias contra a Igreja.

Aqui temos um desafio e uma inspiração. Com o atrativo de nossa vida e conduta diárias devemos recomendar o cristianismo àqueles que ainda são incrédulos.

O DEVER DO CRISTÃO

1 Pedro 2:13-15

1. Como cidadão

Pedro começa agora a considerar o dever do cristão dentro das distintas esferas de sua vida. E começa com o dever que aquele tem como cidadão do país em que deve viver.

Nada mais afastado do ideal do Novo Testamento que qualquer tipo de anarquia. Jesus ordenou: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21). Paulo estava persuadido de que aqueles que governavam a nação eram enviados por Deus e carregavam essa responsabilidade por determinação divina e não tinham por que causar terror à pessoa que levava uma vida honrada (Romanos 13; 6-7). Nas Epístolas Pastorais o cristão é acostumado a orar pelos reis e por todos os que estão em autoridade (1 Timóteo 2:2). O Novo Testamento ensina que o cristão tem que ser um bom cidadão, fiel e leal, do país no qual se desenvolve sua existência.

Tem-se dito que o medo edificou as cidades e que os homens se amontoaram atrás de uma muralha para sentir-se seguros. Os seres humanos se agrupam e concordam em viver sob certas leis, a fim de que o homem bom e honrado possa viver de seu trabalho cumprindo suas

tarefas e, por outro lado, o mau seja restringido, controlado e impedido de cometer sua maldade. A idéia do Novo Testamento é que a vida está destinada por Deus para ser um todo organizado e que o Estado foi designado divinamente para que se encarregue da manutenção dessa ordem.

O ponto de vista neotestamentário é perfeitamente justo e lógico. O Novo Testamento sustenta que o homem não pode aceitar os privilégios que o Estado lhe outorga sem aceitar também as responsabilidades e as obrigações que o mesmo Estado coloca sobre ele. Honrada e decentemente não se pode tomar tudo sem dar nada em troca.

Mas, como podemos trasladar isto à vida moderna e a nosso dever de cidadãos na sociedade atual?

C. E. B. Cranfield assinalou muito bem que existe uma diferença fundamental entre o Estado na época do Novo Testamento e o Estado tal como o conhecemos agora. Na época neotestamentária o Estado era *autoritário*. O governante tinha poder absoluto, e o dever do cidadão era prestar absoluta obediência ao Estado e pagar os impostos estabelecidos (Romanos 13:6-7). Sob estas condições a nota dominante era *a sujeição ao Estado*. Mas nós não vivemos num Estado *autoritário*, mas em uma *democracia*, e dentro deste sistema é necessário muito mais que uma indisputável sujeição e submissão. Na democracia o governo é não só *do* povo, senão *para* o povo e *pelo* povo. Agora, o Novo Testamento exige que o cristão cumpra sua obrigação com o Estado. No Estado autoritário essa obrigação consistia unicamente na sujeição e submissão. Mas qual é o dever nas mais diversas circunstâncias de uma democracia? Para dizê-lo de outra maneira: se a sujeição for a característica dominante na atitude do cidadão de um Estado autoritário, qual é a nota dominante na conduta do cidadão de um Estado democrático?

É verdade que em qualquer Estado tem que haver algum grau de sujeição. Como diz C. E. B. Cranfield, tem que haver "uma voluntária auto-submissão de uns com os outros, pondo o interesse e o bem-estar

dos demais acima do próprio, preferindo dar a receber, e servir a ser servido". Mas num Estado democrático a nota dominante não deve ser *a sujeição* mas sim *a colaboração* porque ali o dever do cidadão é não somente submeter-se ao governo, mas sim tomar sua necessária participação no governo. Daí que se o cristão for cumprir seu dever para com o Estado, terá que tomar parte no governo do mesmo, terá que participar da administração local da cidade ou do distrito onde vive; terá que cumprir sua parte na vida e nas tarefas administrativas das organizações sindicais ou sociedades vinculadas a seu trabalho, profissão ou comércio. É uma tragédia que em tempos modernos sejam tão poucos os cristãos que tomem realmente uma parte ativa dentro do Estado e da sociedade na qual vivem.

O cristão tem que ver e lembrar claramente que o Novo Testamento ensina que ele deve cumprir sua obrigação como cidadão de seu país. Também tem que compreender cabalmente que enquanto sob as condições do Estado autoritário podia cumprir essa obrigação através da obediência e a submissão, sob as circunstâncias do Estado democrático lhe é imposta uma obrigação maior ainda de cooperar à maneira cristã em tudo o que afete ao Estado, ao governo e à administração pública.

Resta esclarecer que sobre o cristão pesa uma obrigação ainda maior que aquela que deve o Estado. Embora é certo que deve dar o César as coisas de César, também tem a obrigação de dar a Deus o que é de Deus. Haverá ocasiões em que terá que definir-se rotundamente a obedecer a Deus antes que aos homens (Atos 4:19; 5:29). Porque pode haver circunstâncias em que a melhor maneira de cumprir as obrigações para com o Estado é deixar de obedecer a este e insistir em obedecer a Deus porque, ao proceder assim, pelo menos dá testemunho da verdade e até no melhor dos casos, pode compelir o Estado a seguir o temperamento cristão.

O DEVER DO CRISTÃO**1 Pedro 2: 16****2. Na sociedade**

Qualquer grande doutrina cristã pode ser desvirtuada e utilizada como desculpa para praticar o mal. A doutrina da graça pode ser desvirtuada e convertida em pretexto para pecar, fazendo o que mais nos agrada. A doutrina do amor de Deus pode ser sentimentalizada e transformada em defesa para quebrantar a lei de Deus. A doutrina da vida vindoura ser desvirtuada e empregada como razão para desatender a vida deste mundo. E não há doutrina tão fácil de perverter como a da liberdade cristã.

No Novo Testamento encontramos indícios de que essa doutrina freqüentemente era desvirtuada. Paulo diz aos Gálatas que eles foram chamados à liberdade mas que não devem usar essa liberdade como ocasião para satisfazer seus desejos carnis (Gálatas 5:13). Em 2 Pedro vemos a respeito daqueles que prometem liberdade a outros enquanto eles mesmos são escravos da corrupção (2 Pedro 2:19). Até os grandes pensadores pagãos viram claramente que, em realidade, a perfeita liberdade é produto da perfeita obediência. Sêneca afirmou: "Ninguém que seja escravo de seu corpo é livre", e "A liberdade consiste em obedecer a Deus".

Plutarco insistia em que toda pessoa má é escrava; e Epicteto afirmava que nenhum mau podia ser livre.

Podemos afirmar que a liberdade cristã estará sempre condicionada pela responsabilidade cristã. Por sua vez, a responsabilidade cristã está sempre condicionada pelo amor cristão. O amor cristão é reflexo do amor de Deus. Por conseguinte, a liberdade cristã pode ser acertadamente resumida na memorável frase de Agostinho: "Ame a Deus e faça o que quiser."

O cristão é livre porque é escravo de Deus. Em servir a Deus reside esta nossa perfeita liberdade. A liberdade cristã não significa que estejamos livres para fazer o que nos agrada, para seguir os ditados e os impulsos das paixões de nossa natureza inferior. A liberdade cristã significa ser livres não para fazer o que queremos, mas sim o que devemos fazer.

Neste aspecto temos que voltar a uma grande verdade básica que já consideramos. *Cristianismo é comunidade*. O cristão não é uma unidade isolada, não é um indivíduo e nada mais. Somente em Cristo o homem é libertado de seu ego, de seu pecado e de suas paixões para que chegue a ser tão bom como deve ser. Somente em Cristo o homem é libertado de seu egoísmo e de sua avareza para chegar a ser o servidor que deve ser. A liberdade se concretiza quando a pessoa toma sobre si mesma o jugo de Cristo, e quando recebe a Cristo como Rei de seu coração e como Senhor de sua vida.

UM RESUMO DO DEVER CRISTÃO

1 Pedro 2:17

Aqui temos o que poderia chamar-se um resumo de quatro pontos do dever cristão.

(1) *Tratai todos com honra*. Para nós isto pode soar como algo que nem sequer é preciso dizer; mas quando Pedro escreveu esta Carta tratava-se de um conceito totalmente novo. Como já veremos mais adiante, no Império Romano havia uns sessenta milhões de escravos. Cada um deles, segundo as leis, era considerado não como uma pessoa, mas sim como uma coisa; carecia de todo direito. Em realidade é como se o apóstolo estivesse dizendo: "Lembrem os direitos da personalidade humana; lembrem a dignidade de cada ser humano; lembrem que cada homem neste mundo é uma pessoa e não uma coisa." Ainda hoje é possível tratar as pessoas como se fossem coisas. O empresário pode tratar a seus operários como se fossem simples conjuntos de máquinas

humanas produtoras de determinada quantidade de trabalho. Até no Estado benfeitor, onde o propósito é fazer muito em favor do bem-estar material do povo, existe o real perigo de que as pessoas sejam consideradas como simples números numa formulário ou como uma ficha num fichário.

John Lawrence, em seu livro *Hard Facts, a Christian Looks at the World*, diz que uma das maiores necessidades do Estado benfeitor é "ver através dos fichários e dos formulários triplicados às criaturas de Deus que estão no outro extremo da cadeia do mecanismo da organização." Em outras palavras, existe o perigo de deixarmos de ver nos homens e nas mulheres pessoas com direitos próprios. Isto nos atinge bem de perto. Quando consideramos que alguém existe simples e unicamente para servir à nossa comodidade e para apoiar nossos planos, nós o estamos considerando já não como pessoa, mas sim como coisa. E há ainda um perigo que é o mais trágico de todos. Podemos chegar a considerar os que vivem conosco, os mais próximos e mais queridos como se existissem unicamente para nos tornar a vida cômoda — e isto é considerá-los como coisas.

(2) *Amai os irmãos*. Dentro da comunidade cristã este respeito para com todos os homens chega a ser mais quente e mais íntimo; converte-se em amor. A atmosfera dominante na igreja tem que ser sempre de amor. Uma das definições mais autênticas da Igreja é que esta é "uma extensão da família". A Igreja é a grande família de Deus e seu vínculo tem que ser o amor. Já o dizia o salmista no Salmo 133:1: "Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!"

(3) *Temei a Deus*. Diz o sábio: "O temor do SENHOR é o princípio do saber" (Provérbios 1:7). É bem possível que uma tradução melhor expressasse não que o temor de Deus é o princípio da sabedoria, mas sim o temor de Deus é *a parte principal*, o próprio fundamento da sabedoria, como têm à margem algumas versões. A palavra *temor* aqui não significa medo, mas sim reverência. A experiência demonstra que em realidade nunca reverenciamos as pessoas até que reverenciam a

Deus. Somente quando é concedido a Deus o lugar central que lhe corresponde, cada coisa ocupa seu devido lugar.

(4) *Honrai o Rei*. Dos quatro mandamentos que há neste versículo este é o mais assombroso, porque se foi realmente Pedro quem escreveu esta Carta, o rei em questão era nada menos que Nero. O Novo Testamento ensina que os governantes são enviados por Deus para preservar a ordem entre os homens e que têm que ser respeitados, ainda que se trate de pessoas como Nero.

O DEVER DO CRISTÃO COMO SERVO

1 Pedro 2:18-25

Esta é uma passagem que terá sido muito pertinente para a imensa maioria dos leitores e ouvintes desta Carta. Pedro está escrevendo a servos e a escravos, os quais formavam uma entristecedora maioria dentro da Igreja primitiva. A palavra que o apóstolo utiliza — traduzida em nossa versão como *criados* — não é *douloi*, que é a mais freqüentemente usada para expressar a idéia de escravo; o vocábulo que Pedro usa-lhes *oiketai* e os *oiketai* eram principalmente serventes ou escravos domésticos.

Para compreender o real significado do que Pedro está expressando aqui será necessário que lembremos algo do sistema de escravidão e servidão que prevalecia naqueles tempos. No Império Romano viviam uns sessenta milhões de escravos. Em épocas muito anteriores tinha havido poucos escravos em Roma, pois a escravidão começou com as conquistas romanas pelo fato de que aqueles originalmente eram prisioneiros de guerra. Em tempos do Novo Testamento, como já dissemos, os escravos eram contados por milhões. E não realizavam somente tarefas inferiores. Entre os escravos havia médicos, mestres músicos, atores, secretários e administradores.

Naquela época a atitude dos romanos era que não tinha sentido serem os amos do mundo e ter que fazer seu próprio trabalho. Façam o

trabalho os escravos, e engordem os cidadãos na ociosidade! A provisão de escravos nunca terminaria. Não lhes era permitido casar-se, mas apenas coabitar, e os filhos nascidos de tais uniões eram propriedade do amo, não dos pais, assim como tampouco os cordeiros nascidos da ovelha pertencem a esta, es sim ao proprietário do rebanho.

Seria muito errado pensar que a sorte dos escravos era sempre miserável e infeliz e que continuamente eram tratados com crueldade. Muitos deles eram amados e tidos como membros da família. Apesar disto havia um fato básico e iniludível que caracterizava a situação em geral. Segundo a lei romana o escravo não era uma pessoa, mas sim uma coisa, não tinha direito legal alguém. Por isso que, não importa o bem que fosse tratado em alguns casos, o fato inmovível era que seguia sendo considerado como uma coisa, sem possuir nada que pudesse chamar seu próprio, nem sequer sua própria pessoa. Por tal razão não podia haver justiça no que aos escravos concerne.

Aristóteles escreve: "Não pode haver amizade nem justiça com relação às coisas inanimadas; certamente nem mesmo para com um cavalo ou um boi, nem para com um escravo como escravo. Porque o amor e o escravo nada têm em comum; um escravo é uma ferramenta viva, assim como uma ferramenta é um escravo inanimado."

Varrón divide os instrumentos da agricultura em três classes: os invertebrados, os inarticulados e os mudos; "os invertebrados compreendem os escravos, os inarticulados incluem o gado, e os mudos compreendem os veículos".

Segundo isto a única diferença entre um escravo e um animal ou um carrinho de mão da granja seria que dava-se a casualidade que o escravo podia falar.

Pedro Crisólogo resume o assunto nestas palavras: "Qualquer coisa que o amo faça ao escravo, mercedamente, com ira, voluntária ou involuntariamente, por descuido ou premeditadamente, sabendo ou por ignorância, isso será juízo, justiça e lei." Isto simplesmente quer dizer

que com relação ao escravo, a vontade e até o capricho do amo era a única lei vigente.

Esse era pois o fato dominante na vida do escravo. Até no caso de ser bem tratado não deixava de ser considerado como um objeto, privado dos mais elementares direitos de uma pessoa, ignorado absolutamente pela justiça.

O PERIGO DA NOVA SITUAÇÃO

1 Pedro 2:18-25 (continuação)

A uma sociedade como a que acabamos de descrever chegou o cristianismo com sua mensagem de que todo homem é precioso aos olhos de Deus, com a boa notícia de que Deus ama a toda pessoa. Como resultado disso dentro da Igreja as barreiras sociais foram demolidas. Calixto, um dos primeiros bispos de Roma, era um escravo; Perpétua, a aristocrata, e Felicitas, a menina escrava, enfrentaram o martírio de mãos dadas. A imensa maioria dos cristãos primitivos eram gente humilde e muitos deles eram escravos. Por isso que freqüentemente se dava o caso de que um escravo fosse o dirigente principal da congregação, enquanto que seu amo era um simples membro da mesma. Esta era uma situação nova e revolucionária. Tinha sua glória mas tinha também seus perigos. Nesta passagem Pedro insiste com os escravos a que sejam bons trabalhadores, recomenda-lhes que se sujeitem e sejam obedientes a seus amos. Ao fazer isto tinha em mente dois perigos.

(1) Suponhamos que tanto o amo como o escravo se convertessem ao cristianismo. Então surgiria o perigo de que o escravo se aproveitasse e se gloriasse de sua nova relação. Bem poderia fazer de sua nova condição uma desculpa para evitar seu trabalho e desatender suas obrigações, para abandonar-se à relutância e à ineficiência. Baseando-se no princípio de que agora tanto ele como seu amo eram cristãos, podia deixar tudo de lado, já que o castigo e a disciplina tinham sido abolidos; bem podia o escravo fazer somente aquilo que lhe agradava.

Esta é uma situação que ocorre até o dia de hoje. Ainda há gente que se aproveita da simpatia ou da boa vontade de um empresário ou de um patrão cristão; gente que pensa que pelo fato de que tanto eles como os patrões são cristãos, estão isentos de toda disciplina e de toda sanção. Mas o apóstolo fala claramente. A relação entre cristão e cristão não anula a relação entre homem e homem. O cristão tem certamente que ser melhor trabalhador que os demais. O cristianismo não deve ser convertido em desculpa para reclamar isenções à disciplina; pelo contrário, tem que ser motivo para aumentar a auto-disciplina e nos fazer mais conscientes que os demais.

(2) Existia o perigo certo de que a nova dignidade que o cristianismo conferia ao escravo fizesse deste um rebelde que tentasse abolir a escravidão por completo. Alguns estudiosos da Bíblia estão intrigados diante do fato de que em nenhuma parte do Novo Testamento se advogue jamais em favor da abolição da escravidão, nem se diga sequer que isto é algo injusto. A razão é muito simples. Alentar os escravos para que se levantassem contra seus amos teria sido promover e acelerar o desastre. Já tinha havido esse tipo de sublevação e sempre tinham sido grosseiramente esmagados. Além disso, isto teria dado ao cristianismo a reputação de ser uma religião subversiva e revolucionária. Há certas coisas que não podem obter-se rapidamente; há determinadas situações em que a levedura tem que fazer sua obra; há circunstâncias nas quais a ação prematura só leva a um completo desastre.

Em casos como estes apressar-se é a melhor maneira de demorar o propósito desejado. A levedura do cristianismo teve que trabalhar no mundo durante várias gerações antes de que a abolição da escravidão se tornasse uma possibilidade prática. Pedro estava interessado em que os escravos cristãos demonstrassem ao mundo que seu cristianismo não os convertia em ressentidos rebeldes, mas sim que eram trabalhadores que não tinham necessidade de envergonhar-se, pois tinham encontrado uma inspiração nova para fazer honestamente seu trabalho cotidiano. E isto segue ocorrendo até o dia de hoje. Existem situações que não podem ser

mudadas no momento, mas o dever do cristão é ser cristão dentro dessa situação e aceitar as coisas tal como são até que a levedura tenha feito sua obra.

A NOVA ATITUDE PARA COM O TRABALHO

1 Pedro 2:18-25 (continuação)

Mas o cristianismo não deixou as coisas nessa forma meramente negativa. Pelo contrário, introduziu três grandes novos princípios na atitude do homem como servo e como trabalhador.

(1) O cristianismo introduziu uma nova relação entre o senhor e homem. Paulo enviou de volta Onésimo, o escravo fugitivo a Filemom, seu amo, mas em nenhum momento sugeriu a Filemom que o deixasse livre. Não insinuou que Filemom tinha que deixar de ser amo e Onésimo deixar de ser escravo. O que sim afirmou era que Filemom devia receber a Onésimo não como servo, mas sim como um irmão amado (Filemom 16). O cristianismo não aboliu as distinções sociais; não anulou as diferenças entre amo e servo, mas introduziu uma nova relação de irmandade dentro da qual outras diferenças foram ultrapassadas e modificadas.

Donde opera o ideal da irmandade não importa se a um o chamamos amo e ao outro servo. Há entre eles uma relação que transforma e transcende as inevitáveis diferenças que as circunstâncias da vida impõem. A solução dos problemas do mundo reside na nova qualidade das relações entre homem e homem.

(2) O cristianismo introduziu uma nova atitude quanto ao trabalho. No Novo Testamento se manifesta a convicção de que todo trabalho tem que ser feito para Jesus Cristo. Paulo escreve: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus” (Colossenses 3:17). “Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10:31). Segundo o ideal cristão, o trabalho não se faz para um amo terrestre,

nem por prestígio pessoal, nem para obter dinheiro; o trabalho faz-se para Deus. É obvio que o homem tem que trabalhar para ganhar um salário e tem que dar satisfação a quem o emprega. Mas, além de tudo isso, o seguidor de Cristo tem a convicção de que sua tarefa deve estar tão bem feita como se tivesse que apresentar e entregar o produto ao próprio Deus, sem envergonhar-se. O cristão se converte assim em operário de Deus. Não importa quão humilde seja sua tarefa, se essa tarefa contribuir à soma total do bem-estar humano, então esse trabalho está-se fazendo para Deus.

(3) Entretanto, quando estes ideais foram introduzidos contra o fundo da situação geral daquela época — e essa situação ainda não mudou por completo — surgiu um grande interrogante. Suponhamos que alguém é cristão e que sua nova atitude com relação aos outros é agora uma atitude cristã; suponhamos que seu conceito do trabalho é o conceito cristão mas, suponhamos ainda que, mesmo assim, é tratado cruel e injustamente, que é insultado e injuriado. O que fazer então? Se lembrarmos a situação do escravo no mundo antigo chegaremos à conclusão de que precisamente isso era o mais provável que sucedesse. A isto Pedro responde numa forma notável. Faz lembrar a seus leitores que exatamente isso é o que ocorreu ao próprio Jesus Cristo. Jesus foi precisamente o *servo sofredor*. Os versículos 21 aos 25 transbordam de reminiscências e citações de Isaías 53. Este capítulo, a descrição suprema do Servo Sofredor de Deus, cobrou vida em Jesus Cristo. Jesus não tinha pecado e, em que pese a isso, foi insultado e teve que sofrer, mas Ele aceitou esses insultos e sofrimentos com sereno amor e os suportou porque amava a humanidade.

Ao proceder assim nos deixou um exemplo para que sigamos em seus pisadas (v. 21). A palavra que Pedro emprega para *exemplo* no grego é *hypogrammos*. Trata-se de um vocábulo muito vívido e que originariamente tinha que ver com o método para ensinar a escrever aos meninos no mundo antigo. *Hypogrammos* podia significar duas coisas. Podia expressar a idéia de *esboço ou esquema* que a criança devia

preencher e completar. Também podia significar *a lâmina de cobre com o modelo manuscrito* no caderno de escritura que o menino tinha que copiar na linha imediatamente inferior. Jesus nos dá o exemplo que nós temos que copiar; marca-nos a pauta que temos que seguir. Se devemos sofrer insultos, injustiças e dano, somente estamos passando através daquilo pelo qual já passou Ele. Pode ser que Pedro em seu foro íntimo tivesse a visão de uma majestosa verdade. O sofrimento de Cristo foi por causa do pecado do homem. Ele padeceu para levar os homens de volta a Deus. Quando o cristão sofre insultos e prejuízos sem queixar-se e manifestando constante amor, mostra um exemplo e uma qualidade de vida tais que bem podem conduzir outros a Deus e podem ser uma real e verdadeira participação no sofrimento redentor de Cristo.

DOIS PRECIOSOS NOMES DE DEUS

1. O pastor das almas

1 Pedro 2: 18-25 (continuação)

No último versículo desta passagem e capítulo nos encontramos com dois dos maiores e preciosos nomes aplicados a Deus: Deus é o Pastor e Bispo de nossas almas. Estas palavras são tão preciosas que devemos dedicar algum tempo para considerar cada uma delas.

(1) *Deus é o pastor de nossas almas.* O vocábulo grego neste caso é *poimen*. A palavra *pastor* foi utilizada numa das mais antigas descrições de Deus. O salmista a usa no mais querido de todos os salmos: "O SENHOR é meu pastor" (Salmo 23:1). Isaías, por sua vez, expressa: "Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente" (Isaías 40:11).

O grande rei a quem Deus ia enviar a Israel seria o pastor de seu povo. Ezequiel escuta a promessa de Deus: "Suscitarei para elas um só

pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor” (Ezequiel 34:23; 37:24).

Este foi o título que Jesus aplicou a si mesmo ao chamar-se Bom Pastor e ao afirmar que o Bom Pastor daria sua vida pelas ovelhas (João 10:1-18). Para Jesus as pessoas que não conheciam a Deus e que esperavam o que Ele pudesse lhes dar eram como ovelhas sem pastor (Marcos 6:34). E o grande privilégio concedido ao servo e ao ministro de Cristo é alimentar e pastorear o rebanho de Deus (João 21:16; 1 Pedro 5:2).

Aos que vivemos em cidades dentro de uma civilização industrial é-nos difícil captar a grandeza desta figura. Mas no Oriente este quadro devia ser muito vívida e muito preciosa, especialmente na Judéia. Há na Judéia uma estreita meseta central. De ambos os lados da mesma o perigo espreita. A oeste se estende o deserto da Sefelá; e a este os escarpados despenhadeiros que desde mais de 300 metros se precipitam no mar Morto. As ovelhas pastam na estreita meseta antes mencionada. Os pastos são espaçados, não há muros protetores e as ovelhas vagam por ali. O pastor por conseguinte, tem que estar em constante vigília para evitar os perigos que podem sobrevir a seu rebanho.

Em seu *Historical Geography of the Holy Land*, Sir George Adam Smith descreve o pastor de Judéia.

"Entre nós as ovelhas geralmente são deixadas por sua conta. Mas não lembro ter visto nunca no Oriente um rebanho que não tivesse seu correspondente pastor. Numa topografia como a de Judéia, onde os pastos estão tão mesquinhamente espalhados ao longo de campos sem cercas protetoras, onde há tantos caminhos perigosos ainda freqüentadas por animais selvagens, onde sempre existe o perigo de perder-se no deserto, ali o homem e seu caráter são indispensáveis. No elevado páramo onde de noites se ouve o uivo das hienas, a gente pode achar insone, a vista posta na distância, sofrendo a crueldade dos elementos, armado, apoiando-se em seu cajado, vigiando as ovelhas dispersas a seu ao redor, cada uma delas profundamente querida por ele... Então pode alguém compreender por que o pastor na Judéia ocupou um lugar de vanguarda na história de seu povo; por

que lhe deram esse nome ao rei, por que o fizeram símbolo da providência e por que Cristo o empregou como símbolo e tipo de seu próprio sacrifício."

Na verdade que esta palavra "pastor" descreve muito vividamente a contínua vigilância e o amor sacrificial de Deus em nosso favor, que somos seu rebanho. "Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio" (Salmo 100:3).

DOIS PRECIOSOS NOMES DE DEUS

2. O Defensor de nossas almas

1 Pedro 2:18-25 (continuação)

(1) Nossa versão fala de Deus como o Pastor e Bispo de nossas almas. Atualmente a palavra bispo resulta inadequada e confusa. Em grego o vocábulo é *episkopos*.

Episkopos é uma palavra com uma grande história. Na *Ilíada* de Homero, Heitor, o grande herói dos troianos, é chamado *episkopos*, aquele que durante sua vida protegeu a cidade de Tróia e manteve a salvo sua nobre esposa e filhinhos. O vocábulo *episkopos* usa-se para referir-se aos deuses que são guardiães dos tratados que os homens fazem e dos acordos a que estes chegam; deuses protetores da casa e da família. O juiz, por exemplo, é o *episkopos*, o supervisor que cuida de que cada um pague o preço da maldade que cometeu.

Segundo as *Leis* de Platão os guardiães do Estado são aqueles cujo dever consiste em vigiar os jogos, a alimentação e a educação dos meninos para que estes "sejam sadios de mãos e pés e não possam de modo nenhum, se possível, corromper-se por seus hábitos".

As pessoas que Platão chama administradores de mercado são os *episkopoi* que "fiscalizam a conduta pessoal, observam que se mantenha um comportamento decente e estão dispostos a castigar aquele que mereça castigo".

Segundo as leis e o sistema administrativo ateniense, os *episkopoi* eram funcionários e governantes, administradores e inspetores enviados aos Estados vassalos para que as leis e a ordem fossem lealmente cumpridos e mantidos. Em Rodas os magistrados principais eram cinco *episkopoi* que presidiam tentando impor o bom governo, a lei e a ordem do Estado.

A palavra *episkopos*, como vemos, é um vocábulo polifacético mas sempre tem um nobre significado. Indica o protetor da segurança pública; o guardião da honra e da honestidade; o supervisor da correta educação e da moral pública, o administrador da lei e a ordem.

De maneira que chamar a Deus o *episkopos* de nossas almas é chamá-lo nosso Defensor, nosso Protetor, nosso Guia e nosso Diretor.

Deus é o Pastor e o Defensor de nossas almas. Com seu amor Ele cuida de nós; com seu poder nos protege, com sua sabedoria nos guia e dirige em nosso caminho.

1 Pedro 3

A pregação silenciosa de uma vida bela - 3:1-2

O verdadeiro adorno - 3:3-6

A obrigação do marido - 3:7

Os sinais da vida cristã (1) - 3:8-12

Os sinais da vida cristã (2) - 3:8-12

A segurança do cristão num mundo ameaçador - 3:13-14

O argumento cristão a favor de Cristo - 3:15-16

A obra salvadora de Cristo - 3:17-22—4:1-6

O exemplo da obra de Cristo - 3:17-18a

A descida ao inferno - 3:18b-20—4:6

A descida ao Hades - 3:18b-20—4:6 (cont.)

A descida ao Hades - 3:18b-20—4:6 (cont.)

A descida ao Hades - 3:18b-20—4:6 (cont.)

O batismo do cristão - 3:18-22

A PREGAÇÃO SILENCIOSA DE UMA VIDA BELA**1 Pedro 3:1-2**

Pedro encara agora os problemas domésticos e familiares que inevitavelmente o cristianismo trazia juntos. Era impossível evitar as situações em que um membro da família se entregava a Cristo enquanto que outro não era afetado pelo evangelho. Tais situações, inevitavelmente, produziam problemas.

Pode parecer estranho que o conselho de Pedro às esposas seja seis vezes mais extenso que aquele que dedica aos maridos. Isto se deve a que o problema delas era mais delicado que o de seus maridos. Se um marido se convertia ao cristianismo, imediatamente levava a sua mulher à Igreja e não havia maiores dificuldades. Mas se a esposa era a convertida, enquanto que o marido seguia sem aceitar a Cristo, ela tinha dado um passo que no mundo antigo não tinha precedente. Esta atitude iria causar-lhe sérios problemas.

Em nenhuma esfera da civilização antiga as mulheres tinham direito algum. Segundo a Lei judia a mulher era uma coisa; era propriedade de seu marido do mesmo modo que as ovelhas e as cabras. Por nenhuma causa podia abandoná-lo, ainda que ele podia deixá-la em qualquer momento. Que uma mulher mudasse de religião sem ser acompanhada neste passo por seu marido era algo inaudito. Na civilização grega a obrigação da mulher consistia em "permanecer dentro da casa e ser obediente a seu marido". As características de uma boa mulher era ver, ouvir e pedir o menos possível. Não tinha nenhuma espécie de existência independente nem pensamento próprio. Seu marido podia divorciar-se dela à vontade contanto que lhe devolvesse seu dote.

Sob as leis romanas a mulher não tinha direitos. Legalmente era sempre uma menina. Quando vivia no lar paterno estava sob o *pátrio poder*, a autoridade do pai que dava a este o direito até de vida ou de morte sobre ela; ao casar-se passava a estar sob a autoridade absoluta do marido. Estava tão inteiramente sujeita ao marido e tão inteiramente à

mercê deste que Catão o Censor, típico romano antigo, escreveu: "Se você chegar a descobrir sua esposa numa ato de infidelidade, pode matá-la impunemente, sem risco de ser submetido a juízo". As matronas romanas eram proibidas de beber vinho, e Egnatius matou a golpes a sua esposa porque a surpreendeu bebendo. Sulpicio Callus expulsou a sua esposa porque numa esta ocasião tinha saído à rua sem véu. Antistius Vetus se divorciou de sua esposa por tê-la visto conversar em público com uma mulher liberta. Publius Sempronius Sophus se divorciou de sua esposa porque esta concorreu uma vez aos jogos públicos.

Toda a atitude da antiga civilização com relação à mulher era que esta não devia atrever-se a tomar decisões por si mesma. Quais não seriam, então, os problemas de uma mulher que se convertia ao cristianismo enquanto que seu marido permanecia fiel aos antigos deuses? É-nos impossível imaginar como seria a vida de uma mulher o suficientemente corajosa para aceitar a Cristo.

Qual é o conselho de Pedro em tais casos? Em primeiro lugar devemos ter em conta o que Pedro *não* aconselha.

O apóstolo não aconselha à esposa que abandone o marido. Nisto adotou exatamente a mesma atitude de Paulo (1 Coríntios 7:13-16). Tanto Paulo como Pedro estão persuadidos de que a esposa cristã deve permanecer junto a seu marido pagão enquanto este não a despeça. Não dizem que a esposa tenha que pregar, polemizar ou resmungar. Não aconselham que as esposas insistam em que em sua religião não há diferença entre escravo e livre, gentio e judeu, homem e mulher, mas sim que todos são o mesmo em presença de Cristo a quem ela chegou a conhecer.

O que é, então, que o apóstolo recomenda às esposas?

Diz-lhes algo muito simples — simplesmente insiste com elas para que sejam boas esposas; que pela silenciosa pregação da beleza de sua vida derrubem as barreiras do preconceito e da hostilidade, e que ganhem assim a seus respectivos maridos para o seu novo Senhor.

Têm que ser *submissas*. Mas não se trata de uma submissão servil própria de alguém sem caráter. É uma submissão que foi qualificada acertadamente como um "voluntário despojamento do eu". Uma submissão baseada na morte do orgulho, na humilhação do eu, no instintivo desejo de servir. Não é submeter-se ao terror, mas sim submeter-se ao amor perfeito.

Têm que ser *castas* (vida casta, RC). Em sua vida tem que haver uma exemplar fidelidade e castidade baseadas no amor.

Têm que ser *respeitosas* (comportamento casto e respeitoso, BJ). Têm que viver com a convicção de que o mundo inteiro é templo de Deus e que toda a vida vive-se na presença de Cristo.

Segundo Pedro a esposa convertida a Cristo não tinha que buscar nem dificuldades nem tristezas. Sua única arma tinha que ser a pregação silenciosa de uma vida bela.

O VERDADEIRO ADORNO

1 Pedro 3:3-6

Bengel, o antigo comentarista, fala da "preocupação pelo veste que consome tanto tempo". Tal preocupação não é coisa nova. Já vimos que no mundo antigo as mulheres não tomavam parte alguma na vida pública. Não havia nada que pudesse interessá-las nem tinham nada em que ocupar seu tempo. Por isso que às vezes se alegava que devia permitir-se elas um minucioso interesse em vestir-se e adornar-se.

Catão o Censor advogou e argumentou em favor da simplicidade; Lucius Valerius perguntava: "Por que têm os homens que invejar o adorno e os vestidos das mulheres? Elas não podem desempenhar-se em cargos oficiais, nem no sacerdócio, nem obter triunfos, nem cumprir funções públicas. Que outra coisa podem fazer então senão dedicar considerável tempo a adornar-se e vestir-se?"

O excessivo interesse em realçar a aparência pessoal era então — e ainda continua sendo — um sinal de que a pessoa que se deleita nisso não tem assuntos maiores nem profundos a que dedicar seu tempo.

Os antigos moralistas, da mesma forma que os mestres cristãos, condenavam o luxo.

Quintiliano, o famoso orador romano, escreveu: "Um vestido magnífico, expressão de bom gosto, como nos diz o poeta grego, acrescenta dignidade a quem o leva, mas a vestimenta efeminada e luxuosa não só não adorna o corpo mas também revela sordidez mental."

Epicteto, o filósofo, meditando na estreita vida a que estavam condenadas as mulheres no mundo antigo, disse:

"Logo que alcançam os quatorze anos de idade os homens chamam as mulheres 'damas'. E assim, quando elas compreendem que seu destino não lhes proporciona outra coisa senão ser companheiras de cama dos homens, começam a embelezar-se a si mesmas e põem toda sua esperança nisto. Portanto, vale a pena que nos empenhemos em fazê-las compreender que nenhuma outra coisa as honra mais que o aparecer modestas e respeitosas de si mesmas".

Epicteto e Pedro concordam nisto.

Há pela menos uma passagem no Antigo Testamento que, logo depois de enumerar os diversos elementos do adorno feminino, ameaça com o dia do juízo quando todas essas coisas serão destruídas. A passagem é Isaías 3:18-24. Fala-se ali dos rebuscados ornamentos do calçado, das diademas como luas, as correntinhas e os braceletes e as lentejoulas, as toucas e os partidores de cabelo, os pendentos, os anéis e as jóias pendentos do nariz, os vestidos de gala, os mantos, os brincos, o linho fino e os véus.

É interessante recolher as referências ao adorno pessoal no mundo dos gregos e dos romanos. Havia tantas maneiras de resolver o cabelo como abelhas em Hybla. O cabelo era ondulado, às vezes tingido de negro mas mais freqüentemente de castanho avermelhado. Usavam-se perucas, especialmente loiras, que se acham até nas catacumbas cristãs; o cabelo para confeccioná-las era importado de Germânia e até de lugares

tão remotos como a Índia. Fabricavam-se muitas forquilhas e pentes de prender cabelos de marfim; às vezes estavam salpicados de pedras preciosas.

A púrpura era a cor favorita para a confecção de roupas. Meio quilo da melhor púrpura de lã de Tiro, de dupla torção, custava 1.000 denários, quer dizer, mais de 100 dólares. Um manto de Tiro da melhor púrpura custava mais do equivalente de 250 dólares. Num só ano foram importadas da Índia seda, pérolas, essências e jóias por mais do equivalente de dois milhões e meio de dólares. Similares importações de artigos santuários eram feitas desde a Arábia. Diamantes, esmeraldas, topázios, opalas e sardônica eram as pedras favoritas. Struma Monius tinha um anel avaliado ao equivalente de 50.000 dólares. As pérolas eram cobiçadas pela maioria. Júlio César comprou para Servilia uma pérola que lhe custou o equivalente a 150.000 dólares. Os pendentos para as orelhas eram feitos de pérolas, e Sêneca se referiu a mulheres que levavam verdadeiras fortunas pendentos de suas orelhas. Usavam chinelas ou sapatilhas adornadas com pérolas. Nero possuía um aposento cujas paredes estavam recobertas de pérolas. Plínio viu a Lolliia paulina, a esposa da Calígula, levando um vestido tão coberto de pérolas e esmeraldas que havia custado o equivalente a um milhão de dólares. Como se vê, o cristianismo chegou a um mundo onde convergiam o luxo e a decadência.

Em vista de tudo isto, Pedro advoga por aqueles encantos que adornam o coração, tais como o espírito afável e aprazível, que são preciosos aos olhos de Deus. Essas eram as jóias que adornaram as santas mulheres da antigüidade. Acaso Sara não chamou submissamente "senhor" a seu marido Abraão? (Gênesis 18:12). Isaías chama a Sara a mãe do fiel povo de Deus (Isaías 51:2). Se as esposas cristãs estão adornadas com esses mesmos atrativos de modéstia, humildade e castidade, também elas serão filhas da Sara e estarão dentro da família do fiel povo de Deus.

A esposa cristã vivia numa sociedade de pagãos onde estaria tentada à extravagância e ao luxo insensato; viveria uma existência na qual os caprichos do marido pagão poderiam atemorizá-la. Por isso tinha que levar uma vida de generoso serviço, de bondade e de serena confiança. Esta atitude seria melhor que o sermão que pudesse pregar a seu marido para ganhá-lo para Cristo. Sem palavras ela persuadiria aqueles que eram desobedientes à palavra. Poucas passagens há em que se destacam tão vividamente o valor da beleza de uma bela vida cristã.

A OBRIGAÇÃO DO MARIDO

1 Pedro 3:7

Em que pese a brevidade desta passagem, a mesma contém muito da própria essência da ética cristã. A característica da ética cristã é que pode ser chamada uma ética recíproca. É uma ética que nunca coloca toda a responsabilidade nem toda a obrigação sobre uma só parte. Fala dos deveres dos escravos e fala também da obrigação dos amos. Refere-se às obrigações dos filhos e, do mesmo modo, menciona as obrigações dos pais (cf. Efésios 6:1-9; Colossenses 3:20-4:1). Pedro acaba de especificar os deveres das esposas e agora passa a detalhar as obrigações dos maridos.

Todo casamento tem que estar baseado em obrigações e deveres recíprocos. Qualquer casamento onde todas as obrigações sejam para uma parte e todos os privilégios para a outra parte, está destinado a ser uma união imperfeita, com grandes probabilidades de fracasso. Note-se que isto era já em si mesmo uma nova concepção no mundo antigo. Já nos referimos à completa carência de direitos que padecia a mulher naquela cultura. Citamos a Cartão, referindo-se aos direitos do marido, mas não tínhamos finalizado essa citação, coisa que vamos fazer seguidamente: "Se descobrir a sua esposa numa ato de infidelidade, pode matá-la impunemente, sem risco de ser condenado; mas se for ela a que descobre a você, que ela não se atreva a tocá-lo nem com um dedo, pois

certamente ele não tem direito algum". Quer dizer, que de acordo com o código moral romano toda a obrigação era para a esposa enquanto que todos os privilégios pertenciam ao marido. Contrariamente a isto, a característica da ética cristã é que nunca concede um privilégio sem a correspondente obrigação.

Quais são; pois, as obrigações do marido?

(1) Deve ser *compreensivo, considerado*. Tem que mostrar-se sensível aos sentimentos de sua esposa.

A mãe do famoso novelista Somerset Maugham era uma mulher muito bela que tinha, como se costuma dizer, o mundo a seus pés, mas o marido não era de modo nenhum o que poderíamos chamar um bom sujeito. Uma vez alguém perguntou à senhora Maugham: "Por que você permanece fiel a esse homem feio e pequeno com o qual se casou?" Ela respondeu: "Porquê ele nunca me ofende".

A compreensão e a consideração eram as que cimentavam o inquebrantável vínculo. A crueldade mais difícil de suportar nem sempre é a deliberada. Muitas vezes é a consequência da simples desconsideração.

(2) Deve ser *cavalheiresco*. Deve lembrar que as mulheres são o sexo fraco e que deve tratá-las com a maior cortesia. No mundo antigo o cavalheirismo para com as mulheres era pouco menos que desconhecido. No Oriente era muito freqüente ver, e continua sendo hoje, um homem cavalgando num sobrecarregado asno enquanto que a esposa se esforça arduamente para segui-lo a pé. O cristianismo foi aquele que introduziu o cavalheirismo na atitude do homem rumo à mulher.

(3) Deve lembrar que a mulher possui *direitos espirituais iguais*. Ela também é co-herdeira da graça da vida. As mulheres não participam do culto dos gregos nem dos, romanos. Até na sinagoga judia elas não participavam do serviço, e até o dia de hoje nas sinagogas ortodoxas não lhes era concedida participação. Se alguma vez lhes era permitida a entrada na sinagoga, ficavam separadas dos homens, os quais formavam a congregação, e eram ocultas por trás de uma persiana ou biombo, pois

para a mulher não havia parte alguma no serviço religioso judeu. Por isso aqui surgiu no cristianismo um princípio revolucionário. As mulheres têm direitos espirituais iguais. Uma vez concedido isto, toda a relação entre os sexos foi mudada.

(4) Finalmente, a não ser que o homem compreenda e cumpra todas estas obrigações, estará levantando uma barreira que impedirá suas orações a Deus. Como assinala Bigg: "Os suspiros da mulher maltratada se interpõem entre as orações do marido e o ouvido de Deus. Há nisto uma grande verdade a respeito de nossas relações com o próximo. Quando estamos identificados uns com outros, também estamos identificados com Deus.

OS SINAIS DA VIDA CRISTÃ (1)

1 Pedro 3:8-12

Aqui é como se Pedro reunisse as grandes qualidades da vida cristã.

(1) Rm primeiro termo o apóstolo coloca *a unidade cristã*. Vale a pena recolher as passagens mais destacadas referentes à unidade cristã para assim poder nos precaver da grande importância deste tema no Novo Testamento. O fundamento de todo este ensino encontra-se nas palavras de Jesus quando orou pelos seus para que fossem um; para que aperfeiçoassem a unidade entre eles, para que chegassem assim a ser um, como ele e o Pai eram um (João 17:21-23). Nos memoráveis e comovedores primeiros dias da Igreja esta oração se cumpriu porque eram todos de um coração e uma alma (Atos 4:32). Várias vezes Paulo exorta à unidade e ora em favor da mesma. Lembra aos cristãos de Roma que, ainda que sejam muitos, eles são um corpo e insiste com eles para serem de uma mesma mente (Romanos 12:4, 16). Ao escrever aos cristãos de Corinto usa a mesma figura dos membros do corpo, com todas as suas diferentes qualidades e dons (1 Coríntios 12:12-31). Admoesta os belicosos coríntios a que ponham fim às divisões entre eles sejam de uma mesma mente (1 Coríntios 1:10). Explica-lhes que as

contendas e as divisões são coisas carnais, fá-los ver que estão vivendo conforme a normas meramente humanas, sem ter a mente de Cristo (1 Coríntios 3:3). Porque participaram que um mesmo pão, têm que ser também um pão e um corpo (1 Coríntios 10:17). Finalmente os exorta para que sejam de uma mesma mente e para que vivam em paz (2 Coríntios 13:11). Em Cristo Jesus as paredes divisórias são demolidas e tanto judeus como gregos são um (Efésios 2:13-4). Os cristãos devem manter a unidade de Espírito no vínculo da paz, lembrando que há um Senhor, uma fé e um autismo, um Deus e Pai de todos (Efésios 4:3-6). Os filipenses devem manter-se firmes num mesmo espírito, combatendo unânimes pelo fé do evangelho; farão completa a felicidade de Paulo se tiverem o mesmo amor e são de um mesmo parecer e de uma mesma mente; insiste com as briguentas Evódia e Síntique para serem de um mesmo sentir no senhor (Filipenses 1:27; 2:2; 4:2).

Através de todo o Novo Testamento ressoa esta alegação por escrito em favor da unidade cristã. É mais que um alegação por escrito; é o anúncio de que o seguidor de Cristo não pode viver a vida cristã a menos que em suas relações pessoais esteja em unidade com seus irmãos; e que a Igreja não pode ser cristã se dentro dela houver divisões. É trágico comprovar quão longe estão os homens de praticar esta unidade em suas vidas pessoais e quão longe está a Igreja de praticá-la dentro de si mesma.

C. E. B. Cranfield refere-se tão acertadamente a este tema que não podemos menos que citar seu comentário em toda sua extensão:

"O Novo Testamento nunca trata esta unidade em Cristo como se fosse um luxo desnecessário ainda que desejável, mas sim como algo essencial para o próprio ser da Igreja. As divisões, já seja em forma de desacordos entre membros individuais ou a existência de facções e bandos e — quanto mais! — nossas atuais denominações, põem em tela de juízo o próprio evangelho e evidenciam que aqueles que estão complicados nessas atitudes são carnais. Quanto mais seriamente tomemos o Novo Testamento tanto mais urgente e dolorosamente sentiremos a pecaminosidade das divisões e tanto mais ferventes serão nossas orações e nossos esforços pela paz e

pela unidade da Igreja no mundo. Isto não significa que a unidade de mente pela qual devemos nos esforçar tenha que ser uma desanimada uniformidade dessa espécie que os burocratas tanto gostam, antes, trata-se de uma unidade em que as poderosas tensões são contidas por uma lealdade dominante, as fortes antipatias de raça e cor, temperamento ou gostos, posições sociais e interesses econômicos são dissolvidos e vencidos pela adoração e pela obediência praticadas em comum. Tal unidade só chegará quando os cristãos se humilhem e sejam o suficientemente audazes para lançar mão da unidade já dada em Cristo, e quando tomarem mais seriamente que sua própria importância e seu pecado. Chegará quando dessas profundas diferenças doutrinárias — que se originam em nosso imperfeito entendimento do evangelho e que não subestimamos — façamos não uma desculpa para nos separar mas sim um incentivo para uma mais séria busca da unidade fraternal e para escutar e obedecer a voz de Cristo".

Aqui a voz profética nos dá uma mensagem que vem muito ao caso no meio da situação que hoje nos cabe viver.

OS SINAIS DA VIDA CRISTÃ (2)

1 Pedro 3:8-12 (continuação)

(2) Em segundo lugar Pedro assinala a *simpatia*. Também nisto o Novo Testamento requer de nós o cumprimento deste dever. Temos que alegrar-nos com os que se alegram e chorar com os que choram (Romanos 12:15). Quando um membro do corpo sofre, todos os outros membros sofrem junto com ele; quando se honra a um membro do corpo, todos os outros membros se alegram por isso (1 Coríntios 12:26), e assim tem que suceder com os cristãos que são membros do corpo. Uma coisa está clara: a simpatia e o egoísmo não podem conviver. Enquanto o ego siga sendo o mais importante não poderá haver tal coisa como simpatia. A simpatia depende da vontade de esquecer o ego, de sair de si mesmo, identificando-se com as dores e as tristezas de outros. A simpatia chega ao coração quando Cristo reina dentro dele.

(3) Em terceiro lugar estabelece *o amor fraternal*. Também nisto o ensino se remonta às palavras de Jesus: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros ... Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34-35). Aqui o Novo Testamento fala com inconfundível precisão e em uso impressionantemente direto: “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino” (1 João 3:14-15). “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1 João 4:20). A simples realidade é que o amor de Deus e o amor do homem são inseparáveis: um não pode existir sem o outro. Se na vida de uma pessoa ou na vida de uma Igreja não há amor ao próximo, nessa Igreja ou nessa pessoa não existe o verdadeiro amor de Deus. A maneira mais simples de provar nossa religião é verificar se ela nos faz amar ao próximo.

(4) Em quarto lugar, Pedro coloca a *compaixão*. Há um sentido no qual a piedade corre o perigo de tornar-se uma virtude extinta. As condições da vida moderna, especialmente em nossa época, tendem a nos fazer insensíveis com relação à *compaixão*.

Como particulariza C. E. B. Cranfield: "Acostumamo-nos a escutar por rádio, enquanto tomamos o café da manhã, que foi lançado um ataque com mais de mil aviões. Habitamo-nos à idéia de que milhões de pessoas se convertem em refugiados". Por exemplo, podemos nos inteirar de que num só dia se produziram acidentes de trânsito com mais de mil mortos e feridos. Escutamos coisas como estas sem a menor reação em nossos corações. Esquecemos que cada uma dessas vítimas significa um corpo mutilado ou várias vidas enlutadas. Nas condições da existência a esta altura do século XX é fácil que se nos embote a piedade. E mais fácil ainda é que nos sintamos satisfeitos com um sentimentalismo que experimenta uma espécie de cômoda tristeza momentânea mas que não faz nada concreto para remediar o mal.

A piedade é a própria essência de Deus, a compaixão é o próprio ser de Jesus Cristo; é essa uma piedade tão grande que Deus chegou ao extremo de enviar o seu Filho unigênito para que morresse pela humanidade, uma piedade tão intensa que levou a Cristo a dar sua vida na cruz. Em resumo: não pode haver cristianismo se não houver compaixão.

(5) Em quinto lugar Pedro põe a *humildade*. A humildade cristã surge de duas coisas. Em primeiro lugar surge do sentido de que somos criaturas. Vem do sentimento que experimenta a criatura em presença de seu Criador. O cristão é humilde porque sempre está consciente de sua completa dependência de Deus e porque constantemente lembra que por si mesmo não pode fazer nada. Em segundo lugar, esta humildade obedece ao fato de que o cristão tem uma nova escala de valores. Bem pode ser que ao comparar-se com seu próximo não resulte inferior a ninguém e que nada tenha que temer dessa comparação. Mas Cristo é a pauta para estabelecer comparações. Quando o cristão se compara a si mesmo com a imaculada perfeição do divino Amor encarnado, sempre se encontrará em enristecedora culpabilidade e insignificância. Enquanto o seguidor o Cristo lembre sua dependência de Deus e enquanto mantenha renda a si o modelo de Cristo, manterá sempre sua humildade.

(6) Finalmente, a maneira de clímax, Pedro estabelece o *perdão*. O cristão foi chamado a receber o perdão de Deus, e a conceder o perdão ao próximo. Um não pode existir sem o outro. Só quando perdoamos a outros os pecados que eles cometeram em nosso prejuízo, é quando Deus perdoa as faltas que nós cometemos contra Ele (Mateus 6:11, 14-15). A característica do cristão é que perdoa a outros assim como Deus o perdoou (Efésios 4:32).

Finalmente, como era natural nele, Pedro resume todo o assunto ao citar a biografia do homem bom conforme aparece no Salmo 34 com sua descrição do homem ao qual Deus recebe e o homem que Deus rejeita.

1 Pedro 3:13-14

Nesta passagem comprovamos até que ponto estava Pedro empapado do Antigo Testamento. Há aqui dois princípios tirados dessa parte da Escritura. Não se trata tanto de que Pedro cite essas passagens, mas, antes, que de nenhuma maneira ele teria escrito isto sem ter tido em mente essas partes do Antigo Testamento. A primeira parte da passagem é uma reminiscência de Isaías 50:9: “Eis que o SENHOR Deus me ajuda; quem há que me condene?” E novamente quando o apóstolo fala de dissipar o temor, está pensando em Isaías 8:13 onde o profeta exorta: “Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto”.

Nesta passagem há três grandes conceitos.

(1) Pedro começa insistindo num apaixonado amor pelo bem. O homem pode ter mais de uma atitude quanto ao bem. A bondade pode ser para ele uma carga ou um tédio ou algo que deseja de maneira imprecisa e sentimental, mas cujo preço em esforço e luta não está disposto a pagar. A palavra traduzida *zelosos do bem*, no original é a palavra *zelotes*. Os zelotes eram patriotas fanáticos que se tinham comprometido sob juramento a libertar sua terra nativa utilizando para isso qualquer meio. Eram homens dispostos a arriscar a vida, a sacrificar suas comodidades, a arriscar seu lar e seus entes queridos por causa de seu apaixonado amor à pátria.

O que Pedro está dizendo é isto: "Amem o bem com essa intensa paixão com a qual o mais fanático patriota ama a seu país".

Sir John Seeley expressou: "Não há coração tão puro que não seja apaixonado, nem virtude tão segura de si mesma que não seja entusiasta".

Só quando o homem se apaixonou pelo bem é quando o mal perde sua fascinação e seu poder.

(2) Pedro continua logo falando da atitude cristã com relação ao sofrimento. Assinalou-se acertadamente que somos afetados por dois tipos de sofrimento. Por um lado está o sofrimento no qual nos achamos envoltos por causa de nossa *humanidade*. Devido ao fato de que somos humanos padecemos sofrimentos, morte, aflição, tristeza e dor corporal. Todas estas coisas formam parte da situação humana e ninguém está excluído delas. Mas, por outro lado, está também o sofrimento em que podemos nos ver envoltos devido a nosso *cristianismo*. Pode ser a antipatia, certo grau de perseguição; pode ser o sacrificar-se por questões de princípios e o escolher o caminho difícil, a disciplina e a luta da verdadeira vida cristã. Mas a vida do seguidor de Cristo está impregnada também de uma autêntica alegria e beatitude. E então surge naturalmente esta pergunta: Como se origina esta beatitude? Qual é a razão que a motiva?

(3) A essas perguntas Pedro responde assim: O cristão é um homem para quem Deus e Jesus Cristo são supremos em sua vida. Para ele sua relação com Deus em Cristo é o valor supremo da vida.

Agora, se o coração do ser humano está posto nas coisas terrestres, nas posses terrestres, na felicidade terrestre, nos prazeres terrestres, na comodidade e nos prazeres terrestres, tal pessoa é a mais vulnerável de todas. Tais coisas são perecíveis por sua própria natureza e o homem pode perdê-las em qualquer momento. No instante menos pensado pode produzir um tombo da fortuna e quem pôs toda sua confiança em valores terrestres fica despojado por completo. Esse tipo de pessoa é fácil alvo dos desastres.

Contrariamente a isso, se o homem conceder a Cristo o lugar de privilégio em sua vida, se o mais precioso para ele é a relação com Deus, isso é algo que nunca poderá ser-lhe arrebatado, nada o poderá despojar disso. Portanto, haverá para ele completa segurança. Seu tesouro não pode ser alcançado pelas alternativas e variantes desta vida.

De maneira que, até sofrendo, o cristão é bem-aventurado. Quando sofre por Cristo certamente está demonstrando sua lealdade a Cristo e

está participando de seus sofrimentos. Quando o sofrimento forma parte da situação humana mesmo assim não pode despojá-lo dos valores mais preciosos da existência. Ninguém escapa ao sofrimento. Em que pese isto o cristão não é afetado naqueles aspectos que finalmente são os mais valiosos e decisivos da vida.

O ARGUMENTO CRISTÃO EM FAVOR DE CRISTO

1 Pedro 3:15-16

Num mundo hostil e suspicaz como aquele — e como ainda é este — é inevitável que o cristão tenha que ser convocado a defender a fé que professa e a esperança pela qual vive. Pedro tem várias coisas a dizer aqui com relação à defesa cristã e aos argumentos em favor de Cristo.

(1) Tem que ser *razoável*. O que o cristão tem que dar é um *logos*, e um *logos* significa uma declaração inteligente e razoável de sua posição. Os gregos cultos criam que a característica de um homem inteligente era sua capacidade de dar e receber um *logos* referente a seus atos e a suas crenças. Como diz Bigg, esperava-se que "em forma inteligente e mesurada discutisse o relativo a sua maneira de ser e agir".

Para proceder assim temos que saber o que é que cremos e temos que refletir sobre isso séria e profundamente. Temos que ser capazes de expô-lo em maneira inteligente e inteligível. Nossa fé tem que ser um descobrimento em primeira mão e não uma história de segunda mão. Uma das maiores tragédias da situação atual é que há tantos membros de Igreja aos quais se lhes perguntasse o que é o que crêem, não poderiam explicá-lo; e se fossem perguntados por que crêem, eles se encontrariam igualmente perdidos. O cristão tem que passar pelo trabalho mental e espiritual de pensar seriamente no significado de sua fé para, desta maneira, poder explicar a outros o que é que crê e por que o crê.

(2) Sua defesa tem que ser feita com *mansidão*. Há aqueles que expõem suas crenças com uma espécie de arrogante beligerância. Com sua atitude sugerem que aqueles que não estão de acordo com eles são

tolos ou mal-intencionados. Tentam fazer outros engolirem à força suas crenças. A causa do cristianismo tem que ser apresentada em forma atrativa e afetuosa. Deve-se praticar essa classe de sábia tolerância que reconhece que a ninguém é dado possuir toda a verdade.

"Há tantos caminhos para as estrelas como homens que querem subir até elas." Os homens podem ser atraídos fé cristã quando não se os compelimos a ela.

(3) Sua defesa tem que ser feita com *reverência*. Quer dizer, qualquer discussão em que o cristão possa ver-se envolto deve ser conduzida num tom e dentro de uma atmosfera que Deus possa escutar com agrado. Não houve debates tão azedos como os debates teológicos, nem disputas que tenham causado tanta amargura como as religiosas. Em toda apresentação da causa de Cristo e em toda argumentação em favor da fé cristã o acento final deve ser o acento do amor.

(4) Finalmente, Pedro afirma que o único argumento decisivo é o argumento da vida cristã. Deve-se proceder com a consciência limpa. Deve enfrentar-se as críticas com uma vida que esteja acima de toda reprovação. Tal conduta silenciará as calúnias e desarmará as censuras. O único argumento irrefutável que possui o cristianismo é a vida cristã. "Um santo" — disse alguém — "é aquele cuja vida torna mais fácil crer em Deus".

A OBRA SALVADORA DE CRISTO

1 Pedro 3:17-22—4:1-6

Esta não é apenas uma das passagens mais difíceis das Cartas de Pedro, mas também de todo o Novo Testamento. É, do mesmo modo, a base para um dos mais espinhosos artigos do Credo, aquele que expressa com referência a Jesus Cristo: "descendeu aos infernos". Portanto, será melhor lê-lo integralmente para depois analisá-lo em cada uma de suas partes.

O EXEMPLO DA OBRA DE CRISTO**1 Pedro 3:17-18a**

Dissemos que esta passagem é uma das mais difíceis de todo o Novo Testamento. Entretanto, começa com algo que qualquer pessoa poderia compreender. O que Pedro sublinha aqui é que mesmo quando o cristão se veja obrigado a sofrer cruel e injustamente por causa de sua fé, só está percorrendo o mesmo caminho que seu Senhor e Salvador já percorreu. O cristão sofredor sempre deve lembrar que tem um Senhor sofredor. Na estreiteza destes dois versículos Pedro verte as mais profundas verdades a respeito da obra de Cristo.

(1) Afirma que a obra de Cristo é *única* e que não é necessário que seja repetida. Cristo morreu *uma só vez* pelos pecados. Ao morrer, morreu uma vez por todas (Romanos 6:10). Os sacrifícios sacerdotais no templo tinham que ser repetidos diariamente, mas Cristo fez o sacrifício perfeito uma vez para sempre ao oferecer-se a si mesmo (Hebreus 7:27). Cristo foi devotado uma só vez para levar os pecados de muitos (Hebreus 9:28). Somos santificados pela oferta do corpo de Cristo feita uma vez para sempre (Hebreus 10:10). O Novo Testamento mostra absoluta segurança quanto ao que sucedeu na cruz algo que não é necessário que seja repetido e que ali o pecado foi definitivamente derrotado. Na cruz Deus se ocupou do pecado do homem numa forma que é adaptada para todo pecado, para toda pessoa e para todo tempo. O sacrifício da cruz, diferente dos outros sacrifícios, é tão eficaz que não será necessário repeti-lo nunca mais.

(2) Afirma que o sacrifício foi *pelo pecado*. Cristo morreu uma só vez para sempre *pelos pecados*. Isto é também uma crença completamente neotestamentária. Cristo morreu por nossos pecados — afirma Paulo — segundo as Escrituras (1 Coríntios 15:3). Cristo deu-se a si mesmo por nossos pecados (Gálatas 1:4). A função do sumo sacerdote — e Jesus Cristo é o perfeito Sumo sacerdote — é oferecer sacrifícios pelos pecados (Hebreus 5:1, 3). O é a propiciação por nossos pecados

(1 João 2:2). No grego a frase traduzida "pelos pecados" é ou *huper* ou *peri hamartion*. Agora, ocorre que na versão grega do Antigo Testamento a frase mais comum para expressar a idéia de "expição pelos pecados" é *peri hamartias*. (*Hamartias* é a forma singular de *hamartion*). O conceito de expiação pelo pecado aparece mediante essa frase, por exemplo, em Levítico 5:7 e 6:30. Quer dizer que Pedro está expressando que a morte de Cristo é que faz expiação pelo pecado humano. Podemos expressá-lo desta maneira: o pecado é aquilo que interrompe a relação deveria haver entre o homem e Deus. Todo o objeto do sacrifício é restaurar essa relação perdida. A morte de Cristo sobre a cruz, não importa como a explicamos, é o que torna possível a restauração das perdidas relações entre Deus e o homem. Bem pode ser que nunca cheguemos a um perfeito acordo quanto a nossas respectivas teorias a respeito do que sucedeu na cruz. Mas em algo podemos estar de acordo: em que mediante o que sucedeu na cruz de Cristo entramos numa nova relação com Deus.

(3) Afirma que o sacrifício foi *vicário*. Cristo morreu uma só vez pelos pecados, *o justo pelos injustos*. Isso de que o justo tenha que sofrer pelos injustos é algo fora do comum. À primeira vista aparece simplesmente como uma injustiça.

Como o assinalou Edwin H. Robertson: "Somente o perdão sem causa pode igualar ao pecado sem desculpa." O sofrimento de Cristo foi por nossa causa, e o mistério é que Aquele que não merecia sofrer padeceu em nosso lugar o que deveríamos ter sofrido. Ele se sacrificou a si mesmo para restaurar nossa perdida vinculação com Deus.

(4) Afirma que a obra de Cristo foi *levar-nos a Deus*. Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levá-los a Deus. Em grego a palavra *levar* é *prosagein*.

Este vocábulo tem dois panos de fundo muito vívidos.

(a) Usa-se no Antigo Testamento para descrever a ação de levar perante Deus aqueles o que iam ser sacerdotes. A ordem de Deus é: "Então, farás que Arão e seus filhos se cheguem à porta da tenda da

congregação e os lavarás com água” (Êxodo 29:4). O caso é este: segundo o ponto de vista judeu somente os sacerdotes tinham o direito de aproximar-se a Deus. No templo os leigos podiam atravessar o átrio dos gentios, o átrio das mulheres, o átrio dos israelitas mas aqui tinham que deter-se. Não podiam penetrar no átrio dos sacerdotes, não lhes era permitido aproximar-se mais perto da presença de Deus. E dentre todos os sacerdotes, somente o sumo sacerdote podia penetrar no lugar santíssimo. Em contraste com tudo isto, Jesus Cristo nos conduz perante Deus, Ele abre o caminho para que todos cheguemos a mais íntima presença do Pai Celestial.

(b) Há também aqui um pano de fundo grego. No Novo Testamento usa-se em três ocasiões o substantivo *prosagoge*. *Prosagein*, o verbo, significa *introduzir*; *prosagoge*, o substantivo, significa o direito de *acesso*, o resultado. Mediante Jesus Cristo temos acesso à graça (Romanos 5:2). Mediante Ele temos *acesso* a Deus o Pai (Efésios 2:18). Através dEle temos a segurança de chegar confiantemente a Deus (Efésios 3:12). No grego isto tem um sentido especializado. Nas cortes reais havia um funcionário chamado o *prosagogeus*, o *introdutor*, aquele que *dá acesso*; sua função era decidir quem seria admitido na presença do rei e a quem devia ser impedido que chegar até aquele. Poder-se-ia dizer que ele tinha as chaves de acesso. Quer dizer, que Jesus Cristo, mediante o que Ele fez, é quem leva os homens à presença de Deus, é quem outorga o acesso a Deus.

(5) Ao passar além destes dois versículos e penetrar no coração da passagem poderemos ainda acrescentar outras duas grandes verdades ao conceito de Pedro sobre a obra de Cristo. Em 3:19 diz que Jesus foi e pregou aos espíritos encarcerados. Em 4:6 diz que o evangelho foi pregado aos mortos. Como veremos, o significado mais provável disto é que no lapso entre sua morte e sua ressurreição, Jesus pregou realmente o evangelho na morada dos mortos, quer dizer, que pregou o evangelho àqueles que durante o tempo de sua vida terrestre nunca tinham tido a oportunidade de escutá-lo. Certamente há aqui um pensamento

notabilíssimo. Significa que a obra de Cristo é infinita em seus alcances, que inclui o tempo e a eternidade, este mundo e qualquer outro mundo. Significa que ninguém, não importa em que tempo tenha vivido, está fora da graça de Deus.

(6) Finalmente, Pedro vê a obra de Cristo em termos de *completa vitória*. Afirma que depois de sua ressurreição Jesus Cristo subiu aos Céus e está à mão direita de Deus, estando-lhe sujeitos os anjos, autoridades e potestades (3:22). O significado disto é que nada há nos Céus nem na Terra que esteja fora do domínio de Cristo. A todos os homens Ele deu uma nova relação com Deus; em sua morte até mesmo os mortos receberam sua mensagem de boas novas; em sua ressurreição venceu a morte; até os poderes angélicos e demoníacos lhe estão sujeitos, e Ele compartilha o mesmo poder e o mesmo trono de Deus. Aqui temos a grande crença de que não há nada criado nem no Céu nem na Terra que esteja fora do domínio e do poder de Cristo. Cristo o sofredor se converteu em Cristo o vencedor, e Cristo o crucificado se converteu em Cristo o coroado.

A DESCIDA AO INFERNO

1 Pedro 3:18b-20—4:6

Já dissemos que aqui estamos frente a uma das mais difíceis passagens não só das Cartas de Pedro, mas também de todo o Novo Testamento. Portanto, se queremos entender o sentido desses versículos teremos que seguir a mensagem do próprio Pedro e "cingir os lombos de nosso entendimento" para estudá-los.

Esta passagem achou cabida no Credo com a frase "desceu aos infernos". Primeiro deveremos notar que a frase é muito confusa. A idéia do Novo Testamento não é que Cristo desceu ao inferno, mas sim descendeu ao Hades. A diferença é a seguinte: o inferno é inquestionavelmente o lugar de tortura e de castigo dos ímpios; mas o Hades, segundo o pensamento judeu, era o lugar aonde iam os mortos.

Os judeus tinham um conceito muito vago quanto à vida além-túmulo. Não pensavam em Céu e inferno, mas em um mundo sombrio onde os espíritos humanos se moviam como espectros cinzentos numa permanente penumbra, onde não havia nem luz nem força nem alegria. Esse era o Hades — a terra das sombras, para a qual iam as almas de todos depois da morte.

Isaías escreve: “Pois o Sheol não te pode louvar, A morte não te pode celebrar: Os que descem à cova, não podem esperar a tua verdade.” (Isaías 38:18, TB). Expressa o salmista: “Pois na morte não há recordação de ti, no Sheol quem te dará louvor?” (Salmo 6:5, TB). “Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Louvar-te-á, porventura, o pó? Declarará ele a tua verdade?” (Salmo 30:9). “Acaso mostrarás maravilhas aos mortos? Porventura levantar-se-ão as sombras dos mortos e te louvarão? Será referida a tua benignidade na sepultura? Ou a tua fidelidade em Abadom? Acaso serão conhecidas nas trevas as tuas maravilhas? E a tua justiça na terra do esquecimento?” (Salmo 88:10-12). “Os mortos não louvam ao SENHOR, nem os que descem ao silêncio” (Salmo 115:17, RC). “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10, RC; cf. Versões TB e NVI. – N. do tradutor).

Tal era a concepção judia do mundo situado para além da morte. Era um mundo de sombras, de impotência e de esquecimento no qual os seres humanos eram separados da vida, da luz e de Deus.

À medida que passou o tempo foi surgindo a idéia de etapas e divisões neste sombrio território. Para alguns isso ia durar para sempre; para outros, pelo contrário, era uma espécie de cárcere no qual se mantinha os condenados até o dia do juízo e o castigo finais, quando a ira de Deus os esmagaria (Isaías 24:21-22; 2 Pedro 2:4; Apocalipse 20:1-7). De maneira que, em primeiro lugar, teremos que lembrar o que todo este assunto deve ser considerado, não em termos de inferno como nós

entendemos a palavra, mas em termos da visita de Cristo aos mortos que estão em seu mundo cinzento e sombrio.

A DESCIDA AO HADES

1 Pedro 3:18b-20—4:6 (continuação)

A doutrina que aparece no Credo referente à descida ao Hades — como devemos chamá-la agora — se baseia em duas frases da passagem que estamos considerando aqui. Vemos que diz que Cristo foi e pregou aos espíritos que estavam encarcerados (3:19), e também fala do evangelho que foi pregado aos mortos (4:6). Com relação a esta doutrina sempre houve diferentes posições entre os pensadores.

(1) Há aqueles que desejam eliminá-la por completo. Esta atitude de *eliminação* procura ser atingida através de dois procedimentos:

(a) Pedro diz que Cristo pregou aos espíritos que estavam na prisão, os espíritos que alguma vez foram desobedientes no tempo em que a paciência de Deus aguardava nos dias de Noé, quando se estava construindo a arca. Argúi-se que isto significa que foi nos dias do próprio Noé quando Cristo fez essa pregação, que longo tempo antes Ele estava pregando no Espírito e apelando aos homens ímpios da época de Noé; que não foi depois que eles morreram, e estando no Hades quando Cristo foi pregar-lhes, no tempo entre sua própria morte e ressurreição, mas sim realmente nos dias de Noé o Cristo preexistente foi no Espírito e pregou e apelou àqueles pecadores. Nesta forma fica eliminada por completo a idéia de uma descida ao Hades e a pregação de Cristo é transferida ao mundo dos antigos dias de Noé.

Muitos destacados estudiosos aceitaram e aceitam este ponto de vista. De nosso ponto de vista, entretanto, não cremos que seja este o sentido que surge naturalmente das palavras de Pedro.

(b) Se observarmos a tradução de Moffat ao inglês, encontraremos algo muito diferente. Essa tradução reza assim: "Na carne Ele (Cristo) foi morto, mas voltou à vida no Espírito. Também no Espírito Enoque

foi e pregou aos espíritos prisioneiros que tinham desobedecido no tempo quando a paciência de Deus aguardava enquanto era construída a arca nos dias de Noé." Como vemos, Moffat introduz no quadro a *Enoque*, que não aparece de modo nenhum em nossas versões. Como é que Moffat chega a esta tradução?

O nome de Enoque não aparece em nenhum manuscrito grego. Mas ao considerar o texto de qualquer autor grego os eruditos freqüentemente utilizam um processo que se chama de *emenda*. Este procedimento consiste no seguinte: às vezes os estudiosos crêem ter encontrado algo incorreto no texto tal qual se acha, que algum escriba parece ter copiado erroneamente e que faz com que o texto não tenha sentido tal como está. Portanto, sugerem que determinada palavra deveria ser mudada ou que devem adicionar alguma outra ainda que tais mudanças e agregados não apareçam em nenhum manuscrito grego. No que se refere a esta passagem Rendel Harris sugeriu que ao copiar o manuscrito de Pedro se omitiu a palavra *Enoque* e que deveria ser reincorporada.

(Embora isso implica o uso do grego, poderia ser que alguns leitores tenham interesse em ver como Rendel Harris chegou a esta famosa emenda. Por isso nos permitimos indicar aqui seu raciocínio. Na linha superior, com letra itálica, pusemos o grego [utilizando nosso alfabeto] e abaixo de cada palavra grega se encontrará a correspondente tradução ao português:

thanatotheis
tendo sido morto

men sarki
na carne

zoopoiethéis
tendo ressuscitado

de pneumati
no Espírito

en ho kai tois en fulake pneumasi
no qual também aos na prisão espíritos

poreutheis
tendo ido

ekeruxen
pregou

Esta é, então, a passagem em questão apresentado em grego e em português palavra por palavra. (*men* e *de*, em grego, são o que chamamos partículas, não se traduzem, simplesmente assinalam o contraste entre *sarki* e *pneumati*: carne e espírito). Rendel Harris sugeriu que entre *kai* e *tois* se omitiu a palavra *Enoque*. A explicação que oferece é que pelo fato de que a cópia de manuscritos fazia-se por ditado, os escribas estavam expostos a omitir ou saltar palavras que aparecendo em sucessão teria um som muito similar. Nesta passagem, as palavras

en ho kai e Enoc

soam de modo muito semelhante e Rendel Harris opinou que era muito provável que a palavra Enoque teria sido omitida por erro.)

Que razão há para introduzir a Enoque nesta passagem?

Enoque foi sempre um personagem fascinante e misterioso. “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gênesis 5:24). No período que vai entre o Antigo e o Novo Testamento surgiram numerosas lendas referentes a Enoque e muitos livros importantes foram escritos com o seu nome. Uma dessas lendas relatava que Enoque, embora sendo homem, agiu como enviado de Deus aos anjos que pecaram os quais vieram à Terra e seduziram de modo lascivo as mulheres mortais (Gênesis 6:2). No livro de Enoque diz-se que este foi enviado do céu para anunciar a esses anjos seu condenação final (Enoque 12:1), e que lhes fez saber que por causa de seu pecado não haveria jamais perdão nem paz para eles (Enoque 12 e 13). De modo que, segundo a lenda judia, Enoque foi de fato ao Hades e pregou ali a condenação aos anjos caídos e pecadores. Assim, pois, Rendel Harris creu que esta passagem não se referia a Jesus, mas sim a Enoque. E Moffat a tal ponto esteve de acordo com Harris que introduziu Enoque em sua tradução inglesa.

Esta é uma sugestão extremamente interessante e engenhosa. Entretanto, devemos rejeitá-la porquanto carece absolutamente de evidência. Não é prudente introduzir Enoque neste quadro visto que a descrição total refere-se à obra de Cristo.

A DESCIDA AO HADES**1 Pedro 3:18b-20—4:6 (continuação)**

Acabamos de ver como falha o intento de utilizar a técnica de *eliminação* nestes versículos.

(2) A segunda atitude possível é a de *limitação*. Segundo este procedimento — que é aquele que adotaram alguns dos mais notáveis intérpretes do Novo Testamento — se dá por sentado que Pedro certamente estava ensinando que Jesus foi ao Hades e pregou ali, mas que e maneira nenhuma pregou a todos os que ali habitavam. Esses intérpretes limitam tal pregação de diferentes maneiras.

(a) Sustenta-se que Jesus pregou no Hades *somente* aos espíritos daqueles que foram pecadores e desobedeceram a Deus nos dias de Noé. Aqueles que sustentam este ponto de vista geralmente sustentam que, pelo fato de que os pecadores daquela época eram incorrigivelmente ímpios e desobedientes — tanto que Deus teve que enviar o dilúvio para destruí-los (Gênesis 6:12-13) — podemos portanto crer que ninguém está excluído da misericórdia de Deus. Aqueles homens eram os piores de todos os pecadores; mas mesmo assim foi-lhes concedida outra oportunidade para que se arrependessem. Por conseguinte, até as piores pessoas têm ainda uma oportunidade em Cristo.

(b) Sustenta-se que Jesus pregou aos anjos caídos mas que lhes anunciou não a salvação, mas sim a condenação final e irrevogável. Já fizemos menção destes anjos. O relato correspondente se acha em Gênesis 6:1-8. Foram tentados pela beleza das mulheres mortais, vieram à Terra e as seduziram e geraram filhos; e devido a isto se infere que a maldade do homem era muito grande e que seus pensamentos estavam continuamente ocupados em coisas perversas. Em 2 Pedro 2:4 fala-se daqueles anjos pecadores que estão no inferno encadeados e aguardando o juízo. A estes foi que Enoque teria pregado; e há aqueles que opinam que esta passagem significa não que Cristo pregou misericórdia e lhes deu outra oportunidade, mas sim, pelo contrário, como símbolo de seu

completo triunfo, pregou a espantosa condenação daqueles anjos que tinham caído em pecado.

(c) Sustenta-se que Cristo pregou *somente* àqueles que no passado tinham sido justos, e que os tirou do Hades e os conduziu ao Paraíso de Deus. Isto se explica assim: Já vimos que os judeus criam que todos os mortos iam ao Hades, esse cinzento e sombrio lugar do esquecimento. Aduz-se que *antes de* Cristo certamente era assim, mas que Ele abriu as portas do Céu à humanidade e quando fez isto foi ao Hades e ali deu a grata notícia a todos os justos de todas as gerações passadas e os conduziu a Deus. Esta é certamente uma magnífica figura. Os que sustentam tal posição geralmente adicionam que, por causa de Cristo, agora não há para o cristão tempo de espera nas sombras do Hades, mas sim o caminho rumo ao Paraíso de Deus se abre logo que este mundo se fecha para nós.

A DESCIDA AO HADES

1 Pedro 3:18b-20—4:6 (continuação)

(3) Além disso, outra posição sustenta que o que Pedro diz é que Jesus Cristo, entre sua morte e sua ressurreição, foi ao mundo dos mortos e ali pregou o evangelho. O apóstolo diz que Jesus Cristo foi morto na carne mas que ressuscitou no Espírito e que foi precisamente no Espírito como pregou. Isto significa que Jesus viveu num corpo humano e que esteve sujeito a todas as limitações de tempo e espaço nos dias de sua existência carnal; que morreu corporalmente sobre a cruz, moído, quebrantado e sangrado, mas que, ao ressuscitar, Ele o fez com um corpo espiritual no qual estava livre da inevitável fraqueza humana, livre das iniludíveis limitações de espaço e tempo e que, desta maneira, todo o universo converteu-se em esfera de sua ação. Nestas condições espirituais de perfeita liberdade teve lugar a pregação aos mortos.

Quais são as grandes e transcendentas verdades que há nesta doutrina? Tal como se apresenta, está expressa em categorias perimidas e

superadas. Fala de uma *descida* ao Hades. A mesma palavra *descida* nos faz pensar em termos de um universo de três pisos no qual o Céu estaria localizado acima, e o Hades debaixo da Terra. Entretanto, desprezando todas as categorias físicas e geográficas desta doutrina, ainda podemos encontrar nela verdades que são eternamente válidas e preciosas.

(a) Se Jesus desceu ao Hades, então isto implica que morreu real e verdadeiramente. Sua morte não foi um simulacro nem uma comédia. Sua morte não pode ser explicada como um desvanecimento na cruz ou algo pelo estilo. Jesus experimentou a morte de maneira certa e verdadeira, e depois ressuscitou. Isto faz possível que creiamos num Cristo que passou pela experiência humana do nascimento, da vida e da morte. Em sua forma mais simples a doutrina da *descida* ao Hades estabelece a completa identidade de Cristo com nossa condição humana, até com a experiência da morte.

(b) Se Cristo desceu ao Hades, isto significa que seu triunfo é literalmente universal. Esta é uma verdade da qual, de fato, está impregnado o Novo Testamento. O desejo de Paulo é que diante do nome de Jesus Cristo se dobre tudo joelho dos que estão nos Céus, e na Terra e debaixo da Terra (Filipenses 2:10). No Apocalipse o canto de louvor surge de toda criatura que está nos Céus, na Terra e debaixo da Terra (Apocalipse 5:13). Aquele que subiu ao Céu é também o primeiro que desceu às partes mais baixas da Terra (Efésios 4:9-10). A submissão total do universo a Cristo está entretecido no pensamento do Novo Testamento.

(c) Se Cristo desceu ao Hades e ali pregou, não há então lugar do universo ao qual não tenha chegado a mensagem de graça. Nesta passagem encontra-se a resposta a um dos mais árdios interrogantes com que se depara a fé cristã: O que sucederá com aqueles que viveram antes de Cristo, aqueles aos quais o evangelho alguma vez chegou? Se não pode haver salvação sem arrependimento, como podem arrepender-se aqueles que nunca se depararam com o amor e a santidade de Deus? Se não há outro nome mediante o qual os homens podem ser salvos, o que

vai suceder com aqueles que nunca ouviram esse nome? Este é o ponto que Justino Mártir acentuou faz já tanto tempo: "O Senhor, o Santo de Israel lembrou a seus mortos e desceu até eles para dar-lhes as boas novas da salvação." A doutrina da descida ao Hades conserva a preciosa verdade de que não há pessoa — não importa a época em que tenha vivido — que fique fora da olhar de Cristo e sem a correspondente oferta da salvação de Deus.

Há muitos que ao repetir o Credo encontram que a frase "desceu aos infernos" carece de sentido e é muito confusa. Por isso que, tacitamente, decidiram desprezá-la e esqueceria. Talvez se deveria pensar nisto como numa figura descritiva em termos poéticos e não tanto como numa doutrina expressa em termos teológicos. Pode ser que se trate, antes, de alimento espiritual e nem tanto de algo que possa ser incluído na fórmula de um credo. Mas há nisso três grandes verdades: que Jesus Cristo não só provou a morte, mas também apurou até o fim a taça da morte; que o triunfo de Cristo é universal; que não há lugar do universo ao qual não tenha alcançado a graça de Deus.

O BATISMO DO CRISTÃO

1 Pedro 3:18-22

Esta passagem é uma digressão. Pedro esteve referindo-se aos homens ímpios que, sendo desobedientes e corruptos nos dias de Noé, finalmente foram destruídos. Mas desta destruição causada pelo dilúvio oito pessoas se salvaram na arca: Noé, sua esposa, seus filhos Sem, Cam e Jafé e as esposas destes. Ao embarcar na arca todos eles ficaram a salvo das águas. Esta idéia de *ser salvo através da água* leva Pedro a pensar imediatamente no batismo cristão, porque o batismo é também um levar rumo à salvação através da água. O que Pedro expressa literalmente é que o batismo é um *antitipo* de Noé e de sua família na arca. Este termo introduz a uma nova maneira de observar o Antigo Testamento.

Há dois vocábulos estreitamente relacionados: *typos*, tipo, que significa selo; e *antitypos*, antitipo, que significa a impressão deixada pelo selo. Agora, entre o selo e a impressão que este deixa há a correspondência mais íntima que se possa imaginar. O selo e sua impressão se correspondem um ao outro. De modo, pois, que há personagens e acontecimentos no Antigo Testamento que são tipos e que encontram seu correspondente antitipo no Novo Testamento. O evento ou personagem do Antigo Testamento é como o selo, enquanto que o evento ou personagem do Novo Testamento é como a impressão; os dois se correspondem reciprocamente. Com uma linguagem mais atual poderíamos dizer que o evento do Antigo Testamento representa e antecipa simbolicamente o evento do Novo Testamento. A ciência de achar tipos e antítipos em ambos os Testamentos está altamente desenvolvida. Como exemplo citaremos alguns casos muito evidentes: o cordeiro pascal e o bode emissário que levava os pecados do povo, são ambos tipos de Jesus; e a obra do sumo sacerdote fazendo sacrifícios pelos pecados do povo é tipo da obra salvadora que Cristo realiza. Aqui Pedro vê no fato de conduzir a lugar seguro a Noé e sua família através das águas um tipo do batismo; é uma figura correspondente, simbólica do batismo.

Nestes versículos o apóstolo expressa três grandes conceitos relativos ao batismo. Deve-se ter em conta que nesta etapa da história da Igreja ainda estamos tratando do batismo de adultos, pessoas que tinham chegado diretamente do paganismo e ingressado na Igreja cristã, pessoas que faziam profissão de fé e adotavam uma nova maneira de viver.

(1) O batismo não é uma simples limpeza física, mas sim a purificação de todo o coração, da alma e da vida. Não é meramente um banho de água para lavar o corpo, mas sim uma limpeza com a graça purificadora da vida. Seus efeitos têm que operar na própria alma do homem e sobre toda sua vida.

(2) Pedro chama o batismo *o compromisso de uma boa consciência diante de Deus* (v. 21, NVI). Aqui temos uma vívida figura. A palavra

que o apóstolo usa para expressar a idéia de compromisso é *eperotema*. Trata-se de um vocábulo técnico utilizado no grego comercial e também como termo jurídico; em latim a expressão equivalente é *stipulatio*. Em todo contrato comercial havia sempre uma pergunta e uma resposta definidas que faziam do contrato um instrumento legal e de cumprimento obrigatório. A pergunta era esta: "Aceita você os termos deste contrato e se compromete a cumpri-los?" E a resposta, dada perante testemunhas, era simplesmente a que segue: "Sim." Sem esta pergunta e sua resposta o contrato carecia de toda validade.

O termo técnico para designar esta cláusula que contém a pergunta e a resposta recebe em grego o nome de *eperotema*, e de *stipulatio*, em latim. Na realidade Pedro está indicando que no batismo Deus pergunta a quem vem diretamente do paganismo: "Aceita os termos para entrar em meu serviço? Aceita tanto os privilégios como as promessas, assume as responsabilidades e as demandas que isso implica?" E no ato de receber o batismo ele responde a essas perguntas dizendo "Sim."

Usamos a palavra *sacramento* que é um termo derivado do vocábulo latino *sacramentus* que significa *o juramento de lealdade que faz um soldado ao ingressar no exército*. Reaparece aqui a mesma figura. Não podemos aplicar adequadamente esta pergunta e esta resposta ao batismo de crianças, a menos que a formulem os pais. Entretanto, como já dissemos, o batismo na Igreja primitiva aplicava-se a homens e mulheres adultos que procediam diretamente do paganismo.

O paralelo moderno seria o ingressar como membros da Igreja. Quando nos incorporamos à Igreja como membros Deus nos pergunta: "Aceita as condições para entrar em meu serviço com todos os privilégios e todas as responsabilidades que isso implica?" E nossa resposta é "Sim." Seria muito desejável que todos os membros da Igreja entendessem claramente o que estão fazendo quando assumem a responsabilidade de ingressar como membros da mesma.

(3) Toda a idéia e toda a eficácia do batismo depende da ressurreição de Jesus Cristo. A graça do Senhor ressuscitado é a que nos

limpa. Ao Senhor ressuscitado e vivo é a quem nos entregamos; ao Senhor ressuscitado e vivo é a quem vamos em busca de fortaleza e de graça para manter o compromisso que fizemos. Mais uma vez temos que tomar estes grandes conceitos e aplicá-los ao momento em que plena e deliberadamente, por própria vontade, nos tornamos membros da Igreja.

1 Pedro 4

A obrigação do cristão - 4:1-2

A oportunidade final - 4:6

O fim iminente - 4:7a

Vivendo à sombra da eternidade - 4:7b-8

O poder do amor - 4:7b-8

A responsabilidade do cristão - 4:9-10

O fundamento e o propósito de todo esforço cristão - 4:11

A inevitável perseguição - 4:12-13

A bem-aventurança de sofrer por Cristo - 4:14-16

Confiando a Deus toda a vida - 4:17-19

A OBRIGAÇÃO DO CRISTÃO

1 Pedro 4:1-5

O cristão, pelo fato de ser cristão, está comprometido a abandonar os costumes pagãos e ímpios e a viver como Deus quer que viva.

Pedro diz que “aquele que sofreu na carne deixou o pecado.” O que é que isto significa exatamente? É difícil dizê-lo. Existem três distintas possibilidades.

(1) Uma forte linha de pensamento judeu sustenta que o sofrimento purifica a alma. No Apocalipse de Baruque, referindo-se às experiências do povo de Israel, diz: "Então, portanto, foram eles castigados para que assim pudessem ser purificados" (13:10). Com relação à purificação dos espíritos humanos expressa Enoque: "Na medida que seu corpo é consumido cada vez mais pelo fogo, assim também se operará uma

mudança correspondente e contínua em seu espírito; porque diante do Senhor dos espíritos não haverá ninguém que pronuncie uma palavra mentirosa" (67:9).

Esses espantosos sofrimentos são descritos em 2 Macabeus (6:12-16) nesta forma:

"Rogo aos leitores deste livro que não se desconcertem por estas desgraças; pensem, antes, que estes castigos buscam não a destruição, mas sim a educação de nossa raça; pois o não tolerar por muito tempo os ímpios, de modo que logo caíam em castigos, é sinal de grande benevolência. Pois com as demais nações o Soberano, para castigá-las, aguarda pacientemente a que venham a encher a medida de seus pecados; mas conosco decidiu não proceder assim, para que não tenha logo que nos castigar, ao chegar nossos pecados à medida repleta. Por isso mesmo nunca retira de nós sua misericórdia: quando corrige com a desgraça, não está abandonando a seu próprio povo"

A idéia aqui é que o sofrimento santifica e que o não ser castigado é a maior penalidade e castigo que Deus pode impor ao homem. "Bem-aventurado o homem, SENHOR, a quem tu repreendes" (Salmo 94:12). "Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina", afirma Elifaz em Jó (5:17). "Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hebreus 12:6). Se esta é a idéia, isso significa que aquele que foi disciplinado pelo sofrimento foi curado do pecado.

Este é um notável pensamento. Capacita-nos — como diz Browning — a "dar as boas-vindas a cada contrariedade que arrepia a suavidade da terra". Capacita-nos a ver o significado que há por trás das experiências da vida e agradecer a Deus por experiências dolorosas mas que salvam a alma. Entretanto, em que pese sua grandeza, este pensamento não é aqui estritamente aplicável.

(2) Bigg pensa que quando Pedro diz que aquele que sofreu na carne rompeu com o pecado, está falando em termos da experiência que os cristãos daquela época tinham tido por causa da perseguição, da antipatia geral e do sofrimento por sua fé em Cristo. Bigg o expressa nesta maneira:

"Não há por que temer que aquele que sofreu em humildade e em temor, aquele que suportou tudo o que a perseguição pode tê-lo prejudicado, entregue-se à maldade, antes, podemos confiar em que tem que praticar o bem, pois a tentação perdeu manifestamente seu poder sobre ele."

A idéia é que quem passou através da perseguição e não negou o nome de Cristo e se manteve firme em sua fé, chega à outra margem com o caráter tão provado e com sua fé tão fortalecida que a tentação não pode alcançá-lo. Novamente aqui nos encontramos com um pensamento de elevado valor: que cada prova e cada tentação que chega a nós tem o propósito não de nos fazer cair, mas sim nos tornar mais fortes e melhores. Cada tentação resistida faz com que a próxima seja mais fácil de resistir; e cada tentação derrotada nos capacita a enfrentar e rejeitar o ataque seguinte. Como já dissemos, este é um esplêndido pensamento, ainda que resulte duvidoso que seja muito pertinente aqui.

(3) Há ainda outra explicação mais e, provavelmente, seja esta a mais correta. Tenhamos presente nosso texto: "Aquele que sofreu na carne deixou o pecado." O apóstolo acaba de falar a respeito do batismo. Agora, a grande figura neotestamentária referente ao batismo nós encontramos em Romanos 6. Nesse capítulo Paulo expressa que a experiência do batismo é equivalente a de ser sepultado com Cristo na morte e ser ressuscitado a novidade de vida. É como morrer para o pecado e ressuscitar para a justiça. É como compartilhar a experiência total de Cristo: sua vida, suas tentações, seus sofrimentos, sua morte e, finalmente, sua ressurreição. Cremos que aqui está Pedro pensando também nisto. Referiu-se ao batismo e agora acrescenta: "Aquele que no batismo participou dos sofrimentos e da morte de Cristo se elevou a tal grau de novidade de vida com Cristo que já o pecado não tem domínio sobre ele" (cf. Romanos 6:14). Mais uma vez teremos que lembrar que aqui se trata do batismo de adultos, o batismo daqueles que voluntariamente ingressam na Igreja procedentes do paganismo. Mediante este ato do batismo a pessoa se identifica com Cristo,

compartilha seus sofrimentos e até sua morte, mas participa também de seu poder vivificador e, por conseguinte, é vencedor do pecado.

Quando isso sucede, o homem deu um adeus definitivo à sua antiga maneira de viver. O domínio do prazer, do orgulho e da paixão desapareceram e começou o reinado de Deus. Os antigos companheiros dessa pessoa poderão sorrir ironicamente em face deste novo "puritanismo". Entretanto, o cristão sabe muito bem que o juízo de Deus tem que chegar e que então os juízos terrestres serão reconsiderados e revogados, e os Prazeres eternos compensarão mil vezes os prazeres daninhos e transitivos que terá que abandonar nesta vida.

A OPORTUNIDADE FINAL

1 Pedro 4:6

Esta muito difícil passagem conclui com um versículo não menos difícil. Reaparece aqui a idéia do evangelho pregado aos mortos. Pelo menos três diferentes significados foram atribuídos à palavra *mortos*.

(1) Considerou-se a passagem como referindo-se àqueles que estão *mortos no pecado*, quer dizer: não aqueles que estão fisicamente mortos mas sim aqueles que estão sob a mortal influência do pecado.

(2) Pensou-se que alude àqueles que tenham morrido *antes da Segunda Vinda de Cristo*. Essas pessoas estão mortas, mas escutaram o evangelho antes de morrer, e não perderão a glória.

(3) Opinou-se que simplesmente se refere *todos os mortos*. Pouca dúvida pode ter-se que este terceiro significado é o correto. Pedro esteve falando a respeito do descida de Cristo ao lugar dos mortos e aqui reaparece a idéia da pregação dirigida aos mortos.

Mas, o que significa dizer que ainda que esses mortos foram julgados na carne como homens, o evangelho foi-lhes pregado para que possam viver segundo Deus?

Nunca se descobriu um significado plenamente satisfatório para este versículo. Não obstante, cremos que a melhor explicação seria esta:

para o homem mortal a morte é a penalidade do pecado. O pecado introduziu a morte no mundo. Como escreveu Paulo: “Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5:12). Se não houvesse pecado tampouco teria havido morte; a morte é o pagamento do pecado e, portanto, a morte é em si mesma um juízo. De maneira que Pedro diz que todos os homens já foram julgados quando morreram. Porque são homens, estão sob o juízo da morte. Apesar de tudo isto Pedro apresenta-se com a surpreendente idéia de que Cristo desceu ao mundo dos mortos e ali pregou o evangelho. Por conseguinte, esse mesmo fato significa que ainda que eles foram julgados pela morte, mesmo assim têm outra oportunidade para aferrar-se ao evangelho e viver no Espírito de Deus.

Em algum sentido este é o mais esplêndido de todos os versículos da Bíblia, porque, se nossa interpretação se aproximar da verdade, isso nos daria uma surpreendente visão nada menos que de um evangelho da segunda oportunidade.

O FIM IMINENTE

1 Pedro 4:7a

Eis aqui uma nota que ressoa constantemente através de todo o Novo Testamento. Paulo adverte que é tempo de despertar do sono porque a noite está já muito avançada e o dia se aproxima (Romanos 13:12). “Perto está o Senhor”, escreve aos filipenses o mesmo apóstolo (Filipenses 4:5). “A vinda do Senhor está próxima” (Tiago 5:8). O apóstolo João assinala que o tempo que seus contemporâneos devem viver é o último tempo (1 João 2:18). “O tempo está próximo”, afirma João no Apocalipse e ouve o Cristo ressuscitado atestar: “Certamente, venho sem demora” (Apocalipse 1:3; 22:20).

Há muitas pessoas que consideram estas e outras passagens similares como extremamente problemáticas pois, se tiverem que ser

tomadas literalmente e tal como aparecem à primeira vista, os escritores do Novo Testamento estariam equivocados. Quase dois mil anos transcorreram desde então e o fim ainda não chegou. Estas passagens suscitam um problema que tudo estudioso da Bíblia está obrigado a enfrentar.

Há quatro maneiras de enfocar tais passagens.

(1) Podemos sustentar simplesmente que os escritores do Novo Testamento estavam errados. Esperavam a volta de Cristo e o fim do mundo em sua própria geração e tais acontecimentos não tiveram lugar. Se adotamos este ponto de vista resulta sugestivo que a Igreja cristã permitisse que tais versículos permanecessem dentro da Escritura. Não teria sido difícil eliminá-los furtivamente do texto dos documentos do Novo Testamento mas, em que pese isso, deixaram-nos. Até fins do século II não começou o Novo Testamento a ser cristalizado na forma em que hoje o temos e, quando isto sucedeu, livros com declarações tais como estas chegaram a ser parte indisputável do mesmo. A evidente conclusão é que a Igreja primitiva não cria que tais afirmações estivessem equivocadas; pelo contrário, aceitava-as como verdadeiras.

(2) Há uma sólida linha de pensamento no Novo Testamento que, efetivamente, sustenta que *o fim chegou*. A consumação da história foi a vinda de Jesus Cristo. Com Ele o tempo foi invadido pela eternidade. Com Ele Deus entrou na situação humana. NEle se cumpriram as profecias. Com Ele chegou o fim. Paulo fala de si mesmo e dos seus como aqueles sobre os quais chegou o fim dos tempos (1 Coríntios 10:11). Pedro, em seu primeiro sermão, menciona a profecia de Joel referente ao derramamento do Espírito e a tudo aquilo que sucederia nos últimos dias, e então adiciona que esses dias chegaram, que nesses precisos momentos a humanidade estava vivendo realmente esses dias últimos que o profeta havia predito (Atos 2:16-21). Se aceitamos isto, significa que em Cristo chegou o fim da história. A batalha foi ganha, só restam escaramuças com os últimos restos da oposição, uma espécie de

"operação de limpeza" final. Isto significaria que neste mesmo momento estamos vivendo no "tempo do fim", o que alguém chamou o "epílogo da história". Este é um ponto de vista muito difundido e muito ortodoxo; entretanto, dilui-se diante dos fatos. A maldade é tão desenfreada como sempre; o homem é tão rebelde como sempre; o mundo está ainda muito longe de ter aceito a Cristo como Rei. Pode ser que seja este o "tempo do fim" mas a alvorada está tão longínqua como sempre.

(3) Pode ser que tenhamos que interpretar a palavra *próximo* à luz da história. A história é um processo de extensão quase inimaginável.

Tentou-se ilustrar desta maneira: Suponhamos que todo o tempo é representado pela altura da torre Eiffel mais um selo de correios colado sobre o topo da mesma. Neste caso a extensão da história conhecida estaria representada pela espessura do selo, enquanto que a extensão não conhecida seria a altura total da torre.

Quando pensamos no tempo em termos como estes a palavra *próximo* se converte num vocábulo de valor muito relativo. Literal e historicamente o salmista estava certo quando disse que aos olhos de Deus mil anos não eram mais que uma das vigílias da noite (Salmo 90:4). Neste caso o termo *próximo* pode cobrir séculos e gerações e, mesmo assim, estar corretamente aplicado. Mas é indubitável que os escritores bíblicos não tomaram a palavra *próximo* neste sentido, visto que não tinham uma concepção da história em tais termos.

(4) O fato simples é que atrás disto há uma verdade iniludível e pessoal. Para cada um de nós o tempo está próximo. Para cada um de nós o Senhor está próximo. Não podemos dizer o dia nem a hora quando iremos encontrar nos com nosso Deus; portanto, toda nossa vida tem que ser vivida à sombra da eternidade.

"O fim de todas as coisas se aproxima", advertiu Pedro. Os antigos pensadores podem ter estado equivocados se criam que o fim definitivo estava muito próximo. Entretanto, deixaram-nos a advertência de que para cada um de nós, em forma pessoal e iniludível o fim está próximo.

Em vista deste fato universal, tais exortações e advertências são tão válidas para nós hoje como o foram em tempos anteriores.

VIVENDO À SOMBRA DA ETERNIDADE

1 Pedro 4:7b-8

Quando alguém percebe a proximidade de Jesus Cristo, tem que forçosamente dedicar-se a certo tipo de vida. Em vista desta proximidade Pedro faz quatro demandas.

(1) Diz que temos que ser mentalmente prudentes (TB). Poderíamos traduzi-lo assim: "Preservem sua prudência." O verbo que Pedro usa é *sofronein*. Relacionado com este verbo está o substantivo *sofrosune*, que em grego se deriva do verbo *sozein* que, por sua vez, significa *manter* a salvo, e do substantivo *fronesis* que equivale a *mente*. *Sofrosune* é a sabedoria que caracteriza à pessoa que é preeminentemente corda; e *sofronein* significa preservar a prudência própria. A grande característica do homem cordato é que vê as coisas em sua devida proporção; distingue o importante do que não o é; não se deixa arrebatar por repentinos arranques de entusiasmo caprichoso e transitivo; não é propenso nem ao fanatismo desequilibrado nem à indiferença inconsciente. Só quando vemos os assuntos e as atividades terrestres à luz da eternidade é quando podemos considerá-los em sua devida proporção e importância. Somente quando se concede a Deus o lugar que lhe corresponde é quando todas as coisas, por sua vez, ocupam seu devido lugar. .

(2) Pedro nos exorta a que sejamos sóbrios mentalmente, ou judiciosos. Poderíamos traduzi-lo assim: "Mantenham sua sobriedade." O verbo aqui é *nefein*. Originalmente este verbo significava o fato de *estar* sóbrio em contraposição ao feito de *estar ébrio*. Chegou posteriormente a ter o significado de agir com sensatez e sensibilidade. Isto não quer dizer que o cristão tenha que perder-se num sombrio abatimento. O que sim significa é que seu enfoque da vida não tem que

ser frívolo nem irresponsável. Levar as coisas a sério é estar conscientes da verdadeira importância dos problemas, preocupar-se por suas conseqüências no tempo e na eternidade, estar sempre conscientes de seus efeitos em nós mesmos e em outros; encarar a vida não como uma brincadeira, mas sim como um assunto sério do qual somos responsáveis.

(3) Diz o apóstolo que devemos fazer isto para poder orar como é devido: ("Sede, portanto, prudentes e sóbrios para oração", verte a Tradução Brasileira). Podemos pensar que Pedro queria dizer: "Preservem sua vida de oração." Quando a mente do homem está desequilibrada, quando permite que seus preconceitos o arrebatem, quando seu enfoque da vida é frívolo, egoísta e irresponsável, então é evidente que não pode orar como deveria fazê-lo. Em tal caso não saberá o que é o que deve pedir e, em conseqüência, solicitará coisas indevidas. Unicamente aprendemos a orar de maneira correta quando levamos a vida de maneira tão sábia e tão séria que começamos em cada caso exclamando: "Seja feita sua vontade!" A primeira condição necessária para orar é o desejo não de obter o que queremos, mas sim de descobrir a vontade de Deus para nós.

(4) Diz que devemos ter um amor fervente de uns para com os outros. É como se nos recomendasse "preservem seu amor". A palavra que Pedro usa para descrever este amor cristão é *ektenes*, vocábulo que tem dois significados. Significa que alcança (no sentido de constante e conseqüente), que nunca falha. Nosso amor tem que ser um amor que nunca falha. Mas *ektenes* quer dizer mais que isso. Significa também estender-se no sentido que o corredor se estende esforçando-se.

Como C. E. B. Cranfield o expressa, essa palavra serviria para descrever um cavalo que corre rapidamente tendido. Também denota "os tenhos músculos do atleta entregue a um vigoroso e sustentado esforço".

Aqui temos uma verdade cristã fundamental. O amor cristão não é uma reação fácil e sentimental. Exige tudo o que o homem pode reunir de energias tão espirituais como mentais e físicas. Significa amar o que

não parece digno de ser amado; significa amar pese ao insulto e à injúria, significa amar quando o amor não é correspondido, mas sim desprezado.

Bengel traduz *ektenes* mediante a palavra latina *vehemens*, *veemente*. O amor cristão é o amor que nunca falha, o amor para o qual está dirigido cada átomo da energia humana.

De maneira que o cristão, à luz da eternidade, tem que preservar sua prudência, preservar sua sobriedade, preservar suas orações e preservar seu amor.

O PODER DO AMOR

1 Pedro 4:7b-8 (continuação)

“O amor”, diz Pedro, “cobre multidão de pecados”. Esta afirmação pode significar três coisas. Não será necessário que escolhamos entre elas porque todas são igualmente válidas, todas são preciosas e todas estão contidas ali.

(1) Pode significar que nosso amor é capaz de passar por alto muitos pecados. “o amor cobre todas as transgressões” (Provérbios 10:12). Se amamos a uma pessoa será fácil perdoá-la. Não é que o amor seja cego, mas sim ama a uma pessoa tal como é, com faltas e tudo. O amor torna mais fácil a paciência. É muito mais fácil ser paciente com nossos próprios filhos que com os filhos alheios. Se realmente amamos a nosso próximo, poderemos aceitar suas faltas e suportar suas tolices e até sofrer sua rudeza e até sua crueldade. O amor certamente pode cobrir uma multidão de pecados.

(2) Pode significar que se amamos a outros, Deus passará por alto uma multidão de pecados em nós.

Na vida nos encontramos com dois tipos de pessoas. Conhecemos pessoas que não têm faltas e às quais não é possível apontar com o dedo; nada há neles que possa ser criticado: são morais, são ortodoxos e são altamente respeitáveis, mas têm pouca simpatia, não são compreensivos, mostram-se duros e severos e são incapazes de compreender por que

outros cometem erros e caem em pecado. Também encontramos pessoas que têm todo tipo de faltas, que são culpados de hábitos, práticas e de complacências que nada têm de respeitáveis e perante cujas atitudes as pessoas dignas franzem o cenho; entretanto, são bondosas, têm simpatia, seu primeiro impulso é perdoar, ajudar e consolar, e raramente ou nenhuma vez condenam. A este segundo tipo de pessoas é que o coração guarda afeto. Com toda reverência podemos dizer que o mesmo sucede com Deus: Deus perdoará muito ao homem que ama e ajuda a seu próximo.

(3) Pode significar que o amor de Deus cobre a multidão de nossos pecados. Sabemos que isto é bendita e profundamente certo. A maravilha da graça é que, pecadores como somos, Deus nos ama e que por isso mesmo enviou a seu Filho.

Aqui temos uma bendita verdade porque, não importa como tomemos esta expressão, o amor certamente cobre multidão de pecados.

A RESPONSABILIDADE DO CRISTÃO

1 Pedro 4:9-10

A mente de Pedro está dominada nesta passagem de sua Carta pela convicção de que o fim de todas as coisas está próximo. É extremamente interessante e significativo notar que não usa esta convicção para urgir os crentes a que se retirem do mundo e comecem uma espécie de campanha particular para salvar suas próprias almas. O que faz é insistir com seus leitores a que vão ao mundo e sirvam a seu próximo. O iminente fim não era para Pedro um motivo para separar-se do mundo e fazer um esforço definido para obter uma egoísta salvação, mas sim um motivo para identificar-se ainda mais profundamente com o mundo mediante o serviço a outros. Tal como Pedro vê as coisas, o homem será feliz se o fim o encontrar não isolado num monastério ou vivendo numa ermida, mas sim fora, no mundo, servindo a seu próximo.

(1) Em primeiro lugar, Pedro insiste com seus leitores a cumprir o dever da hospitalidade. Sem a hospitalidade a Igreja cristã não poderia ter existido. Os missionários itinerantes que difundiram as boas novas do evangelho tinham que encontrar algum lugar onde alojar-se e isto não podia fazer-se mas nos lares dos cristãos. As pousadas comuns eram excessivamente caras, insuportavelmente sujas e notoriamente imorais. Sem a hospitalidade dos lares cristãos a obra dos antigos missionários teria ficado estancada. É assim como encontramos a Pedro alojando-se com um tal Mnasom, do Chipre, um antigo discípulo (Atos 21:16). Muitíssimas pessoas anônimas na Igreja primitiva, ao abrir as portas de seus lares fizeram possível a obra missionária.

Mas não somente os missionários necessitavam hospitalidade, também as Igrejas locais tinham necessidade dela. Durante duzentos anos não houve tal coisa como edifícios ou templos dedicados ao culto cristão. A Igreja estava obrigada a reunir-se nas casas daqueles que tivessem salas ou quartos de maiores dimensões e que estivessem dispostos a emprestá-los para celebrar os cultos da congregação. É assim como vemos a respeito da Igreja que estava na casa de Áqüila e Priscila (Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:19), e da Igreja que estava na casa de Filemom (Filemom 2). A não ser por aqueles que estavam dispostos a abrir seus lares, a Igreja primitiva não poderia ter-se reunido para celebrar culto algum.

Não se admirar, então, que o Novo Testamento repetidamente insista no dever da hospitalidade entre os chamados os cristãos. O cristão tem que ser dado à hospitalidade (Romanos 12:13). O bispo tem que ser hospedador (1 Timóteo 3:2); as viúvas têm que ter praticado a hospitalidade (1 Timóteo 5:10). O seguidor de Cristo não deve desatender a hospitalidade, pelo contrário, tem que lembrar que alguns ao praticá-la, sem saber, hospedaram a anjos (Hebreus 13:2). O bispo deve ser amante da hospitalidade (Tito 1:8). Além disso, precisa lembrar que aqueles que estavam à direita o Rei lhes disse: "Fui estrangeiros e

me hospedastes", e aos condenados que estavam à esquerda Ele lhes disse: "Fui estrangeiros e não me hospedastes" (Mateus 25:35, 43).

Nos primeiros tempos a Igreja dependia da hospitalidade de seus membros. E ainda hoje nenhum dom maior pode-se oferecer que as boas-vindas a um forasteiro num lar cristão quando aquele se encontra longe de sua residência.

(2) Todas as capacidades que o homem possua deve oferecê-las sem reserva para servir à comunidade. Esta também é uma idéia favorita no Novo Testamento e Paulo refere-se extensamente a ela em Rom 12:3-8 e 1 Coríntios 12. A Igreja necessita as capacidades que cada crente possa ter. Pode ser a capacidade para pregar, para interpretar música ou para visitar outras pessoas. Pode ser o domínio de uma determinado arte ou alguma habilidade especial suscetível de ser usada a serviço da Igreja. Pode ser algo material, como uma casa ou uma soma de dinheiro herdada que a Igreja pode usar em sua obra. Não há capacidade nem recurso que não possa ser posto ao serviço da obra de Cristo.

O cristão deve considerar-se a si mesmo como um mordomo a serviço de Deus. No mundo antigo os mordomos eram funcionários de muita importância. Em alguns casos tratava-se de escravos, mas os bens de seus respectivos amos estavam confiados à sua administração. Havia duas classes principais de mordomos. O *dispensatore*, dispensador, que era responsável por todos os assuntos domésticos da família, que provisionava e distribuía as provisões para a casa. Por outro lado estava o *vilicus*, o mordomo encarregado das propriedades de seu amo e que agia representando este perante os arrendatários das terras. O mordomo sabia perfeitamente que nenhuma daquelas coisas que estavam sob seu controle lhe pertencia, pois todas elas eram propriedade exclusiva de seu amo. Ao administrar esses bens sua única obrigação era ter em conta os interesses de seu amo; em tudo o que fazia era responsável perante este.

O cristão deve estar sempre consciente de que nada do que possui — já seja em bens materiais ou em aptidões pessoais — é seu. Tudo o que possui pertence a Deus e em todo momento deve usá-lo tendo em

conta os interesses divinos utilizando esses bens como Deus mesmo os utilizaria. Deve lembrar que terá que responder perante Deus. Sendo assim, o seguidor de Cristo terá a segurança de que tudo o que tem pode e deve ser usado para servir a seu próximo.

O FUNDAMENTO E O PROPÓSITO DE TODO ESFORÇO CRISTÃO

1 Pedro 4:11

Aqui Pedro está pensando em duas grandes atividades da Igreja cristã: pregação e serviço prático. O vocábulo que usa Pedro traduzido por *palavras*, é *logia*. Este é um termo com uma tipo de pano de fundo divino. Os pagãos empregavam esta palavra para referir-se aos oráculos que lhes eram enviados por seus deuses. Os cristãos, por sua vez, utilizavam-no para referir-se às palavras da Escritura ou às palavras de Cristo. De maneira que Pedro está dizendo "se alguém tiver o dever de pregar, que pregue então não como quem está dando suas próprias opiniões ou divulgando seus próprios preconceitos, mas sim como alguém que recebeu uma mensagem de Deus".

A respeito de um grande pregador dizia-se que "primeiro escutava a Deus e depois falava com os homens" Com relação a outro comentava-se que quando freqüentemente fazia pausa em sua pregação parecia "como se estivesse esperando que uma voz lhe falasse". Nisto reside o segredo do poder da pregação.

Além disso, Pedro prossegue dizendo que se um cristão está empenhado no serviço cristão prático, deve desempenhá-lo como quem o cumpre com o poder que Deus lhe provê. É como se o apóstolo dissesse "quando estás ocupado no serviço cristão, não deves agir como se estivesses fazendo um favor pessoal ou distribuindo bens de sua própria pertença, mas sim deves agir conscientemente, sabendo que o que estás dando o recebeste primeiro de Deus". Tal atitude livra o doador de todo orgulho e faz com que a dádiva não seja humilhante de modo nenhum.

Todo o propósito aqui é que Deus seja glorificado. A pregação não se faz para exibir a habilidade do pregador, senão para pôr o homem frente a frente com Deus. O serviço não se presta para obter gratidão e prestígio para quem o rende, senão para que o pensamento do favorecido se volte para com Deus.

E. G. Selwyn nos faz lembrar que a divisa da grande ordem de monges beneditinos consta de quatro letras — IOGD — que equivalem às iniciais das palavras latinas (*ut*) *in omnibus glorificetur Deus* ("para que em tudo Deus seja glorificado"). Uma nova graça e uma nova glória se manifestariam na Igreja se todos os seus membros deixassem de fazer as coisas para si mesmos e as fizessem para Deus. Bem faríamos em manter perante nós as letras IOGD colocando-as onde sempre pudéssemos vê-las para assim não esquecer que tudo deve ser feito para a glória de Deus e para a humilhação do eu.

A INEVITÁVEL PERSEGUIÇÃO

1 Pedro 4:12-13

A perseguição deve ter sido uma experiência muito mais desalentadora para os gentios que para os judeus. Em geral, os gentios tinham experimentado muito pouca perseguição enquanto que, ao contrário, os judeus foram sempre o povo mais perseguido da Terra. A perseguição formava parte de sua herança. Pedro estava escrevendo a cristãos de origem gentílica e tentava ajudá-los, mostrando a perseguição em seus verdadeiros termos. Nunca é fácil ser cristão. Ainda hoje a vida cristã pode trazer sua própria solidão, sua própria impopularidade, seus próprios problemas, seus próprios sacrifícios e suas próprias perseguições. Portanto, seria bom termos em mente alguns grandes princípios.

(1) Pedro pensava que a perseguição é inevitável. A natureza humana se desgosta, ofende-se e considera com suspicácia a qualquer pessoa que seja distinta; e o cristão é necessariamente distinto do homem

do mundo. O particular impacto da diferença cristã torna o assunto mais delicado ainda. O cristão leva ao mundo as normas de Cristo. Esta é outra forma de dizer que inevitavelmente o seguidor de Cristo é como uma espécie de consciência para qualquer grupo ou sociedade na qual atue; e não faltam os que prazerosamente eliminariam seus incômodos remorsos de consciência. A mesma bondade do cristianismo pode resultar ofensiva num mundo onde a bondade é uma desvantagem.

(2) Pedro pensava que a perseguição é uma provação. É uma provação num duplo sentido. A devoção do homem a qualquer princípio pode ser medida através de sua disposição para sofrer e para sacrificar-se por tal princípio. Portanto, qualquer classe de perseguição resulta uma prova da fé desse homem. Mas é igualmente certo que unicamente será açoitado o verdadeiro cristão. O cristão que contemporiza com o mundo, aquele que subestima a diferença entre a maneira de ser cristã e a maneira de ser do mundo; aquele que se adapta ao mundo, este não será açoitado. Num duplo sentido a perseguição é a prova da fé do indivíduo.

(3) Chegamos agora ao excelso. Ser perseguidos é participar dos padecimentos de Cristo. Quando alguém tem que sofrer e sacrificar-se por seu cristianismo, é que está transitando pelo caminho que já seguiu seu próprio Mestre, é que está compartilhando a cruz que seu Mestre já carregou. Se sofremos com Ele, também seremos glorificados com Ele (Romanos 8:17). O desejo de Paulo é entrar na participação dos sofrimentos de Cristo (Filipenses 3:10). Se sofremos com Ele, também reinaremos com Ele (2 Timóteo 3:11). Se lembramos isto, então qualquer coisa que tenhamos que sofrer pela causa de Cristo será um privilégio e não um castigo.

(4) A perseguição é o caminho à glória. A cruz é o caminho à coroa. Jesus Cristo não é um devedor ao homem, e sua alegria e sua coroa aguardam quem, atravessando toda prova, tenha-lhe sido fiel.

A BEM-AVENTURANÇA DE SOFRER POR CRISTO**1 Pedro 4:14-16**

Aqui Pedro diz o mais importante. Se alguém sofre por Cristo, o glorioso Espírito de Deus descansa sobre ele. Em grego esta é uma frase muito estranha. Literalmente diz: *a presença da glória*. Cremos que isto pode significar somente uma coisa. Os judeus tinham o conceito do que eles chamavam a *Shekinah*. Esta era o luminoso resplendor da própria presença de Deus. É este um conceito ao qual constantemente recorre o Antigo Testamento. Diz Moisés "...e, pela manhã, vereis a *glória* do SENHOR" (Êxodo 16:7). "E a glória do SENHOR pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias", quando Moisés estava recebendo a Lei (Êxodo 24:16). No tabernáculo Deus encontrava-se com Israel, e o tabernáculo tinha que ser santificado com sua glória (Êxodo 29:43). Quando o tabernáculo foi concluído, "Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo" (Êxodo 40:34). Quando a arca da aliança foi introduzida no templo de Salomão "uma nuvem encheu a Casa do SENHOR, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, por causa da nuvem, porque a *glória* do SENHOR enchera a Casa do SENHOR" (1 Reis 8:9-11). Repetidamente aparece no Antigo Testamento esta idéia da *Shekinah*, do resplendor, da luminosa glória de Deus em forma de luz visível.

Pedro está convencido de que algo desse resplendor da glória descansa sobre a pessoa que sofre por Cristo. Quando Estêvão estava sendo submetido a juízo e quando já era evidente que seria condenado a morte, aqueles que observavam seu rosto viram nele o rosto de um anjo (Atos 6:15). O vitupério de sofrer por Cristo se transforma em glória; algo da mesma glória de Deus repousa sobre quem sofre por Cristo.

O apóstolo continua assinalando que o cristão deve sofrer como tal e não como malfeitor. As maldades que Pedro assinala são todas suficientemente claras até que chegamos à última. O cristão — afirma o

apóstolo — não tem que sofrer como *alлотriepiskopos*. O problema é que não há outro exemplo desta palavra no grego, e Pedro bem pode tê-la inventado. Tentamos investigar o que significa aquele termo grego. Pode ter tido três possíveis sentidos, todos os quais seriam pertinentes aqui. Deriva de duas palavras: *alлотrios*, que significa "pertencer a outro"; e *episkopos*, quer dizer: "olhar sobre ou olhar dentro de". A palavra, portanto, indica olhar aquilo que corresponde a outro (NVI, *quem se intromete em negócios alheios*).

(1) Olhar aquilo que corresponde a outro, bem poderia ser lançar um olhar ambicioso. Tanto a Bíblia latina como Calvino tomam esta palavra atribuindo-lhe o significado de que o cristão não deve ser ambicioso.

(2) Olhar as coisas que pertencem a outro poderia significar interessar-se excessivamente nos assuntos de outras pessoas, ser um fofoqueiro, um intrometido. E isto é o que com maior probabilidade significa essa palavra. Há cristãos que são intrometidos e que causaram muitíssimo dano com suas imprudentes interferências, críticas e intervenções. Isto significaria que o crente nunca deveria ser um *intrometido*, alguém que se mistura em assuntos alheios. Este, cremos, é o melhor sentido.

(3) Mas há ainda uma terceira possibilidade. *Alлотrios* significa "aquilo que pertence a alguma outra pessoa". Quer dizer, aquilo que é alheio e estranho a si próprio. Se buscarmos o significado deste vocábulo seguindo esta linha *alлотriepiskopos* significaria então *olhar aquilo que é alheio ou estranho a si mesmo*. Com relação a um cristão isto significaria ser culpado de má conduta, culpado de misturar-se em assuntos que não correspondem a um cristão, coisas que não concordam com a vida cristã. Teríamos aqui, então, uma advertência para que nunca nos comprometamos em nenhum assunto ou iniciemos algo que seja incompatível com a vida que deve levar um seguidor de Cristo.

Ainda que os três significados são possíveis e as três advertências são pertinentes, cremos que a terceira é a correta. O preceito de Pedro é

que se o cristão tiver que sofrer por Cristo, que sofra de tal maneira que seu sofrimento dê glória a Deus e ao nome que leva. Sua vida e sua conduta têm que ser o melhor argumento probatório de que não merece o sofrimento que está padecendo. Mediante sua forma de viver e mediante sua atitude em face do sofrimento que tem que suportar, o seguidor de Cristo tem que exaltar o nome que leva.

CONFIANDO A DEUS TODA A VIDA

1 Pedro 4:17-19

Na opinião de Pedro era tão mais necessário para o cristão fazer o bem por quanto o juízo de Deus estava próximo a começar.

O juízo ia começar pela casa de Deus. Ezequiel ouve a voz de Deus proclamando juízo sobre seu povo, e essa voz diz: “Começai pelo meu santuário” (Ezequiel 9:6). Onde o privilégio foi maior o juízo será mais severo.

E se o juízo deve cair sobre a Igreja de Deus, qual será o destino daqueles que foram completamente negligentes e desobedientes ao convite e ao mandamento de Deus? Pedro reforça sua apelação com uma citação de Provérbios 11:31: “Eis que o justo é punido na terra; quanto mais o ímpio e o pecador!”

Finalmente, Pedro exorta o seu povo para prosseguirem fazendo o bem e a que, em qualquer coisa que lhes suceda, confiem suas vidas a Deus que é o Criador, em quem eles podem confiar. A palavra traduzida *encomendem* no original grego é *paratithesthai*, vocábulo técnico que significa *depositar dinheiro em mãos de um amigo fiel*. Na antigüidade não havia bancos e poucos eram os lugares seguros nos quais depositar dinheiro. Sendo assim as coisas, quando alguém saía de viagem freqüentemente deixava seu dinheiro aos cuidados de um amigo. Tal amostra de confiança era considerada como um dos atos mais sagrados. O amigo estava absolutamente obrigado, tanto por sua honra como por sua religião, a reintegrar intacto o dinheiro.

Heródoto (6:86) tem um relato a respeito desse tipo de confiança. Certo cidadão de Mileto chegou a Esparta porque tinha ouvido a respeito da rigorosa venerabilidade dos espartanos e confiou seu dinheiro a um tal Glauco. Disse-lhe que, a seu devido tempo, seus filhos reclamariam esse dinheiro e, para estabelecer sua identidade em forma inequívoca, levariam uma contra-senha. Passou o tempo e chegaram a Esparta os filhos do miletano. Astutamente Glauco afirmou que ele não lembrava que lhe tivesse sido confiada soma alguma de dinheiro, e adicionou que desejava quatro meses para pensar nesse assunto. Os miletanos se retiraram tristes e preocupados. Glauco consultou com os deuses o que devia fazer e eles lhe advertiram que tinha que reintegrar aquele dinheiro. Assim o fez, mas pouco depois morreu e, junto com ele, toda sua família. Na época de Heródoto não ficava vivo nem um só membro dessa família devido ao fato de que os deuses se zangaram porque aquele homem se atreveu a pensar numa possível ruptura de seu compromisso. Até o fato de pensar em evitar tal compromisso era um pecado mortal.

Mas voltemos agora para o que o apóstolo nos ensina. Se alguém confiar sua própria pessoa a Deus, este não o pode defraudar. Se tal depósito é sagrado para os homens, quanto mais o será para Deus. Esta é a mesma palavra usada por Jesus quando disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lucas 23:46). Sem reserva alguma Jesus confiou-se ao cuidado de Deus, seguro de que enfim Deus não o defraudaria. O mesmo devemos fazer nós. Este antigo conselho é ainda muito saudável. "Confie em Deus e façam o bem".

1 Pedro 5

[Os anciãos da igreja - 5:1-4](#)

[Os anciãos cristãos - 5:1-4 \(cont.\)](#)

[Riscos e privilégios do ancião - 5:1-4 \(cont.\)](#)

[O ancião ideal - 5:1-4 \(cont.\)](#)

[Lembrando de Jesus - 5:1-4 \(cont.\)](#)

[A veste da humildade - 5:5](#)

As leis da vida cristã (1) - 5:6-11

As leis da vida cristã (2) - 5:6-11

Um fiel seguidor dos apóstolos - 5:12

Saudações - 5:13

Em paz uns com os outros - 5:14

OS ANCIÃOS DA IGREJA

1 Pedro 5:1-4

Poucas passagens há tão claras como esta que mostrem a importância dos anciãos na igreja primitiva. É a eles que Pedro escreveu especialmente. E ele, que era o chefe dos apóstolos, não vacila em chamar-se a si mesmo "ancião também com eles".

Vale a pena considerar algo do pano de fundo e da história do ancião, o mais antigo e mais importante ofício dentro da Igreja.

(1) A função de ancião tem um pano de fundo judeu. Os judeus fazem remontar a origem da função de ancião aos dias em que os filhos de Israel estavam atravessando o deserto rumo à Terra Prometida. Chegou então um momento em que Moisés sentiu que para ele sozinho era muito pesada a carga de dirigir a multidão em marcha. Foi então quando para ajudá-lo foram escolhidos setenta anciãos aos quais foi concedida uma porção do espírito de Deus (Números 11:16-30). Desde então os anciãos passaram a ser uma característica permanente da vida judia. Encontramo-los como amigos dos profetas (2 Reis 6:32); como conselheiros dos reis (1 Reis 20:8; 21:11), como colegas dos príncipes na administração dos assuntos da nação (Esdras 10:8). Cada aldeia e cada cidade tinha seus anciãos, que se reuniam à porta de entrada das mesmas onde administravam justiça ao povo (Deuteronômio 25:7). Os anciãos eram os administradores da sinagoga; eles não pregavam, mas sim tratavam de cuidar da ordem e da boa administração, e exerciam a disciplina entre seus membros. Os anciãos formavam a maioria do

Sinédrio, a corte suprema dos judeus, e são regularmente mencionados junto com os sumos sacerdotes, os príncipes, os escribas e fariseus (Mateus 16:21; 21:23; 26:3, 57; 27:1, 2; Lucas 73; Atos 4:5; 6:11; 24:1). Na visão do Apocalipse há vinte e quatro anciãos em redor do trono. É evidente que os anciãos estavam integrados à própria estrutura do judaísmo, tanto nos assuntos civis como nos religiosos.

(2) A função do ancião tinha também um pano de fundo grego. Especialmente nas comunidades egípcias encontramos os anciãos como dirigentes da comunidade e como responsáveis da direção dos assuntos públicos, em maneira semelhante a como os conselheiros municipais de hoje são responsáveis pelos assuntos da comunidade local. Encontramos referências a uma mulher que tinha sido ultrajada e que apelava aos anciãos para que lhe fizessem justiça. Ao ser arrecadado o cereal que devia ser entregue como tributo ao governador que estava de visita, encontramos que "os anciãos dos agricultores" são os funcionários responsáveis. Encontramo-los relacionados com a publicação dos decretos, com o arrendamento de terras de pastoreio, com a arrecadação de impostos. Na Ásia Menor também os membros dos conselhos e corporações eram chamados anciãos. Até nas comunidades do mundo pagão descobrimos que se faz menção de "sacerdotes anciãos" responsáveis por exercer a disciplina.

No templo do Socnopeo achamos os sacerdotes anciãos ocupados em considerar o caso de um sacerdote acusado de deixar muito longo o cabelo e de vestir roupas de lã — sinais de conduta efeminada e luxo — coisas das que nenhum sacerdote devia ser culpado.

Podemos ver, pois, que muito antes de que o cristianismo o adotasse o de *ancião* era um título honroso tanto no mundo judeu como no greco-romano.

OS ANCIÃOS CRISTÃOS**1 Pedro 5:1-4 (continuação)**

Ao focar agora nossa atenção na Igreja cristã deparamo-nos com o fato de que a função de ancião era um ofício fundamental.

Paulo costumava ordenar anciãos em toda comunidade na qual pregava e em cada Igreja que deixava fundada. Em sua primeira viagem missionária ordenou anciãos em cada Igreja (Atos 14:23). Tito é deixado em Creta para que ordene anciãos em cada cidade (Tito 1:5). Os anciãos têm o cargo de administrar as finanças da Igreja; é a eles que Paulo e Barnabé entregam o dinheiro enviado para socorrer os pobres de Jerusalém no tempo da fome (Atos 11:30). Encontramo-los tomando uma parte decisiva nas decisões do concílio de Jerusalém quando se resolveu abrir as portas da Igreja aos gentios. Tanto é isto assim que os anciãos e os apóstolos são mencionados junto com as principais autoridades da Igreja (Atos 15:2; 16:4).

Quando Paulo chega em sua última visita a Jerusalém, aos que ele informa é aos anciãos e também a eles é que se sugere quais são os procedimentos a seguir (Atos 21:18-25). Uma das mais comovedoras passagens do Novo Testamento são as palavras de despedida de Paulo perante os anciãos de Éfeso. Ali nos deparamos com o fato de que os anciãos, tal como Paulo os considera, são os protetores do rebanho de Deus, os defensores da fé (Atos 20:28-29). Por Tiago nos inteiramos de que os anciãos exerciam funções de cura mediante orações e unção com azeite (Tiago 5:14). Pelas epístolas pastorais sabemos que os anciãos eram administradores e mestres e que, nesse então, eram funcionários pagos pela Igreja (1 Timóteo 5:17; a frase *dobrada honra* estaria melhor traduzida se dissesse *duplo pagamento*).

Quando alguém ingressa na função de ancião é-lhe conferida uma não pequena honra. Está ingressando no mais antigo ofício religioso do mundo, cuja história pode ser rastreada através de quatro mil anos. Quando alguém ingressa no desempenho da função de ancião é-lhe

conferida uma não pequena responsabilidade, porque recebe ordem para ser pastor da grei de Deus e defensor da fé.

RISCOS E PRIVILÉGIOS DO ANCIÃO

1 Pedro 5:1-4 (continuação)

Nesta passagem Pedro estabelece, mediante uma série de contrastes, os privilégios de ser ancião. É preciso destacar que tudo o que o apóstolo diz aqui é aplicável não só aos anciãos, mas também a todo serviço cristão prestado tanto dentro como fora da Igreja.

O ancião deve assumir seu ofício não por coerção, mas sim de boa vontade. Isto significa que no desempenho de sua função não cometerá abusos nem usurpações, nem que leviana e despreocupadamente começará suas tarefas sem refletir com seriedade nas responsabilidades que está assumindo. Todo cristão experimentará certo temor antes de aceitar qualquer cargo elevado, e isto porque conhece muito bem suas próprias limitações e sua própria indignidade. De certa maneira pessoa é constrangida a aceitar a função e ingressar no serviço cristão. Diz Paulo: “Pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Coríntios 9:16). “O amor de Cristo nos constrange” (2 Coríntios 5:14).

Mas há outra maneira de aceitar responsabilidades e de prestar serviços. É uma maneira muito distinta. É como se fosse um dever penoso e desagradável, como se fosse uma carga que a pessoa resistisse a levar. É bem possível que se peça a uma pessoa que faça algo e tal pessoa cumpra o que lhe foi pedido, mas também é possível que o faça em forma tão antipática que malogre a tarefa que lhe foi encomendada. O que diz Pedro não é que despreocupada e levemente devemos desejar o desempenho de alguma função. O que diz é que todo cristão deveria desejar reverentemente prestar o serviço que possa ainda que tenha plena consciência de sua indignidade para isso.

O ancião deve aceitar esta função, não para fazer dela um meio para obter benefícios desonestos, mas com o anelo de servir. A idéia de obter *lucros desonestos* está expresso pelo advérbio *aiscrokerdes*. O substantivo correspondente é *aiscrokerdeia* que é uma característica que os gregos detestavam.

Teofrasto, o grande delineador grego do caráter, fez uma biografia das características desta *aiscrokerdeia*. A mesquinha como pode traduzir-se, é basicamente um desejo de lucros indignos, mesquinhos. É o tipo de pessoa que nunca serve suficiente alimento a suas visitas, mas ao contrário, serve-se a si mesmo uma dupla porção quando está cortando a presa. Mistura água ao vinho e só concorre ao teatro quando alguém lhe obsequia a entrada. É aquele que nunca tem dinheiro para pagar a passagem e sempre está pedindo dinheiro emprestado a seus companheiros de viagem. Quando vende cereal usa uma medida cujo fundo se levanta e, além disso, passa várias vezes a rasoura pela superfície. Conta as sobras restantes da janta para averiguar se os serventes comeram algo. Em lugar de dar um obséquo de bodas, prefere ausentar-se quando se aproxima uma boda.

Todas estas atitudes constituem uma falta muito feia. É evidente que na Igreja primitiva havia gente que acusava a alguns pregadores e missionários de estar desempenhando esses cargos com o desejo de obter benefícios. Paulo reiteradamente afirmou que ele nada tinha cobiçado dos bens alheios, mas ao contrário, trabalhava com suas próprias mãos para atender a suas necessidades e para não ser peso para ninguém (Atos 20:33; 1 Tessalonicenses 2:9; 1 Coríntios 9:12; 2 Coríntios 12:14). É verdade que o pagamento que recebia qualquer pessoa com cargos na Igreja primitiva era infelizmente escasso, e as repetidas advertências aos que desejavam desempenhar funções no sentido de "não ser ambiciosos de lucros desonestos" indica que havia aqueles que cobiçavam mais (1 Timóteo 3:3, 8; Tito 1:7, 11). O que Pedro sublinha — e este é um ponto que nunca perde atualidade — é que ninguém deve aceitar um cargo ou

prestar um serviço pelas vantagens que possa obter. Seu desejo sempre deve ser dar e não receber.

O ancião aceitará esta função não para converter-se num tirano, senão para ser pastor e exemplo do rebanho. A natureza humana é tal que para muita gente o prestígio e o poder são mais atrativos que o dinheiro. Há aqueles que desejam ter autoridade, ainda que tal autoridade seja exercida só num círculo reduzido.

O Satanás do Milton pensava que era melhor reinar no inferno que servir no céu.

Shakespeare falava do homem orgulhoso, investido de uma passageira autoridade e fazendo tais travessuras perante os altos céus que fariam chorar os anjos.

A grande característica do pastor é sua generosa solícitude e seu amor sacrificial pelas ovelhas, Qualquer pessoa que assuma esse cargo com idéia de ser proeminente, de exercer autoridade, de se tornar um governante entendeu o assunto completamente à inversa. A seus ambiciosos discípulos Jesus advertiu: “Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos” (Marcos 10:42-44).

O ANCIÃO IDEAL

1 Pedro 5:1-4 (continuação)

Há nesta passagem algo que desafia toda tradução. A frase que na Tradução RA diz *dos que vos foram confiados*, no original grego é muito interessante. Trata-se de *ton kleron*, que é um plural genitivo. O mais extraordinário reside na palavra *kleros*. (*Kleros* é o nominativo). É um termo particularmente curioso.

(1) Começa significando um *dado* ou uma *sorte*. Usa-se também em Mateus 27:35 onde se relata como os soldados que estavam sob a cruz arrojaram os dados (*kleroi*) para saber a quem corresponderia a túnica de Jesus.

(2) Significa um ofício obtido ou recebido mediante *sorteio*. Este termo é usado em Atos 1:26. Ali nos é dito que os discípulos lançaram sortes para saber quem herdaria o posto de Judas o traidor.

(3) Logo chega a significar uma herança concedida a alguém. Neste sentido usa-se em Colossenses 1:12 onde fala-se da *herança* dos santos.

(4) No grego clássico com muita frequência significa uma concessão pública de terras. Estes parcelamentos eram distribuídos pelas autoridades civis aos cidadãos. Com frequência a distribuição se realizava mediante sorteio, determinando-se assim as distintas parcelas de terra.

Agora, ainda que nos detivéssemos aqui esse termo significaria que, no ofício de ancião, qualquer parte ou aspecto do serviço que nos seja devotado nunca o teremos *ganho* por mérito próprio, mas sim sempre nos terá sido *adjudicado* por Deus. Não é algo que tenhamos merecido, mas sim algo que Deus nos concede por graça.

Mas podemos ir mais adiante ainda. *Kleros* significa algo que é adjudicado ao homem; algo que lhe foi especialmente atribuído. Em Deuteronômio 9:29 lemos que Israel é a *herança* de Deus. Ali a palavra usada é *kleros*. Quer dizer: Israel, é o povo especialmente adjudicado a Deus, que Deus se atribuiu por sua própria escolha e vontade. Israel é o *kleros* de Deus e a congregação é o *kleros* do ancião. Assim como Israel lhe é adjudicado a Deus, são adjudicados ao ancião seus deveres na congregação. Isto deve significar que a atitude do ancião ou de qualquer pessoa que assuma qualquer tipo de serviço para com seu povo deve ser a mesma atitude de Deus para com seu povo.

Aqui temos outro grande pensamento. No versículo 2 nos melhores manuscritos gregos há uma frase que não aparece nas versões. Em grego esta cláusula é *kata theon*, o qual poderia significar simplesmente *como*

Deus ou segundo Deus. De maneira que Pedro está dizendo aos anciãos. "Apascentem a sua grei segundo Deus o faria". Assim como Israel é a porção especial de Deus, assim também as pessoas que temos que servir na Igreja — ou em qualquer outra parte — é nossa porção especial. Nossa atitude total para com eles deve ser a atitude de Deus: temos que apascentá-los como Deus os apascentaria.

Que estupenda visão se abre diante de nós! Que ideal! E que condenação! Nossa tarefa consiste em mostrar a outros a tolerância de Deus, o perdão de Deus, o constante amor de Deus, o ilimitado serviço de Deus. Deus nos adjudicou uma tarefa para cumprir e devemos cumpri-la como Ele mesmo a cumpriria. Este é o supremo ideal de serviço na Igreja cristã.

LEMBRANDO DE JESUS

1 Pedro 5:1-4 (continuação)

Um dos aspectos mais preciosos desta passagem é toda a atitude de Pedro através da mesma. Começa — poderíamos dizer — colocando-se junto àqueles a quem se dirige. Chama-se a si mesmo "Ancião também com eles". Não se põe a um lado e se eleva acima deles, mas sim vai compartilhar seus problemas e sua experiência cristã com eles. Entretanto, há algo em que Pedro é diferente. Este apóstolo tem lembranças de Jesus e, precisamente, estas lembranças dão a toda esta passagem um colorido especial. À medida que vai falando, amontoam-se em sua mente as lembranças.

(1) Descreve-se a si mesmo como uma testemunha dos padecimentos de Cristo. À primeira vista bem poderíamos pôr em dúvida esta afirmação pelo fato de que o relato evangélico nos diz que depois da detenção no jardim "todos os discípulos o deixaram e fugiram." (Mateus 26:56, TB). Entretanto, se pensamos um pouco mais veremos que a Pedro foi dado observar os sofrimentos de Cristo de uma maneira mais dolorosa e aguda que a qualquer outro ser humano. Pedro seguiu a Jesus

até o interior do pátio da casa do sumo sacerdote e ali, num momento de fraqueza, três vezes negou a seu Mestre. Depois o juízo terminou e Jesus foi tirado dali e então chega o que bem pode ter sido as mais trágicas palavras de todo o Novo Testamento: “Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro... Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente” (Lucas 22:61-62).

Naquele olhar de Cristo, Pedro viu o dilacerador sofrimento do coração de um líder cujo seguidor o tinha traído quando mais desesperadamente o necessitava. Certamente Pedro foi testemunha do sofrimento que Cristo experimenta quando os homens negam a seu Senhor. Por esta razão o apóstolo estava tão ofegante de que seus leitores pudessem ter uma lealdade inamovível e uma indeclinável fidelidade no serviço.

(2) Descreve-se a si mesmo como participante da glória que há de ser revelada. Esta afirmação encerra tanto um olhar retrospectivo como um olhar ao futuro. Pedro havia já saboreado e entrevisto aquela glória sobre o monte da Transfiguração. Ali os três sonolentos foram despertados e, segundo o expressa Lucas, “viram a glória de Jesus” (Lucas 9:32, NVI). Pedro tinha visto a glória. Mas sabia também que havia uma glória que estava por vir, pois Jesus tinha prometido a seus discípulos uma participação na glória quando o Filho do Homem viesse a sentar-se sobre o trono de sua glória (Mateus 19:28). Pedro lembrava tanto a experiência como a promessa da glória.

(3) Não há dúvida de que quando Pedro falava de pastorear a grei de Deus estaria lembrando a tarefa que o próprio Jesus lhe tinha atribuído mesmo quando lhe encomendou apascentar suas ovelhas (João 21:15-17). A recompensa do amor era a designação de um pastor, e Pedro estava lembrando a tarefa que Cristo lhe havia confiado.

(4) Ao referir-se a Jesus como o Supremo Pastor, muitas lembranças devem ter vindo à memória de Pedro. Jesus se tinha comparado a si mesmo com o pastor que, arriscando sua vida, sai em busca da ovelha perdida (Mateus 18:12-14; Lucas 15:4-7). Tinha

enviado seus discípulos para buscar as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 10:6). Comovia-se perante o espetáculo das multidões que estavam como ovelhas sem pastor (Mateus 9:36; Marcos 6:34). E, acima de tudo, Jesus se tinha comparado a si mesmo com o Bom Pastor que estava preparado para dar sua vida pelas ovelhas (João 10:1-18). A figura de Jesus como Pastor é das mais preciosas, e o de ser pastores do rebanho de Cristo era para Pedro o maior dos privilégios que os servos do Senhor podiam desfrutar.

A VESTE DA HUMILDADE

1 Pedro 5:5

Aqui o apóstolo volta ao pensamento de que o rechaço e a negação do eu têm que ser uma característica do cristão. Reforça seu raciocínio com uma citação do Antigo Testamento: “Certamente, ele escarnece dos escarnecedores, mas dá graça aos humildes” (Provérbios 3:34).

Novamente aqui bem pode ser que no coração de Pedro estejam as lembranças de Jesus, e que isto dê colorido a todo seu pensamento, Pedro aconselha a seus leitores que se *revistam* de humildade. A palavra que usa para expressar a idéia de revestir-se é muito insólita. Trata-se do termo *egkombousthai*, vocábulo que se deriva de *kombos*, palavra que descreve qualquer coisa maça com um nó; relacionada com este se acha a palavra *egkomboma*; era um vestido preso com um nó. Geralmente usava-se como protetor da roupa; usava-se como um par de mangas que cobriam as mangas da roupa principal e se sujeitava com um nó atrás do pescoço. Usava-se como avental para os escravos. Houve ocasiões em que Jesus vestiu precisamente esta classe de avental. João diz que durante a Última Ceia o Senhor tomou uma toalha e a colocou ao redor da cintura, e que recolheu água e começou a lavar os pés de seus discípulos (João 13:4-5). Jesus se vestiu com o avental da humildade e assim têm que fazer também seus seguidores.

Sucedo que esta palavra *egkoubousthai* também é empregada para referir-se a outra classe de roupa. Significa, neste outro caso, vestir um tipo de estola longa e flutuante que era sinal de honra e de preeminência.

De maneira que, para completar a metáfora, temos que pôr juntas ambas as figuras. Jesus vestiu uma vez o avental do escravo e desempenhou a mais humilde de todas as tarefas: lavar os pés de seus discípulos. Da mesma forma nós temos em todas as coisas que nos vestir com o avental da humildade e servir a Cristo e a nosso próximo. E esse mesmo avental da humildade se tornará para nós em vestimenta de honra porque aquele que é servo de todos será também o maior no reino dos céus.

AS LEIS DA VIDA CRISTÃ (1)

1 Pedro 5:6-11

Aqui Pedro fala em imperativos, estabelecendo certas leis para a vida cristã.

(1) Existe a lei da humildade cristã perante Deus. O cristão deve humilhar-se sob a poderosa mão de Deus. A frase *a poderosa mão de Deus* é comum no Antigo Testamento, onde se usa com maior freqüência com relação à libertação que Deus efetuou em favor de seu povo ao tirá-lo do Egito. “com mão forte o SENHOR te tirou do Egito diz Moisés em Êxodo 13:9. “Ó SENHOR Deus! Passaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua poderosa mão” (Deuteronômio 3:24). Deus tirou do Egito a seu povo com mão poderosa (Deuteronômio 9:26). A idéia é que a poderosa mão de Deus está no destino de seu povo se eles, humilde e fielmente, aceitam sua condução. Depois de suas múltiplas experiências, José pôde dizer a seus irmãos que tinham buscado eliminá-lo: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gênesis 50:20). O seguidor de Cristo nunca rejeita as experiências de sua vida e nunca se rebela contra elas porque sabe que a poderosa mão de Deus está no leme de sua vida e Deus lhe tem um destino reservado.

(2) Existe a lei da serenidade cristã baseada em Deus. O cristão tem deve deixar todas suas ansiedades nas mãos de Deus: “Entregue suas preocupações ao Senhor, e ele o susterá” (Salmo 55:22, NVI). “Não andeis ansiosos pela vossa vida”, disse Jesus (Mateus 6:25). Podemos aceitar isto confiantemente porque temos a certeza de que Deus cuida de nós. Como o expressa Paulo, podemos ter a certeza de que Aquele que deu o seu Filho unigênito também dará com Ele todas as coisas (Romanos 8:32). Podemos estar seguros de que por causa de que Deus cuida de nós, a vida não existe para nos destruir senão para nos formar; e com esta segurança podemos aceitar qualquer experiência que nos sobrevenha sabendo que Cristo opera em tudo para o bem daqueles que o amam (Romanos 8:28).

(3) Existe a lei do esforço e da vigilância cristãos. Temos que ser sóbrios e estar alertas. O fato de deixar nossas ansiedades ao cuidado do Senhor não nos autoriza a nos sentar e não fazer nada.

O conselho de Cromwell a suas tropas era este: "Confie em Deus e mantenham seca a pólvora." A confiança e o esforço têm que andar juntos. Pedro sabia quão dura era esta vigilância, pois deve ter lembrado como no Getsêmani ele e seus companheiros dormiram quando teriam que ter estado vigiando junto com Jesus (Mateus 26:38-46). O cristão é pessoa que confia mas que, ao mesmo tempo, dedica todo seu esforço e toda sua vigilância aos assuntos da vida cristã.

(4) Existe a lei da resistência cristã. O diabo sempre está buscando a quem arruinar. Novamente Pedro deve ter lembrado como o diabo o tinha vencido e como havia negado a seu Senhor. O diabo é o inimigo jurado do homem e a fé de este tem que ser sólida como uma muralha para que os ataques diabólicos se despedacem ao se chocar contra ela. O diabo é como qualquer covarde: retira-se quando corajosamente se resiste com a força e com a companhia de Jesus Cristo.

AS LEIS DA VIDA CRISTÃ (2)**1 Pedro 5:6-11 (continuação)**

(5) Finalmente Pedro refere-se à lei cristã do sofrimento. Diz que depois que o cristão tenha experimentado o sofrimento e atravessado por ele, Deus o aperfeiçoará, firmará, fortalecerá e estabelecerá. Cada uma destas palavras tem em seu pano de fundo uma figura dinâmica. Cada um destes verbos diz algo a respeito do propósito que Deus tem ao permitir que o homem sofra.

(a) Mediante o sofrimento Deus *aperfeiçoará* (ou restaurará) o homem. No original este termo é *kartarizein* e é difícil de traduzir, geralmente usa-se para referir-se a soldar uma fratura; é a palavra empregada em Marcos 1:19 quando fala-se de remendar redes. Significa prover aquilo que falta, remendar o que está quebrado, repor uma parte que falta. De maneira que o sofrimento, se é aceito com humildade e amor, pode prover à pessoa o que lhe está faltando em seu caráter; pode corrigir a fraqueza e outorgar uma grandeza que agora não existe.

Diz-se que Sir Edward Edgar ouviu uma vez uma menina cantando um solo pertencente a uma de suas composições. Tinha ela uma voz de excepcional clareza, pureza e alcance, semelhante a de um soprano masculino. Possuía, além disso, uma técnica quase perfeita para resolver as dificuldades que pudesse apresentar o solo. Ao finalizar o canto, Sir Edward disse brandamente: "Chegará a ser realmente grande quando lhe suceder algo que quebrante o seu coração".

Por sua vez, o famoso novelista e dramaturgo escocês Barrie conta como sua mãe perdeu o filho mais querido e acrescenta: "Por isso minha mãe chegou a ter esses doces olhos, e também por isso é que outras mães vão a ela quando perderam algum filho". O sofrimento tinha feito por ela algo que nunca teria obtido de uma maneira fácil. Com o sofrimento Deus se põe a adicionar à vida os detalhes preciosos.

(b) Mediante o sofrimento Deus *firmará* ao homem. O termo grego é *sterixein* que significa torna tão firme e sólido como o granito. O

sofrimento corporal e a tristeza de espírito fazem uma de duas coisas. Ou fazem que o homem sofra um colapso ou que surja com um sólido caráter que de nenhuma outra maneira poderia conseguir. O resultado de tudo isso é como o atleta que mediante o rigor de seu treinamento e o total esforço de suas competições surge com um novo vigor, com uma nova fibra e com uma potência que supera toda demanda de luta. Emerge como o aço endurecido que foi temperado no fogo.

(c) Mediante o sofrimento Deus *fortalecerá* o homem. O verbo é *sthenoun* que significa *encher de força*. Novamente temos aqui o mesmo significado. Uma vida sem esforço e sem disciplina quase necessariamente se converte numa existência abrandada e frívola. Ninguém conhece realmente o que significa a fé até que seja provado no crisol da aflição. Há algo duplamente precioso com relação à fé que passou através da dor e da tristeza, do desalento e da perda e que, finalmente, emergiu resplandecente como nunca antes. O vento apagará uma chama fraca, mas também avivará a chama forte e a converterá em fogo crescente. Assim ocorre também com a fé.

(d) Mediante o sofrimento Deus *estabelecerá* o homem. O verbo aqui é *themelioun*, que significa *pôr os fundamentos*. Só quando temos que enfrentar a tristeza e o sofrimento é quando somos assentados sobre o alicerce da rocha da fé. É então quando descobrimos quais são as coisas que não podem ser comovidas. Quando a vida se desaba é quando também descobrimos que coisas são simples decorações e quais são as básicas, essenciais. Nas provas da vida é onde descobrimos as grandes verdades sobre as quais a vida se funda e das quais não podemos prescindir.

Devemos lembrar que o sofrimento está muito longe de produzir estas preciosas experiências em favor de toda pessoa. É possível que o sofrimento conduza um homem à amargura e ao ressentimento e ao desespero; até lhe arrebatara a pouca fé que tinha. Mas se o sofrimento é aceito com amor, com confiança, com a certeza de que a mão do Pai nunca fará seu filho derramar uma lágrima desnecessária; então, como

fruto deste sofrimento, virão coisas que uma vida fácil nunca teria produzido.

UM FIEL SEGUIDOR DOS APÓSTOLOS

1 Pedro 5:12

Pedro atesta aqui que o que escreveu é certamente a graça de Deus, e exorta a seu povo para que permaneça firme nela em meio das dificuldades.

Diz que escreveu *por meio de Silvano*. A frase em grego é *dia Silouanou* e significa que Silvano era seu agente ou instrumento para escrever. Silvano é a forma completa do nome Silas e está quase fora de toda dúvida que pode ser identificado como o Silvano das Cartas paulinas e como o Silas do relato de Atos. Ao reunir e cotejar as referências a Silas e a Silvano descobrimos que certamente ele era um dos líderes e colunas da Igreja primitiva.

Junto com Judas Barnabé, Silvano foi enviado a Antioquia para comunicar a transcendental decisão do Concílio de Jerusalém mediante a qual ficavam abertas para os gentios as portas da Igreja. No relato desta missão Silvano e Judas são chamados “homens principais entre os irmãos” (Atos 15:22, 27). E não somente entregou a mensagem como simples portador da mesma, mas além disso, recomendou-o com poderosas palavras visto que Silvano era também profeta (Atos 15:32). Durante sua primeira viagem missionária Marcos se separou de Paulo e de Barnabé retornando da Panfília (Atos 13:13); ao preparar sua segunda viagem Paulo se negou a levar outra vez a Marcos como companheiro. A raiz disto Barnabé tomou a Marcos, e Paulo levou consigo Silvano (Atos 15:37-40). Daí em diante Silvano foi durante longo tempo o colaborador principal de Paulo. Esteve com ele em Filipos e ali foi detido e encarcerado com o apóstolo (Atos 16:19, 25, 29). Voltou a reunir-se com Paulo em Corinto e com ele pregou ali o evangelho (Atos 18:5; 2 Coríntios 1:19). Tão estreitamente associado estava Silvano com Paulo

que em ambas as Cartas aos tessalonicenses aparece unido a Paulo e a Timóteo como remetente dessas Epístolas (1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1). É evidente que Silvano era um dos homens mais destacados da Igreja primitiva.

Como já vimos na Introdução, é muito provável que Silvano fosse muito mais que um simples amanuense que escreveu esta Carta e foi encarregado de entregá-la. Uma das dificuldades de 1 Pedro é a excelência do grego com tais matizes clássicos que parece impossível que Pedro, o pescador da Galiléia, possa tê-la escrito por si mesmo.

Agora, Silvano não era somente um homem de peso na Igreja; era também um cidadão romano (Atos 16:37) e tem que ter possuído uma ilustração superior à de Pedro. É muito provável que Silvano tenha tido uma destacada participação na redação desta Epístola.

Somos informados que na China, quando algum missionário deseja enviar uma mensagem a seus fiéis, é freqüente que o escreva no melhor nível de idioma chinês que ele é capaz de alcançar, e depois o entregue a algum cristão nativo para que este o corrija e o redija na forma correta. Em outros casos até chega a explicar a algum cristão chinês a essência do que ele quer expressar e deixa que este o formule no estilo literário e finalmente o passa. Isto é o que mais provavelmente fez Pedro. Ou entregou sua carta a Silvano para que este a aperfeiçoasse até alcançar uma excelente redação em grego, ou a incumbiu ao próprio Silvano o que desejava dizer e deixou que este o expressasse, e por fim acrescentou estes últimos três versículos à maneira de saudação geral.

Silvano era uma dessas pessoas das quais a Igreja não pode prescindir. Ele se conformava sendo somente um nome, tomando um lugar secundário, servindo quase anonimamente a fim de que se realizasse a obra de Deus. Para Silvano era suficiente ser o ajudante de Paulo, ainda que Paulo escurecesse sua personalidade para sempre. Bastava-lhe ser o amanuense de Pedro ainda que isto significasse só uma lacônica menção de seu nome no final da Carta. Mas é imenso o que significa aparecer na história como um fiel servidor e colaborador de

quem dependeram tanto Paulo como Pedro. Como ontem, hoje necessitamos na Igreja homens como Silvano. E muitos que não podem ser um Pedro ou um Paulo ainda podem ser fiéis Silvanos sem os quais nem Pedro nem Paulo poderiam levar a cabo sua obra.

SAUDAÇÕES

1 Pedro 5:13

Ainda que aparente ser muito simples, em realidade este é um versículo dificultoso. Põe-nos em face de certas questões que não são de fácil solução.

(1) Quem envia estas saudações? A Tradução Brasileira diz “a igreja que está em Babilônia...” Mas a frase *a igreja que está* não aparece no original grego. Neste idioma não existe uma palavra equivalente a *Igreja*. Simplesmente diz *a que está em Babilônia também eleita*, e esta frase aparece em feminino. Há duas possibilidades.

(a) É bem possível — e até provável — que a menção da Igreja seja correta. Essa é também a forma que Moffatt adota quando em sua versão inglesa traduz “sua Igreja irmã em Babilônia”. A frase bem pode explicar-se como baseada no fato de que a Igreja é a esposa de Cristo, pode-se falar dela desta maneira. Em geral o ponto de vista mais comum é que aqui se trata da Igreja.

(b) Mas é necessário lembrar que em grego não há em realidade palavra equivalente a *Igreja* e que isto bem poderia aludir a alguma distinguida dama cristã. E se for assim, o mais provável é que aluda à esposa de Pedro. Sabemos que ela acompanhou o marido em suas viagens de pregação (1 Coríntios 9:5).

Clemente de Alexandria (*Stromateis* 7.11.63) relata-nos que ela morreu mártir, sendo executada na presença do próprio Pedro e que este a alentava dizendo: “Lembra do Senhor”. A esposa de Pedro, evidentemente, era uma figura bem conhecida na igreja primitiva.

Nós não gostaríamos de falar dogmaticamente sobre esta questão. Talvez o mais provável seja que se trate de uma referência à Igreja. Entretanto, não é impossível que Pedro esteja associando aqui a sua esposa e colega evangelista nas saudações que envia.

(2) De onde foi escrita esta Carta? As saudações são enviadas de *Babilônia*. Com relação a isto há três possibilidades nítidas.

(a) Havia uma Babilônia no Egito. Estava perto do Cairo e tinha sido fundada por refugiados procedentes de Assíria, que lhe tinham dado o nome da cidade de seus antepassados. Mas por esse então era quase exclusivamente um grande acampamento militar. Além disso, em nenhum caso o nome de Pedro aparece relacionado com o Egito. Por conseguinte, esta Babilônia deve ser descartada.

(b) Estava a cidade de Babilônia no Oriente. A esta Babilônia tinham sido levados em cativo os judeus. Muitos deles jamais tinham voltado. Certamente tratava-se de um centro de erudição judia. O grande comentário da Lei judia é chamado *Talmude de Babilônia*. Tão importantes eram os judeus de Babilônia que Josefo publicou para eles uma edição especial de sua História. Não há dúvida que existia ali uma numerosa e importante colônia judia. Por isso teria sido natural que Pedro, apóstolo dos judeus, tivesse trabalhado e pregado ali. Mas jamais encontramos o nome deste apóstolo relacionado com Babilônia, nem tampouco há indícios nem tradição alguma com relação a sua estadia ali. Eruditos tão destacados como Calvino e Erasmo consideraram esta Babilônia como a grande cidade oriental. Entretanto, cremos que, em geral, as possibilidades estão contra este ponto de vista.

(c) Geralmente a cidade de Roma era chamada "Babilônia" tanto pelos judeus como pelos cristãos. Assim sucede no Apocalipse, onde Babilônia é a grande rameira ébria com o sangue dos santos e dos mártires (Apocalipse 17 e 18). A impiedade, a sensualidade e o luxo peculiares da antiga Babilônia estavam, por assim dizer, reencarnadas em Roma. Agora, segundo a tradição Pedro está explicitamente relacionado com Roma, e o provável é que dali tenha escrito esta Carta.

(3) Finalmente, quem é o Marcos a quem Pedro chama seu filho e de quem também envia saudações? Se admitimos que a dama escolhida é a esposa de Pedro, então o Marcos aqui mencionado bem poderia ser literalmente um filho de Pedro. Mas neste caso é muito mais provável que este Marcos seja aquele que escreveu o evangelho.

Papias — quem viveu pelo fim do século II que foi um grande compilador das tradições primitivas — descreve desta maneira o evangelho de Marcos:

"Marcos, que era o intérprete de Pedro, escreveu com exatidão — ainda que não com ordem — tudo o que este lembrava a respeito do que Cristo havia dito ou feito. Porque ele não tinha escutado ao Senhor, nem era um seguidor dele, mas sim seguiu a Pedro e isto em data posterior e Pedro adaptou suas instruções às necessidades práticas sem intenção de oferecer sistematicamente as palavras do Senhor. De maneira que Marcos não procedeu incorretamente ao deixar constância de algumas coisas de cor, pois sua única preocupação era não omitir nem desvirtuar nada do que tinha escutado".

Segundo Papias, o evangelho de Marcos não é outra coisa senão elementos da pregação de Pedro.

De igual maneira, Irineu expressa que depois da morte de Paulo e de Pedro em Roma, "Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também nos entregou em forma escrita aquilo que Pedro tinha pregado". A tradição assegura de maneira conseqüente que Marcos era certamente como um filho para Pedro, e as probabilidades estão a favor de que estas saudações são enviadas por ele.

Podemos já, pois, cotejar as possibilidades encerradas neste versículo. "Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita" pode ser ou a Igreja ou a esposa de Pedro, sendo mártir ela também. Babilônia pode ser a cidade oriental, mas é mais provável que seja a grande e ímpia Roma. Marcos pode ser um filho de Pedro, a respeito de quem nada

sabemos; mas é mais provável que se trate de Marcos, o autor do Evangelho, quem para Pedro era como um filho.

EM PAZ UNS COM OS OUTROS

1 Pedro 5:14

O mais interessante aqui é o mandamento de saudar-se uns aos outros com um *ósculo de amor*. O beijo foi durante séculos uma parte integrante e preciosa da comunhão e do culto cristãos. Sua história e a de sua gradual eliminação é extremamente interessante.

Entre os judeus existia o costume de que o discípulo beijasse o rabino na bochecha e pusesse as mãos sobre o ombro de seu mestre. Isto é o que Judas fez com Jesus (Marcos 14:44). Para os judeus o beijo era uma saudação de boas-vindas e de respeito. Podemos ver quanto o apreciava Jesus quando se mostrou pesaroso por não havê-lo recebido (Lucas 7:45). As Cartas de Paulo frequentemente concluem com uma exortação a saudar-se uns aos outros com o ósculo santo (Romanos 16:16; 1 Coríntios 16:20; 2 Coríntios 13:12; 1 Tessalonicenses 5:26).

Na Igreja primitiva o beijo chegou a converter-se em parte essencial do culto cristão.

"Que classe de oração pode estar completa se dela se excluir o ósculo santo? Que tipo de sacrifício é aquele do qual os homens se retiram sem a paz?" pergunta Tertuliano (*Dex Oratone* 18).

O beijo, como podemos ver por Tertuliano, era chamado *a paz*. O beijo era uma parte especial do serviço de comunhão. Agostinho relata que quando os cristãos estavam por participar da comunhão "demonstravam sua paz interior mediante o beijo exterior" (*De Amicitia* 6). Este beijo se dava geralmente depois que os catecúmenos tinham sido despedidos, e quando somente estavam presentes os membros da Igreja, e com posterioridade à oração, antes de ser introduzidos os elementos da comunhão.

Diz Justino Mártir: "Quando terminamos com a oração, saudamos uns aos outros com um beijo. Então são trazidos ao que preside o pão e o vinho" (1.65). O beijo era precedido pela oração "pelo dom de paz e de genuíno amor não poluído pela hipocrisia ou o engano", e este beijo era sinal de que "nossas almas estão unidas e dissiparam toda lembrança de maldades" (Cirilo de Jerusalém, *Conferências Catequéticas* 25.5.3). O beijo era sinal de que todas as ofensas tinham sido esquecidas; todas as maldades perdoadas e que aqueles que se sentavam à mesa do Senhor eram certamente um com Ele.

Era esta uma bela prática mas é evidente que também era suscetível de sofrer lamentáveis abusos. Pelas repetidas advertências feitas, é igualmente claro que tais abusos se foram infiltrando.

Atenágoras insiste em que o beijo deve ser dado com a maior precaução, porque se com ele se "infiltra o mais leve pensamento impuro, exclui da vida eterna" (*Leg.* 32). Orígenes reitera que o beijo de paz tem que ser "santo, casto e sincero", e não como o beijo de Judas (*In ROM.* 10:33). Clemente de Alexandria condena o uso vergonhoso do beijo, o qual deveria ser místico porque com o beijo certas pessoas fazem ressonar as Igrejas e assim dão ocasião para turvas suspeitas e maus informes" (*Paedag.* 3:11) Tertuliano refere-se à natural repugnância do marido pagão ao pensar que sua esposa devia ser saudada assim na Igreja cristã (*Ad. Ux.* 2:4).

Na Igreja do Ocidente estes inevitáveis problemas gradualmente levaram ao abandono de tão bela prática. Para o tempo das *Constituições Apostólicas*, no século IV, o beijo estava limitado àqueles que eram do mesmo sexo — os clérigos deviam saudar o bispo, os homens aos homens e as mulheres às mulheres. Nesta forma a prática do beijo santo durou na Igreja do Ocidente até o século XIII. Às vezes foram introduzidos substitutos do beijo. Em certos lugares usava-se um pequeno tablete de madeira ou de metal com a figura da crucificação. Primeiro era beijada pelo sacerdote e depois era passada à congregação onde cada qual a beijava e a passava a quem estava a seu lado. Isto era

sinal de amor mútuo por Cristo e em Cristo. Nas Igrejas do Oriente o costume ainda existe, e não se extinguiu na Igreja grega, enquanto que na Igreja armênia é substituída por uma cortês reverencia.

Podemos notar certos outros usos do beijo na Igreja primitiva. No ato do batismo a pessoa batizada era beijada, primeiro por quem a tinha batizado e, depois, por toda a congregação como sinal de boas-vindas à casa e família de Cristo. Ao bispo recém-ordenado era dado "o beijo do Senhor". A cerimônia matrimonial era ratificada com um beijo, um ato natural tirado do paganismo. Os moribundos primeiro beijavam a cruz e depois eram beijados por todos os presentes. Os mortos eram beijados antes de ser sepultados,

O beijo da paz pode parecer-nos algo muito distante. Vem dos tempos em que a Igreja era uma verdadeira família e uma verdadeira comunhão. Quando os cristãos realmente sabiam o que era amar e verdadeiramente praticavam esse amor uns para com os outros. Uma das maiores tragédias da Igreja moderna com suas congregações multitudinárias nas quais os membros não se conhecem uns aos outros — e nas quais até nem desejam conhecer-se — é que não possam praticar o beijo de paz exceto como uma formalidade. Era um belo costume que estava destinado a desaparecer quando a realidade do companheirismo foi-se perdendo dentro da Igreja.

“Paz a todos vós que vos achais em Cristo”, diz Pedro. Nesta forma confia os seus à proteção da paz de Deus que é maior que todos os problemas e todas as desditas que o mundo pode trazer.